

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEAMBULAÇÕES PELO AGLOMERADO DA SERRA
Lentidão, Corporeidade(s) e Obliteração em Favelas
de Belo Horizonte

THIAGO DE ARAÚJO COSTA

Salvador, agosto de 2011.

THIAGO DE ARAÚJO COSTA

DEAMBULAÇÕES PELO AGLOMERADO DA SERRA

**Lentidão, Corporeidade(s) e Obliteração em Favelas
de Belo Horizonte**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

Área de Concentração: Urbanismo

Orientadora: Profa. Dra. Paola Berenstein Jacques

Co-orientadora: Profa. Dra. Fabiana Dultra Britto

SALVADOR, AGOSTO DE 2011.

*Dedico esse trabalho ao Benjamin,
meu primeiro filho, que aprendeu a caminhar ao
mesmo tempo em que essa dissertação foi redigida.*

AGRADECIMENTOS

Às orientadoras Paola Berenstein Jacques e Fabiana Dultra Britto por instigarem conjuntamente essa pesquisa.

Às professoras Ana Fernandes, Rachel Thomas e aos professores Pascoalino Magnavitta e Xico Costa pelo aprendizado oferecido em suas aulas.

À Silvandra pelo zelo da Secretaria.

Aos professores Cássio Eduardo Viana Hissa e Fernando Gigante Ferraz por suas contribuições nos exames de qualificação.

Aos integrantes do Grupo de Pesquisa Laboratório Urbano pelas experiências de cooperativismo. Aos amigos Gabriel Schvasberg, Moreno Baeta e à Clara Pássaro, companhias nas derivas de iniciação nas ruas de Salvador. À Thais Portela por seus comentários sensíveis na ocasião dos seminários internos.

À minha comadre Cacá e ao meu compadre Peu pela rara cumplicidade.

Essa pesquisa foi desenvolvida com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

SUMÁRIO

Apresentação	10
Pontos de Partida	12

CAPITULO 01: Espaço Urbano Processual

1.1 – O que é o Aglomerado da Serra?.....	18
1.2 – Fabulação Estratégica.....	28
1.3 – Transbordamentos do Aglomerado.....	40
1.4 – Embaralhamentos da Alteridade.....	48
1.5 - Epistemologia da Lentidão.....	54
1.6 – Grafias Labirínticas.....	61
1.7 – Corporeidade(s).....	66

ENTREMEIO

Antiguidade do Horizonte Modernista.....	76
--	----

CAPITULO 02 – Experiências Corpóreas

2.1 – Propósitos das Deambulações.....	80
2.2 – Bloco A: Contorno(s)	82
2.2.1 – Desvio da Avenida que Contorna.....	82
2.2.2 – Bairro de Santa Efigênia.....	84
2.2.3 – Rua Oriente.....	86
2.2.4 – Bairro das Mangabeiras.....	87
2.2.5 – Hospital da Baleia.....	88
2.2.6 – Atalho para a Rua Encerrada.....	89
2.3 – Bloco B: Possivelmente Dentro	91
2.3.1 – Rua do Cerrado.....	91
2.3.2 - Terraplanagem.....	96
2.3.3 - Margeando a Escola Padre Guilherme.....	97
2.3.4 – Quando o Beco Vira Rua.....	98
2.3.5 – Escape pelo Barranco.....	99
2.3.6 – Portal da Vila Cafezal (negociações sinestésicas).....	100

2.3.7 – Pós-Favela.....	101
2.3.8 - Baile Black.....	104
2.4 – Bloco C: As Cabras	105

CAPITULO 03: Instar a Lentidão

3.1 – Trilha de Estilhaços.....	109
3.2 – Trilha Intempestiva.....	115
3.3 – Trilhas que Friccionam a Lentidão.....	118
3.4 – Trilha Profanatória.....	122
3.5 - Trilha do Urbanismo Retardatário.....	127

Considerações Finais	123.
-----------------------------------	------

Referências Bibliográficas	136
---	-----

LISTA DE FIGURAS

RESUMO

A proposição do trabalho é estimular o diálogo entre o Urbanismo e a especificidade das favelas, partindo do questionamento sobre a caracterização consensual do Aglomerado da Serra, um extenso território urbano informal localizado em Belo Horizonte. A caracterização questionada respalda uma operação urbana conhecida como *Programa Vila Viva*, que tem por objetivo a reestruturação das favelas. O trabalho considera referências teóricas que discutem o papel da gestualidade e, especialmente, da lentidão no cotidiano das grandes cidades. Transportando esse debate para um nível metodológico a lentidão é incorporada na experiência de vagar e deambular pela favela, um modo de perceber um processo urbano acontecendo e criticar o modelo de cidade formal que vem sendo implantado. Ao final, o relato se relaciona com imagens de uma geografia em vias de obliteração, percorrendo o que resta de labiríntico na cidade e incluindo o gesto da lentidão no debate acerca da urbanização das favelas.

PALAVRAS-CHAVE: Favelas; Lentidão; Deambulações Urbanas; Aglomerado da Serra.

APRESENTAÇÃO

As raízes dessa pesquisa reportam a uma experiência anterior ao mestrado, quando, em 2008, idealizei um projeto multidisciplinar que envolvia temas de Geografia, Arquitetura e Dança. O projeto *Paisagem Ambulante*, coordenado em parceria com o arquiteto-urbanista Mauricio Leonard e o educador Antônio Henriques, contou com o fomento da Secretaria de Cultura de Belo Horizonte e propôs aproximações das favelas da Serra para suscitar reflexões sobre urbanidades locais. Nessa ocasião, foram realizadas oficinas com um grupo de estudantes vinculados ao ensino fundamental da Escola Municipal Padre Guilherme Peters, que nos encontravam duas vezes por semana na *Marcenaria*, o galpão de dança localizado nas imediações da do Novo São Lucas, entre a Escola e a Avenida do Contorno.

Em particular, meu trabalho consistiu em desenvolver atividades de dança criativa, abarcando o aprimoramento da consciência corporal e jogos coreográficos coletivos. Em outras oficinas o grupo se engajava em procedimentos construtivos, tais como dobraduras, origamis, artesanias e armações têxteis que formavam ambientes efêmeros dentro do galpão. A metodologia comum às diferentes oficinas previa um agenciamento entre três instâncias: Corpo, Abrigo e Mapa. Em minha companhia havia um estímulo recorrente: a proposição *A CASA É O CORPO*, lançada pela artista Lygia Clark na década de 1960¹, e, talvez como nunca antes tivesse acontecido, eu estava experimentando e inventando arte num contexto de adversidade insistente².

¹ As cartas trocadas entre Lygia Clark e Hélio Oiticica constituem um arquivo necessário para compreendermos o vínculo direto entre arte relacional e arte ambiental, que já havia provocado em mim desconcertos e inquietações transformadoras. Ver Clark e Oiticica (1998). A influência desses dois artistas nesse projeto foi, entretanto, relativizada pela atuação dos outros educadores, que traziam consigo suas próprias referências.

² A finalização do projeto *Paisagem Ambulante* se deu com a realização de um Ciclo de Ações Performativas, que consistiu em uma programação com quatro performances de dança, duas palestras e uma mostra de vídeos. Nessa ocasião as colaborações de Renata Marquez e Wellington Caçado, Michelle Moura, Candice Didonet, Ana Reis e Juliana Alvarenga foram preponderantes. Algumas experiências anteriores a *Paisagem Ambulante* já haviam despertado em mim a chance de intercruzamento entre arte e os conhecimentos espaciais originários da Geografia, mas era a primeira vez que desenvolvia um trabalho em meio ao contexto específico da favela. Considero como marcos de minha formação enquanto artista de dança a participação no grupo *Maria do Silêncio*, dirigido por Wagner Schwartz; a participação em alguns festivais internacionais de dança; a residência coreográfica que realizei na *Casa Hoffmann* – Centro de Estudos do Movimento, em Curitiba; a participação na exposição de artes visuais *Ô de dentro Ô de fora: Multiparidade do Parque ao Palácio*, realizada no Palácio das Artes em 2008, que tinha como tema o centenário do Parque Municipal.



Desta situação resultou uma transformação radical da minha visão de mundo que veio alterar meu modo de habitar Belo Horizonte. Foi o contato com os meninos e as meninas da favela que me levou a conhecer as obras que estavam em curso nas imediações do galpão onde dançávamos. A partir dessa conexão comecei a tentar perceber nos seus gestos a reverberação das transformações nas espacialidades que eles percorriam até chegar à oficina, era um exercício perceptivo e não havia certeza da correspondência direta entre os gestos ainda infantis e a transformação da favela, nem tampouco estipulei regras de coincidência. Ao final, acabei por descobrir e aceitar que o tempo de convivência com o grupo seria insuficiente para aprofundar minhas percepções - seria preciso dilatar o tempo dos diálogos. Isso gerou um sentido de persistência que impulsionou a pesquisa rumo a outra cidade, bastante diferente de Belo Horizonte, diga-se de passagem. Como eu sentia a necessidade de continuar estudando, mesmo a distância, o processo de transformação das favelas da Serra, a desterritorialização acentuou minha visão sobre a coexistência do planejado com o improvisado, a vivência urbana de Salvador ia disparando mais e mais questões. O deslocamento geográfico foi primordial para que eu pudesse encontrar um lugar onde a reflexão sobre a camada sensível das cidades está a ser construída.



FIGURAS 01/02: Fotografias das experimentações feitas no âmbito do Projeto Paisagem Ambulante.
 FONTE: Acervo do autor.

Seguramente, esse trabalho não seria o mesmo se não houvesse nele os registros de uma migração. No âmbito do Grupo de Pesquisa Laboratório Urbano, foi bastante decisiva a experiência de intercâmbio com o CRESSON – Centro de Pesquisa sobre o Espaço Sonoro e o Ambiente Urbano realizado entre 2009-2010. Os debates que se originaram da pesquisa *A assepsização das ambiências pedestres no século XXI:*

*plasticidade e passividade dos corpos que andam*³ influenciaram diretamente este estudo. Especialmente, o entendimento do andar como uma forma prioritária de se apreender os processos urbanos demandou argumentos de disciplinas além do Urbanismo. Esta dissertação nasce, portanto, de convergências entre estudos do corpo e pensamento urbanístico, sugerindo uma forma de extravasar as disciplinas que pautam a pesquisa acadêmica.

Nesse sentido, o trabalho almeja, modestamente, contribuir para a consolidação da linha de pesquisa Estética, Corpo e Cidade dentro do Laboratório Urbano. Da mesma maneira que é importante salientar que a pesquisa apresentada nessa dissertação se enraíza em experiências anteriores, cabe sublinhar que se delineia uma temática que sugere desdobramentos num futuro próximo.

³ O neologismo “asseptização” busca definir um processo urbano em que os espaços são tornados cada vez mais assépticos, lisos e uniformes. A pesquisa internacional proposta por uma equipe do CRESSON da Ecole Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble - L'aseptization des Ambiances Pietonnes au XXI^e siècle: entre plasticité et passivité des corps en marche - foi contemplada pelo edital PIRVE/CNRS 2009 [Programme Ville et Environnement - Centre National de la Recherche Scientifique]. Duas equipes estrangeiras foram convidadas a participar desta pesquisa, uma da Universidade Federal da Bahia e outra da Universidade de Montreal. Cf. o site da pesquisa: <www.marcheenville.ufba.br>

PONTOS DE PARTIDA

[...] faça rizoma e não raiz, nunca plante! Não semeie, pique! Não seja nem uno nem múltiplo, seja multiplicidades! Faça a linha e nunca o ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Seja rápido, mesmo parado! Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.17)

A consideração das imbricações da escala do corpo nos processos urbanos contemporâneos é um ponto de partida primordial desse trabalho, nos inspirando a apreender o movimento de produção do espaço urbano contemporâneo e focando a gestualidade das práticas espaciais. Sobretudo os gestos de deslocamento podem alavancar o debate sobre o espaço público numa grande cidade, onde a rua é tomada como um *lócus* que mantém, em diversos níveis, algo de instável. Com o interesse de perscrutar as complexidades da escala local, arriscamos estudar um processo urbano inconcluso: a atualidade da transformação de um território de favelas em Belo Horizonte.

De fato, a cidade nunca estará inteiramente concluída, as mutações se encontram no seu cerne, nos resta então penetrar nos interstícios dos projetos que almejam encerrar a cidade em uma forma, congelando as dinâmicas em modelos estanques. Nas fricções entre o projeto urbano e sua apropriação cotidiana, engajamos a corporeidade na compreensão da permanente transformação da cidade. Para tanto, o trabalho atravessa estados corporais que oferecem posicionamentos sensoriais que são construídos no espaço vivido, entrando na contramão da planificação técnico-científica do território. Para refletirmos sobre o movimento dos corpos na cidade precisaremos transbordar as operações utilizadas tradicionalmente nas pesquisas urbanas, ou seja, a transversalidade disciplinar mostra-se inevitável para expandirmos o entendimento da vida urbana.

Situamos uma revisão do Urbanismo Moderno que modelou a generalização do corpo na analogia do organismo, de outro modo, preferiremos tentar perceber os agenciamentos do Urbanismo Contemporâneo seguindo outras noções de corporeidade. Nesta via, ultrapassar o pensamento disciplinar nos leva a reconhecer uma cidade além das formas planejadas. Ao cultivarmos esta ultrapassagem se fortalece a chance de geografarmos corporeidades, ou melhor, de abriremos o olhar para corporeidades geográficas, extrapolando certas categorias instituídas no pensamento urbanístico para entrever uma relação viva com o processo estudado.

Uma motivação para esse movimento de revisão foi levantada por Michel Foucault (2000) no texto-entrevista intitulado *Sobre a Geografia*. Para ele, “desde o momento em que se pode analisar o saber em termos de região, de domínio, de implantação, de deslocamento, de transferência, pode-se apreender o processo pelo qual o saber funciona como um poder e reproduz seus efeitos” (FOUCAULT, 2000, p.158). Dessa forma, toda vez que falamos de corporeidade estamos nos dispondo a assumir suas latitudes e longitudes, assim como os efeitos políticos que se traduzem em aspectos perceptivos e sensíveis.

A partir da instauração de uma engenhosa reforma na paisagem da favela, alastra-se uma política urbana que instala fronteiras entre o Aglomerado – espaço de prensagem de tudo que é não-planejado e fragmentário - e a fração planejada de Belo Horizonte, considerando-se a herança positivista que recai sobre a cidade contemporânea. A atualização da fronteira entre o formal-informal, legal-ilegal, propicia o surgimento de uma zona de indecisão que, ainda que provisoriamente, atinge a racionalidade categórica do urbanismo e explicita seu funcionamento enquanto uma operação biopolítica.

Se observarmos as trocas entre as instâncias do projetado e do usado teremos materiais suficientes para o questionarmos as estratégias políticas de governança e avaliarmos o que habitualmente é taxado de precário, pleiteando a potência das táticas cotidianas usadas pelos habitantes no prosseguimento da vida. Para tanto, conforme Foucault afirma, existe a tarefa de ocupar os hiatos entre “[...] táticas e estratégias que se desdobram através das implantações, das distribuições, dos recortes, dos controles de territórios, das organizações de domínios que poderiam constituir uma espécie de geopolítica” (FOUCAULT, 2000, p.165). Aí, nas fissuras, frestas e disjunções, a precariedade ganha corpo não somente em forma de arquitetura, mas também como condição pueril, sintoma de um espaço de relações entrópicas.

Situar neste campo a verticalidade de uma força urbanizadora supõe o desejo de reconhecer a presença da subalternidade, horizontalizada na potência contra-hegemônica que habita a resistência à obliteração da favela. Traçaremos uma percepção da corporeidade dentro de um processo urbano como decorrência de sensibilizações e afecções. Nesse aspecto, a corporeidade é um pensamento relacional, um meio de inscrição das experiências urbanas que comporta os sentidos de enunciação e síntese de uma geografia. Conforme Chene (2006) explica, a corporeidade é altamente reveladora

do que está em jogo em um espaço cuja forma urbana é transformada. Seguindo este caminho, a corporeidade poderia, ao mesmo tempo, enunciar e transformar as demarcações do Urbanismo e do espaço informe alvo da reestruturação urbana.

Neste ponto, é preciso questionar o entendimento consensual que paira sobre as intervenções no Urbanismo nas favelas brasileiras e pensarmos que esses projetos trazem consigo subterrâneos interditos. Haveria uma expansão das fronteiras da favela? Quais os gestos podem propiciar diálogos entre a lógica do conhecimento técnico-científico o dispositivo vernacular representado pelas favelas? Enxergamos um eco do questionamento sobre os projetos que objetivam urbanizar as favelas nas interrogações de Jacques (2001), em sua reflexão ela escreve:

Mas as favelas já não fazem parte da cidade há mais de um século? Será necessária essa integração formal? Não seria uma imposição autoritária de uma estética formalista visando à uniformização do tecido urbano? Por que não assumir de uma vez a estética das favelas sem as imposições estéticas, arquitetônicas e urbanísticas dos atuais projetos de urbanização, que acabam provocando a destruição da arquitetura e do tecido urbano original da favela para criar novos espaços sem identidade própria, dos quais, muitas vezes, a população local não se apropria, e que ficam rapidamente deteriorados e abandonados? [...] Por que não buscar respeitar a especificidade da favela, tentando aprender com a sua complexidade cultural e riqueza formal? (JACQUES, 2001, p.14).

Uma das hipóteses aqui apresentadas remete às intervenções que visam a urbanização e reestruturação das favelas sugerindo que estes projetos podem ser traduzidos por meio de um rastreamento de vestígios que perfazem uma obliteração do espaço informe. Essa leitura propõe um modo de deslocar a corporeidade da lentidão do lugar residual e garantir seu posicionamento político, suscetível de gerar o exercício do redimensionamento da realidade através do refreamento das imagens urbanas hegemônicas.

A metodologia da pesquisa foi baseada primeiramente na observação empírica e no registro de deambulações pelas favelas da Serra e suas circunvizinhanças. Buscamos extrair as questões que relacionavam o corpo a caminhar com o processo de reestruturação em curso, acreditando que o engajamento da corporeidade pode contribuir no rastreamento da dimensão sensorial do espaço urbano. Um segundo passo consistiu na pesquisa de referências teóricas que propõem novos enfoques para a epistemologia das cidades brasileiras. Ensejamos assim elaborar uma caracterização das experiências de deambulação com base em algumas trilhas do pensamento. No empenho de construir essa reflexão, organizamos a dissertação em três capítulos e um entremeio.

No primeiro capítulo trataremos do contexto urbano do Aglomerado da Serra, problematizando a definição de um contorno que aglomera diferentes favelas no intuito de legitimar um projeto de reestruturação espacial. O Aglomerado aparecerá friccionado a metáforas que desdobram seu significado instituído no campo urbanístico e tecem relações com outros domínios. A implicação da alteridade é enfatizada no contexto de uma cidade que herdou os princípios do funcionalismo em sua estrutura urbana, a construção de um diálogo entre a favela e a cidade planejada passa por um cuidado epistemológico que propõe respeitarmos características primordiais dos espaços informes, como a corporeidade da lentidão e os sentidos labirínticos.

O entremeio introduz a metodologia da pesquisa trazendo o exemplo de um trabalho realizado em outro contexto espacial, o objetivo dessa seção é explicitar uma apreensão da cidade baseada no movimento do andar, transformando a imagem digital em ferramenta de notação urbana. No segundo capítulo, tentamos comunicar o propósito da deambulação e seu vínculo com um modo de apreensão urbana que se dá através de registros videográficos. Em seguida, ativamos a partilha de algumas experiências vivenciadas ao longo das pesquisas de campo, preservando sua característica fragmentária e sugerindo uma articulação direta entre imagem e texto. Nesse sentido, um arquivo de vídeos é parte integrante desse capítulo, ao leitor se sugere a experiência de complementar a leitura do texto com as imagens em movimento, que se subdividem em três blocos. A sugestão que se faz visa uma sobreposição entre as duas linguagens, de tal modo o acesso componente audiovisual é imprescindível para a compreensão do trabalho.

No terceiro capítulo, buscamos indicar trilhas de pensamento que aprofundam as experiências empíricas partilhadas na parte anterior. Assim serão rumados os caminhos que aceitam o instante como uma medida das experiências urbanas e exercitam sobrepor ao relato os gestos de um corpo errático. A fricção entre a linguagem escrita e o estado corporal é fundamental para a efetividade dessa sobreposição. As trilhas profanatórias sugerem a dimensão política dos gestos que usam o espaço público e tentam restituir o jogo na experiência urbana. As trilhas do urbanismo retardatário visam traduzir um pensamento advindo de Sansot (2000) e amplificar sua ressonância no âmbito do urbanismo brasileiro, ressaltando suas peculiaridades e tensionando seu modo de compreender a lentidão. As trilhas que

friccionam a lentidão propõem seguir os percalços de Milton Santos (2001a; 2001b; 2004; 2008) e trabalhar com a dimensão política da lentidão em meio à pobreza urbana.

Acreditamos que a pertinência desse estudo reside no fato de tomarmos como estudo de caso um processo urbano atual e inconcluso, considerando-o no âmbito de uma série de projetos que vem sido fomentados em escala nacional e que fazem as favelas objeto de intervenção. Faz-se também importante a interlocução que almejamos fortalecer entre o urbanismo e a dança que se concentra sobre a natureza da corporeidade, tomando parte desse diálogo entre disciplinas sugerimos a produção de cruzamentos férteis. Abordar a dimensão sensorial da cidade por meio de deambulações é apontar um desses cruzamentos. Assumimos que hoje não há um corpo teórico rígido e seguro em que se basear: o que existe são caminhos, que a construção crítica deliberadamente ilumina. Desejamos perfazer um trabalho antes de tudo questionador, em que o objetivo final não é a comprovação encerrada de hipóteses, mas a visualização de órbitas e interrogações.

Espaço Urbano Processual

Mis pasos en esta calle
Resuenan
en otra calle
donde
oigo mis pasos
pasar en esta calle
donde
Sólo es real la niebla.

(Octavio Paz, 1990, p.47)

1.1 - O que é o Aglomerado da Serra?

Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, é uma metrópole singularmente circundada por uma região montanhosa que delimita os confins do espaço urbano. Sua geografia se cria no vínculo evidente com o nome da cidade, o relevo da Serra do Curral permite uma visão panorâmica sobre a densidade arquitetônica, fazendo-nos ver a cidade estendida e suas retificações. Alguns lugares situados nas imediações das montanhas configuram-se como privilegiados mirantes que expõem aos olhos dos observadores a desmesura de uma cidade. Sobre o relevo da Serra do Curral se insere um espaço urbano limítrofe imprevisto na ocasião da construção da cidade na transição do século XIX para o século XX. Um relativo distanciamento e a elevação da topografia, além de permitir a equivalência entre a paisagem e o nome da cidade modernista, são as mesmas características que convidam a dar de costas para a Serra e ignorar que, sobre o relevo pronunciado, se encaixa um extenso território de favelas.

Um pressuposto para o reconhecimento da ocupação urbana das encostas da Serra do Curral, que delimitam a fronteira urbana ao Sul e localizam a divisa entre os municípios de Belo Horizonte e Nova Lima, seria abandonar a observação panorâmica segura pelo distanciamento. Adentramos, assim, numa porção da cidade caracterizada pelo pronunciamento de um relevo prenhe de sinuosidade que é sobreposto tanto por bairros considerados nobres (como os bairros da Serra e das Mangabeiras), onde se localizam mirantes muito conhecidos, quanto pelas Favelas da Serra, que ocupam considerável parte da região sudeste da cidade.

A relação entre cidade e montanha é selada pela demarcação do Parque das Mangabeiras, do Parque Estadual Florestal da Baleia e da Mata da Baleia, onde está situado um Complexo Hospitalar. Conjuntamente essas demarcações impedem que a cidade continue crescendo rumo ao alto dos morros e resguardam um elo patrimonial que resguarda a face geológica que se inclina para a cidade. O território que compreende as favelas da Serra encontra-se intrincado entre áreas de preservação e bairros privilegiados, intensamente visitados por turistas a perseguir o nome próprio da cidade. Ao abarcarmos essa porção urbana vamos falar, portanto, de relações de fronteira entre cidade montanha, mas também de fronteiras propriamente urbanas, que se dão entre o espaço planejado e seu outro, a favela.

O território que compreende as favelas da Serra é denominado de *Aglomerado da Serra*, constituindo uma Zona de Interesse Social – ZEI, conforme instituído pelo Plano Diretor de Belo Horizonte (Lei nº 7.165/96). O entendimento das diversas favelas da Serra nos termos de uma unidade, o Aglomerado, é consolidado pela Companhia Urbanizadora de Minas Gerais – URBEL, órgão municipal responsável pelo planejamento territorial das vilas e favelas⁴. No entanto, a unidade do Aglomerado da Serra obedece um contorno que descreve a informalidade urbana nos seguintes termos: um conjunto de diferentes vilas e favelas localizadas no limite centro-sul do município abrangendo uma área de 1.470.483 m², a estimativa demográfica indica que o Aglomerado é habitado por uma população de 46.086 pessoas distribuídas em 13.462 moradias. Para a Urbel os limites do Aglomerado da Serra abrangem: Vila Marçola, Vila Nossa Senhora de Fátima, Vila Nossa Senhora Aparecida, Vila Nossa Senhora da Conceição, Vila Santana do Cafezal e Novo São Lucas⁵.

Podemos refletir que as favelas que se estendem pelas encostas da Serra do Curral são contornadas pelo planejamento urbano dentro de uma unidade pretensamente coesa. É cabível perceber também que, desse modo, há um revestimento toponímico em questão, que é consolidado ao se adotar a palavra “aglomerado” como conceito de favela. Ao estipular medidas precisas para um território informe e autoconstruído, o mais extenso de Belo Horizonte, diga-se de passagem, a Urbel vai criar as condições necessárias para que se concretize, a partir de 2006, uma Operação Urbana focando a reestruturação da informalidade características desse território urbano.

⁴ A Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte (Urbel) é uma empresa de economia mista, de âmbito municipal, resultante de uma transformação feita na estrutura da Ferro de Belo Horizonte S.A (Ferobel), autorizada pela lei nº 898 de 30 de abril de 1961, que exercia atividades de exploração, comercialização e industrialização de minérios no município de Belo Horizonte. Em setembro de 1983, a Ferobel também passa a exercer atividades de urbanização, adquirindo nova denominação: Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte (Urbel). Em 1993, é implantando o Sistema Municipal de Habitação, sendo atribuído à Urbel o papel de elaboração e execução da Política Municipal de Habitação Popular.

⁵ Essa caracterização é correspondente aos *Dados Gerais do Aglomerado da Serra*, disponibilizada pela Companhia Urbanizadora de Minas Gerais no portal eletrônico da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Gomes (2009) contesta esta caracterização seguindo levantamentos das associações de moradores e situando que esse território seria composto por nove favelas habitadas por um número de aproximadamente 100.000 pessoas.

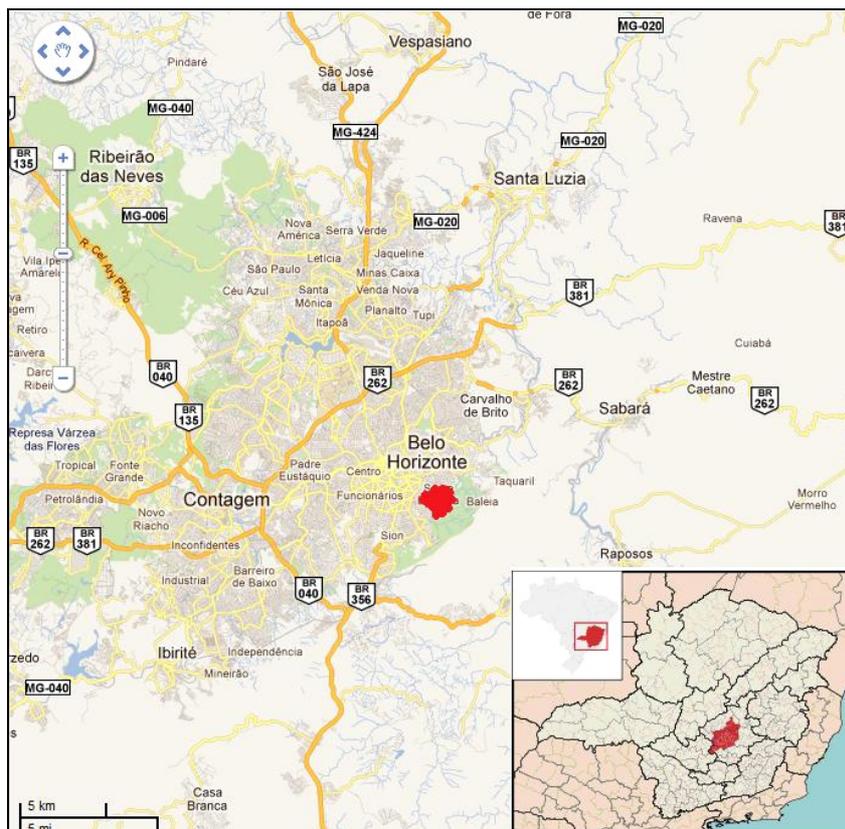


FIGURA 04: Localização da região metropolitana de Belo Horizonte e posicionamento preliminar do Aglomerado da Serra. FONTE: Google Maps, 2011.

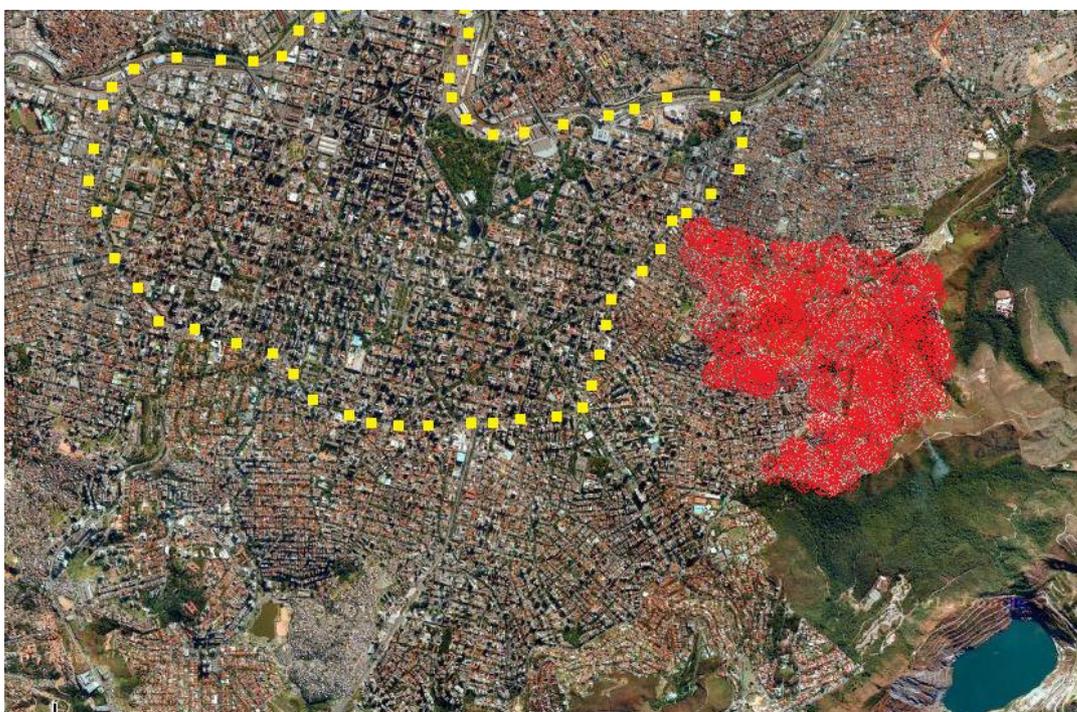


FIGURA 03: Vista aérea do tecido urbano de Belo Horizonte. Em vermelho: a posição do Aglomerado da Serra nas bordas da Serra do Curral. Em amarelo: a delimitação da área traçada pelo Plano Urbano do final do século XIX. FONTE: Google Maps, 2011.

A perspectiva de transformação socioespacial nos reporta a uma política urbana que envolve, em particular, a confecção do que a Urbel chamará de “Planos Globais Específicos”, ferramentas aplicadas a partir de 1998 no sentido de introduzir técnicas de planejamento nas favelas e integrá-las como espaços de interesse social. Contudo, estipulando um dentro e um fora, ou seja, decalcando por meio do contorno da do aglomerado define-se sobre ele um imaginário de homogeneidade assente numa linha imaginária que define, ao mesmo tempo, uma fronteira urbana e uma coesão para um território fundamentalmente fragmentado.

Nesse contexto, a lógica que opera o pensamento urbanístico é controversa. Ela se mostra através das palavras que o planejamento imprime nas cidades no desejo de efetivar delimitações, instaurando linhas imaginárias pautadas pelo controle territorial, assim os recortes de cidade decalcados sob o nome “aglomerado” inferem na engrenagem das fronteiras. Por meio de mapas da região metropolitana de Belo Horizonte visualizamos outros Aglomerados além deste sobre as encostas da Serra do Curral, aparecendo também o Aglomerado Santa Lúcia ou Morro do Papagaio, o Aglomerado Morro das Pedras e o Aglomerado Cabana do Pai Inácio. O contorno das favelas da Serra se destaca devido a sua proporção territorial e, especialmente, em razão da proximidade firmada com o traçado da cidade planejada no fim do século XIX. A relação de proximidade com a área central de Belo Horizonte impossibilita a caracterização do Aglomerado da Serra como um espaço periférico, sendo, de outra maneira, um recorte intrincado nas relações dinâmicas dos centros urbanos.

Na perspectiva pela qual optamos, o léxico urbanístico é tocado ao perscrutarmos o tratamento que o urbanismo mineiro sobrepõe à geografia própria das favelas⁶. Mas aquilo que sustenta o contorno da informalidade das favelas é sempre um relato incólume que se dispersa através da competência do urbanismo interagindo, de um lado, com a consolidação de uma unidade de planejamento, de outro, com a reafirmação de fronteiras intra-urbanas. No cotidiano, o contorno do Aglomerado

⁶ Cabe frisar que existem, em outras grandes cidades brasileiras, algumas correlações com o contorno dos Aglomerados no mapa de Belo Horizonte, no Rio de Janeiro, por exemplo, notamos que a designação *Complexo* está inserida no léxico urbanístico quando se tenta traduzir os territórios de favelas. Tendo a oportunidade de visitar o Complexo da Maré, situado entre a Linha Amarela e a Baía da Guanabara, essa correspondência ficou mais evidente para mim, pois ali, dentro do Complexo, se faziam, todo o tempo, diferenciações internas que tinham a ver com as referências dos próprios moradores, muito mais específicas. O complexo, enquanto uma categoria político-administrativa, também mascara um território heterogêneo e preche de fronteiras internas. A presença de Aglomerados em Belo Horizonte e de Complexos no Rio de Janeiro aponta que a linguagem aderida à geografia das favelas brasileiras transporta dois termos que tem significados correlatos, da qual sobressai um elo entre complexidade e aglomeração.

transparece em meio a uma linguagem técnica já que os sujeitos da favela fazem uso de nomenclaturas bem mais específicas e embaralhadas, muitas delas fundidas aos nomes dos bairros vizinhos.

Aglomerado pode ser lido como um signo técnico que investe sobre a geografia informal que apresenta espacialidades radicalmente diversas daquelas previstas inicialmente para a capital de Minas Gerais. É importante assumir que a suposta unidade do aglomerado se isenta das incertezas provenientes da diversidade de experiências que ocorrem cotidiano dos lugares. Assim, vemos neste signo um reflexo do racionalismo urbano, herança da transposição de preceitos modernos e progressistas disseminados ao longo do século XX. Enfim, é mesmo esta a origem do urbanismo que vai investir na reestruturação da informalidade das favelas, demarcando seus limites territoriais e definindo seu papel estratégico na interligação da escala metropolitana.

Convém discutir que o emprego do termo “aglomerado” no pensamento urbanístico se distingue do modo como ele foi introduzido pela geografia urbana na década de 1970. Nesse momento, a palavra “aglomeração” era empregada em estudos que buscavam acompanhar os picos do processo de urbanização do território brasileiro. Um bom exemplo dessa outra acepção provém do texto *Contribuições ao estudo de aglomerações urbanas no Brasil*, de Davidovich e Lima (1975), que utilizam tal palavra para descrever “processos de conurbação e geminação de cidades” dos quais resultavam unidades regionais.

No contexto da urbanização brasileira, para as autoras uma aglomeração implicava na identificação de processos de escala inter-urbana e/ou regional, configurando uma hierarquia entre diferentes cidades de acordo com alguns critérios de integração (econômicos, demográficos, de transportes e comunicações). Trinta e seis anos após a publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE⁷, os dilemas da urbanização brasileira vão se traduzir pela regressão da escala geográfica, ou seja, antes um aglomerado urbano era necessariamente um recorte regional, enquanto que hoje vemos que ele se tornou, em Belo Horizonte, uma unidade intrincada na escala intra-urbana.

Desta maneira, vemos então que de lá pra cá houve uma mudança no modo de se empregar esta categoria, denotando uma regressão escalar que pode ser conferida no estudo de caso que empreendemos. Contudo, conforme Matos (2000) apontou, a

⁷ Além do texto ter sido publicado num periódico científico do IBGE, as autoras da análise precursora na geografia urbana brasileira também trabalhavam no mesmo órgão.

acepção de aglomerados urbanos de escala regional é ainda moeda corrente no campo dos estudos urbanos. No entanto, é essencial distinguir que, à medida que a urbanização atinge patamares mais atuais, a aglomeração torna-se um processo espacial que não é exclusivamente ligado à escala regional, passando a integrar também o mosaico que compõe uma grande cidade.

Nessa outra escala, a designação de “aglomerados subnormais” adotada pelo IBGE traça uma correlação com as categorias contornadas pelo planejamento urbano mineiro. Quando subentendida pela acepção da subnormalidade a delimitação de um aglomerado depende principalmente de dados censitários, sempre pautados por uma perspectiva quantitativa. Para o IBGE um aglomerado subnormal corresponde a um setor especial do espaço urbano que se destaca em função do título de propriedade dos terrenos, da infraestrutura urbana, dos serviços públicos e do número de domicílios. O parentesco com esta definição aparece na fala da Secretaria Municipal de Habitação de Belo Horizonte⁸, justificando a confecção dos Planos Globais Específicos para estes territórios aglomerados a partir da segunda metade da década de 1990. O mais importante é sublinhar que o decalque dos Aglomerados no tecido urbano é respaldado pela perspectiva censitária que abrange não apenas Minas Gerais, mas sim o território brasileiro como um todo⁹.

De acordo com Gondim (2009), podemos ressaltar que a unidade do aglomerado é proveniente diretamente dos métodos estatísticos que mensuram periodicamente os espaços urbanos do país, sendo importante sublinhar que a noção de unidade sobressai deste universo quantitativo. Em sua leitura das nomenclaturas utilizadas pelo planejamento urbano brasileiro para contornar as geografias da pobreza, a autora mostra que essas nomenclaturas são muito variadas e que “aglomerado” é apenas uma das várias palavras correntes. Em consonância com a autora, é importante salientar que a crítica mais importante ao uso dessa definição de origem censitária diz respeito ao critério da ilegalidade da posse do terreno. Além disso, persiste o risco de uma orientação quantificável tornar-se, uma vez mais, protagonista do desenvolvimento urbano.

⁸ A correlação entre a unidade de planejamento e a noção de aglomerado subnormal defendida pelo IBGE pode ser localizada em Brandenberger (2001).

⁹ Costa e Nascimento (2005) fazem uma comparação muito pertinente entre *aglomerados subnormais*, categoria definida pelo IBGE, e *assentamentos informais*, que é uma categoria empregada internacionalmente pela Organização das Nações Unidas. Esta leitura mostra que apesar da semelhança entre os critérios definidores há algumas peculiaridades que definem a diferença entre as duas acepções.

Os mesmos regimes toponímicos conformam uma cidade preenchida de nomes próprios e compõem uma espessura na qual o lugar almeja encontrar na expressão verbal a sua especificidade. Notemos que a variância parece marcar o léxico do urbanismo brasileiro quando procuramos as palavras estão na órbita de designação dos espaços da pobreza, é nesse sentido que o aglomerado se coloca entre designações urbanas que precisam ser constantemente discutidas com o objetivo do aprimoramento de nossa linguagem. No mesmo bojo a delimitação de assentamentos precários, assentamentos subnormais, assentamentos informais, comunidade, invasão, ocupação, baixadas ou favelas também demandaria uma reflexão permanente.

Não tomar essas delimitações como sinônimos reforça um ponto relevante para entendermos qual a especificidade do lugar contornado pelo nosso ponto de vista, que difere do contorno pré-estabelecido. Se compreendemos a linguagem das localidades específicas, vemos suas sutis dessemelhanças, algo que ocorre especialmente quando encaixamos esse reconhecimento no arcabouço que o urbanismo dispõe para compreendermos a cidade contemporânea. Especialmente, aos espaços estigmatizados sob o signo da desordem precisaríamos dirigir palavras prenes de porosidade e atentas à disseminação de sentidos. Há equívocos graves no uso das delimitações sobre os espaços informes principalmente quando se elas se prestam a uma generalização como, por exemplo, é o caso de Davis (2006), que toma a favela como categoria aplicando-a numa observação do espaço global.

Operando uma generalização equivocada o autor concluiu que 78% da população urbana dos países do “terceiro mundo” moram em favelas (Gondim, 2009). Esse exemplo deixa claro que, mais que a palavra, é preciso tocar a formação do discurso, pois mesmo a palavra favela pode funcionar de modo correlato ao modo como o termo aglomerado é empregado no campo do urbanismo mineiro. Entrementes, devemos considerar que Belo Horizonte passou por avanços na política urbana que foram significativos nas duas últimas décadas (1990-2010). Ao especificarmos uma atualização do elo entre o planejamento e a informalidade que habita as favelas o aparecimento do termo “aglomerado” adquire uma relevância considerável. Mais que desvendar sua gênese em âmbito municipal, nossa intenção é problematizar o estabelecimento dessa categoria como um sinônimo de favela.

Nessa direção, a partir de 1998 a confecção dos Planos Globais Específicos torna-se o mecanismo estratégico para orientar a intervenção do planejamento urbano nos aglomerados, o que se dá até o presente momento. Ditando o modo de operação da

Urbel nos aglomerados, esse mecanismo intenta articular as dimensões jurídica, socioeconômica e ambiental-urbanística nos processos de urbanização dos espaços informes na região metropolitana de Belo Horizonte¹⁰.

A elaboração do Plano Global Específico para o Aglomerado da Serra foi tema da pesquisa Melo (2009), explicitando a política urbana posta em prática pela Urbel e, em especial, sua ligação com a Operação Urbana realizada na Serra a partir de 2002, por meio do Programa de Urbanização de Vilas Favelas denominado *Vila Viva*¹¹. Em meio ao estudo realizado em seu mestrado, a autora assume sua participação no processo de elaboração do plano urbanístico para as favelas da Serra. A partir de sua fala entendemos que a Operação Urbana carrega, desde seu início, a intenção de aproximar os padrões de vida urbana do Aglomerado da Serra daqueles praticados nos bairros da cidade integralmente atendidos pelos serviços públicos. Norteada pela emulação das favelas com as áreas planejadas de Belo Horizonte, a relação entre a Urbel e a Serra é objetivada por uma reestruturação urbana sem precedentes.

Sucintamente, aproveitamos a contribuição de Melo (2009: 116) para indicar quais foram as diretrizes que orientaram a perspectiva de transformação das favelas:

1. Reestruturação do sistema viário: desobstrução de acessos, integração externa e aumento da acessibilidade interna através da abertura de vias adequadas ao tráfego irrestrito de veículos e alargamento de algumas ruas e becos existentes;
2. Proteção das nascentes, cursos d'água e talvegues, com proposição de áreas de preservação permanente ou outro uso imediato que evite ocupação residencial posterior;
3. Reestruturação do sistema de referências e intervenções nos limites internos e externos do Aglomerado: ampliação e reforço das centralidades (pontos de encontro e lazer) existentes, eliminação dos pontos de insegurança através da criação de novas praças e áreas de esportes e lazer com estrutura adequada para abrigar encontros sociais e manifestações culturais, principalmente ao longo do Córrego do Cardoso, nos limites entre as Vilas e entre o Aglomerado e os bairros para promover a integração entre as vilas e com os bairros vizinhos;
4. Eliminação e/ou diminuição do risco proveniente das características geológico geotécnicas através de intervenções de reurbanização e implantação de projetos habitacionais;

¹⁰ Os fluxogramas, gráficos e tabelas que permitem entender melhor a natureza do Plano Global Específico são disponibilizados por Branderberger (2001).

¹¹ Este programa também é aplicado nos outros Aglomerados da região metropolitana de Belo Horizonte, sendo que, tanto para a Urbel como para vários autores que consultamos ao longo de todo o estudo, o *Vila Viva* é destacado como o maior projeto de urbanização de favelas já posto em prática no Brasil.

5. Titulação do maior número possível de pessoas dentro das áreas consolidadas ou consolidáveis, evitando-se o adensamento que venha a deflagrar o risco em áreas sem infra-estrutura urbana ou que ofereçam condições de aproveitamento para uso público;
6. Implantação da Via 276 prevista no Plano Diretor de Belo Horizonte, posteriormente batizada Avenida do Cardoso;
7. Desadensamento do Aglomerado com relocação preferencial na regional Leste;
8. Aumento da eficácia do investimento público com soluções integradas: urbanização integrada: saneamento, circulação, habitação e meio ambiente; praças sanitárias; projetos de contenção habitacionais.

Melo (2009) enfatiza em seu estudo as implicações da diretriz 06, referente à implantação de uma via de ligação entre as regiões Centro-Sul e Leste de Belo Horizonte. Cortando linearmente o território informal de uma extremidade a outra, essa diretriz centraliza o projeto de uma rede viária hierarquizada e ramificada por entre as favelas, propiciando o acesso de automóveis e inaugurando outro ritmo para os deslocamentos nesse território. Esta via, a Avenida do Cardoso, cria uma articulação regional que se interliga a outra Operação Urbana denominada *Linha Verde*, uma via expressa ligando o centro de Belo Horizonte ao novo Centro Administrativo de Minas Gerais e ao Aeroporto Internacional de Confins. Nesse contexto, podemos apreender como a transformação em curso nas favelas da Serra é solapada pelo fluxo expresso projetado sobre as grandes cidades, sendo importante notar o transbordamento da escala local, que não se restringe a construção da Avenida do Cardoso e se relaciona a objetivos mais grandiosos.

Cabe ressaltar com mais atenção, além da abertura desta avenida linear no meio do território informe das favelas, duas diretrizes que nos interessam de modo mais específico: a diretriz 01 (Reestruturação do Sistema Viário) e 02 (Reestruturação do sistema de referências e intervenções nos limites internos e externos do Aglomerado), pois elas atingem, respectivamente, a transformação dos percursos pedestres e as fronteiras internas das favelas mas também as conexões com a circunvizinhança e com o restante da cidade. Portanto, daqui por diante haverá uma atenção especial sobre esses dois aspectos do plano que orienta as ações da Urbel nas favelas da Serra.



FIGURA 04: Contorno do Aglomerado da Serra - modelagem 3D: esta representação cartográfica é assimilada na caracterização oficial das favelas; a linha amarela indica a poligonal criada pela Urbel, a mesma que é adotada na pesquisa de Melo (2009). FONTE: Melo, 2009, p.111.



FIGURA 06: Imagem aérea da Avenida do Cardoso. FONTE: Google Maps, 2011.

Desde já sinalizamos que a principal propriedade deste discurso é atribuir à cidade um dentro e um fora, a linha que contorna o Aglomerado é, nesta perspectiva, visivelmente demarcada. Com a caracterização do Aglomerado da Serra dispersada pelo discurso competente a informalidade urbana tende a ser mascarada sob fronteiras mensuradas que estancam os processos urbanos e seus conflitos produtivos em mapas e tabelas que parecem ignorar a porosidade e o movimento urbano. A caracterização desse território informe enquanto um Aglomerado respalda a intervenção do planejamento urbano e prevê sua reestruturação seguindo os parâmetros vividos nos outros bairros da cidade.

A sua maneira, o discurso urbanístico pretende manter sua competência de ordenamento considerando as favelas como objetos mensuráveis, descrevendo-as separadamente das experiências que cotidianamente se dão no lugar, algo que retrata um imaginário da homogeneidade. O contorno fixado para o Aglomerado da Serra coloca a favela na condição de objeto submetido a uma fala técnica e formal. Portanto, para salientarmos os processos contraditórios envolvidos pela perspectiva de reestruturação urbana não devemos, todavia, assimilar tal designação incólume.

1.2 – Fabulação estratégica

Na última década podemos notar uma disseminação considerável das ações do campo urbanístico que se voltam para a urbanização das favelas. Apesar de experiências pioneiras que já haviam sido desenvolvidas durante nas décadas anteriores¹². Esta investida do urbanismo coincide, sobremaneira, com um período que vai sendo marcado pela hegemonia do planejamento estratégico, responsável por uma globalização de imagens urbanas consensuais¹³.

Já na década atual, em que o paradigma do planejamento urbano estratégico parece adquire o patamar de consenso, operações urbanas em favelas multiplicaram-se consideravelmente. Sendo uma característica do planejamento estratégico a tendência de

¹² Como é o caso da urbanização do Brás de Pina, no Rio de Janeiro, coordenada pelo arquiteto e antropólogo Carlos Nelson Ferreira dos Santos em 1968; Cf. Santos e Vogel (1985). Nesta mesma cidade, em 1994, teria início o Programa Favela-Bairro coordenado pela Prefeitura Municipal; Cf. Conde e Magalhães (2004).

¹³ A compreensão de um período histórico marcado pelo planejamento estratégico das cidades é auxiliado por Arantes; Vainer & Maricato (2000). Dando continuidade à crítica levantada em *A cidade do Pensamento Único*, cabe situar também a contribuição de Ferreira (2007) que refuta a teoria da “cidade global” cunhada por Sassen (1998).

inserir as cidades num modelo urbano único, menosprezando as especificidades locais, nos propomos a exercitar uma leitura da operação urbana sintetizada pelo *Vila Viva* a partir desse contexto de banalização das alteridades. Um estímulo inicial para essa leitura encontra-se na perspectiva de emulação entre a cidade planejada e a favela, o que destitui a geografia própria da informalidade de qualidades a serem respeitadas.

Olhando para a operação urbana implantada na Serra e relacionando o contexto vigente do planejamento estratégico podemos avaliar algumas questões assentes na reprodução das relações de produção capitalistas. É proeminente perceber que o planejamento estratégico se instaura a reboque da economia de mercado, da ideologia capitalista e da imagem das cidades globais. Em resumo, o planejamento estratégico está atrelado a processos generalizados de espetacularização urbana, repercutindo, entre outros aspectos, na confecção de um conceito de espaço público destituído de conflitos e, de forma avassaladora, na privação das experiências corporais da cidade¹⁴.

A inspiração dessa leitura é proveniente de um debate levantado por Milton Santos (2008), que sugere deciframos as fábulas que revestem as grandes cidades com o objetivo de mascarar as urgências sociais sob o véu do otimismo econômico. Milton Santos nos ensina a reconhecer as co-existências entre o mundo-fábula, o mundo-perversidade e, como mais nos interessa, o mundo enquanto possibilidade. A leitura subsequente vai se focar sobre materiais que, orbitando em torno da operação urbana concretizada pela Urbel, fornecem uma contextualização subreptícia do processo urbano. Sem nos ater a análise do Plano Global Específico do Aglomerado da Serra, vamos considerar a pertinência de materiais suplementares, a saber: 1) uma publicação do Ministério das Cidades, 2) a visão do Centro Iberoamericano de Desenvolvimento Estratégico Urbano – CIDEU¹⁵ sobre o processo urbano em curso na Serra e, ao final, 3) uma contra-proposta de intervenção nas favelas da Serra.

Assim, a disseminação de operações de urbanização de favelas não pode ser compreendida sem se assumir uma raiz que remete ao campo econômico. A relativa estabilidade política que o Brasil conquistou também é agente deste contexto mas convém notarmos que estas operações urbanas estão na maioria dos casos associadas a uma urgência de crescimento econômico, mais que a alguns pressupostos próprios de

¹⁴ Para uma introdução crítica sobre a espetacularização das cidades contemporâneas, a coletânea de artigos organizada por Jeudy e Jacques (2006) constitui bibliografia fundamental.

¹⁵ Jacques (2009) alerta que o CIDEU conforma uma “rede criada por consultores catalães para exportar o “modelo” Barcelona de “fazer cidade” (leia-se fazer imagens de marca de cidades) para cidades latino-americanas. Já são mais de 75 cidades latino-americanas que participam desta rede, sendo 9 brasileiras”.

um governo de esquerda. Ao arriscarmos uma progressão da escala geográfica notamos que o estímulo às operações de urbanização de favelas se dá num momento bastante específico: quando ocorre uma ligação pragmática entre o Ministério das Cidades e o Programa de Aceleração do Crescimento – PAC. Portanto, a responsabilidade do Ministério das Cidades é sobrepujada pela urgência econômica, como podemos observar no preâmbulo da documento eletrônico publicado pelo Ministério que intitula-se *Urbanização de Favelas: a experiência do PAC*. A responsável pela Secretaria Nacional de Habitação escreveu:

[...] o desafio estava lançado: executar uma política nacional de urbanização de favelas, fortalecendo-se a articulação federativa – com a participação fundamental dos estados e municípios – e o trabalho social nas áreas de intervenção, buscando-se resolver o problema da habitação em assentamentos precários de forma integrada e com qualidade (Inês Magalhães em BRASIL: 2010).

Assim, enquanto um estudo de caso, a operação urbana *Vila Viva* pode ser correlacionada a outros processos urbanos em curso em outras cidades brasileiras. No momento que o Ministério das Cidades assume o objetivo de empreender uma política nacional de urbanização de favelas e assentamentos precários, o planejamento estratégico vem instalar suas receitas e seus modelos visando cumprir o desafio econômico levantado e, por conseqüência, acaba por enquadrar as cidades brasileiras nas demandas transnacionais mais que responder a demandas locais.

O vínculo da economia com o urbanismo pode ser conferido em escala nacional a partir de uma série de projetos de urbanização de favelas que foram fomentados pelos recursos do PAC. Indicando o esforço do Ministério das Cidades para consolidar uma metodologia que sirva de base para intervenções que num território marcado pela heterogeneidade, a publicação *Urbanização de Favelas: a experiência do PAC* nos fornece uma pista desse projeto de larga escala. Como vemos, o projeto nacional de urbanização de favelas se baseia na elaboração de uma metodologia de intervenção produzida pela Secretaria Nacional de Habitação. Contudo, o documento oficial sobre o qual nos debruçamos não esclarece seus princípios metodológicos, mas sim uma etapa mais posterior, quando as intervenções adquirem um nível de concretude, nos levando a constatação de que há formas sendo replicadas e que a experimentação metodológica é visivelmente ínfima.



FIGURA 07: Exemplos de operações de urbanização de favelas fomentadas pelo M. das Cidades e PAC: rupturas com a geografia específica dos dispositivos vernaculares.
 FONTE: Brasil, 2010.

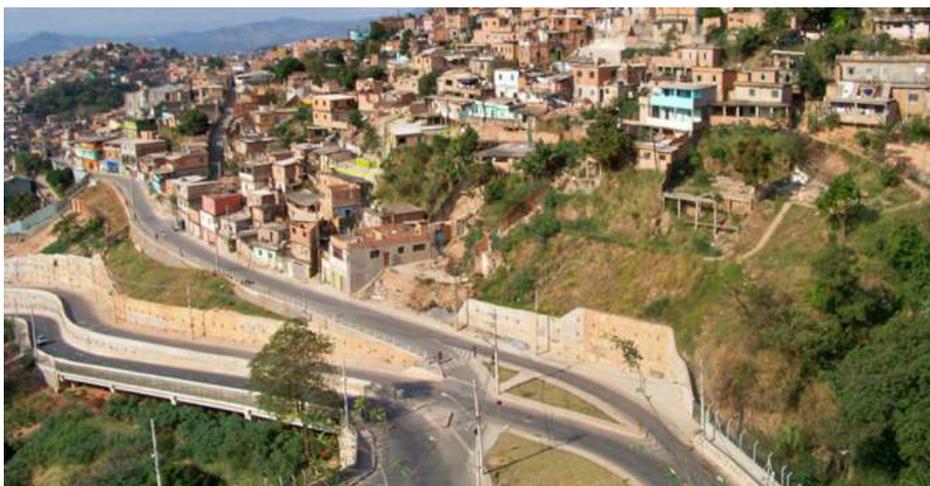


FIGURA 08: Fotografia da recém-construída Avenida do Cardoso.
 FONTE: Silva, 2010

Movimentando a bala de rolagem desse arquivo digital registramos a concomitância de uma série de intervenções do planejamento urbano sobre territórios informais das cinco regiões do Brasil. Entretanto, em meio a uma diversidade de lugares, caberia notar a replicação de formas de habitação genéricas, que não se relacionam aos dispositivos vernáculos pré-existentes. Pelo contrário, as ilustrações presentes nesse documento remetem a aspectos formais, como a abertura de vias mais amplas nas favelas que permitam a circulação de automóveis, a construção de conjuntos habitacionais muito parecidos entre si e uma sobreposição entre espaços públicos e *playgrounds*.

A segunda instância que corrobora com a visão do *Vila Viva* inserido no contexto do planejamento estratégico provém de uma vinculação entre a URBEL e o Centro Iberoamericano de Desarrollo Estratégico Urbano – CIDEU. Esse vínculo pode ser verificado por meio da leitura de Silva (2011), que consiste numa publicação eletrônica disponibilizada pelo CIDEU. Neste documento se promove, de antemão, uma analogia da favela com a cidade-jardim¹⁶, em linhas gerais, trata-se de uma perspectiva ambiental sobre a operação urbana em curso nas favelas da Serra.

Uma ressalva que deve ser feita é diretamente ligada a ilustração de um processo urbano destituído de conflitos, que estanca a imagem da favela análoga encobrindo-a com o modelo de cidade-jardim. Para isso, as opiniões do autor, endossadas pelo CIDEU, concentram-se sobre as melhorias ambientais (saneamento, ajardinamento, despoluição e conservação das vertentes) que integram a transformação urbana. O tema da sustentabilidade perpassa a visão do autor que situa a transformação das favelas rumo a um cenário advindo da cidade formal. O embelezamento da favela da Serra é, nesse ponto, um fator crucial: é pertinente notar que as ilustrações do documento eletrônico (de maneira semelhante ao documento que o Ministério das Cidades) passam a ter uma função mais importante que o texto em si, ao apresentarem uma cidade multicolorida como raramente se encontra.

A equiparação que a publicação provoca já em seu título é digna de uma discussão mais prolongada. Ressaltando que o modelo de cidade advindo do urbanismo

¹⁶ A cidade jardim é um modelo de cidade concebido pelo inglês Ebenezer Howard, no final do século XIX, consistindo em uma comunidade autônoma cercada por um cinturão verde num meio-termo entre campo e cidade. A noção de cidade jardim foi primeiro apresentada através do livro *To-morrow a Peaceful Path to Real Reform*, publicado em 1898, mais tarde revisado e editado como *Garden Cities of Tomorrow* em 1902. A principal crítica desse modelo foi levantada por por Janes Jacobs (2002), que compreende que o pensamento ortodoxo implantou “urbanizações inurbanas”, isto é, que esse é um modelo de “anti-cidade”.

inglês foi projetado em Belo Horizonte ainda na década de 1930, a equiparação exótica fica bastante clara¹⁷. Campo de testes para os modelos racionais elaborados pelo urbanismo europeu, o espaço de Belo Horizonte foi sendo segregado. Ao compararmos a formação espacial das favelas da Serra com a construção do modelo de cidade-jardim, vamos observar dois pólos de uma mesma cidade. Em que medida, então, o bairro tipicamente burguês da região oeste de Belo Horizonte, nas imediações privilegiadas da área central da cidade, seria agregado ao debate sobre a transformação das favelas da Serra?

Para desdobrarmos essa questão poderíamos dizer que o bairro Cidade Jardim não poderia ser relacionado tão sumariamente à favela por alguns motivos que nos livram de habitar uma cidade genérica, ou seja, esses dois corpos de cidade, por serem de natureza radicalmente diversa, ao invés de diálogos estabelecem anátemas entre si. Se comparamos algumas fotografias das ruas do Cidade Jardim às fotografias feitas na Serra constatamos essa oposição gritante (Cf. Figuras 09, 10). As características do bairro-modelo são radicalmente diferentes da geograficidade das favelas, por isso caberia tentar questionar a equiparação que não se explica sob parâmetros econômicos, arquitetônicos ou, ainda, subjetivos¹⁸. Em suma, a evocação que intitula o documento em órbita do processo urbano que questionamos ignora as especificidades locais, perfazendo uma posição que indistingue da alteridade representada pelo dispositivo vernacular¹⁹.

¹⁷ O bairro que replicou na capital mineira o modelo do urbanismo inglês foi concebido por Lincoln de Campos Continentino em 1937. O projeto incluía um parque verde atravessado pelo Córrego do Leitão que envolveria a sede da Fazenda Velha, único prédio remanescente do antigo arraial do Curral d'El Rey. O traçado adotado por Continentino, que obteve parte de sua formação em engenharia na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, apresenta vias que se desenvolvem sobre uma topografia suave, diagonais fazem a ligação entre elas. Os lotes tinham originalmente 1.000 metros quadrados de área e frente mínima de 25 metros, devendo os prédios manter um recuo mínimo de 10 metros com relação a rua, não sendo permitida inicialmente a vedação dos terrenos por muros. O bairro é delimitado, ao norte, pela Avenida Raja Gabaglia e, ao sul, por uma via de fundo de vale, a Avenida Prudente de Moraes. Hoje, a função residencial coexiste com a função comercial, havendo ali a concentração de *boutiques* e lojas de grife.

¹⁸ O tema da desterritorialização do modo de habitar em favelas é alvo da pesquisa de Moura (2010), que, do ponto de vista da psicologia, tenta compreender como o Vila Viva transformou os modos de vida e a subjetividade de moradores da Pedreira Prado Lopes que foram transferidos para Unidades Habitacionais. A Pedreira Prado Lopes é uma favela de proporção bem menor que o Aglomerado da Serra e que é considerada uma das favelas mais antigas de Belo Horizonte, sendo esse estudo mencionado interessante por compreender que a subjetividade é não se situa no campo individual e que seu campo é, efetivamente, o de todos os processos de produção social e material, ligando-se de maneira fundamental com o lugar da habitação.

¹⁹ “O artigo “Arquitetura vernácula” do Dictionnaire de l’urbanisme (Paris, P.U.F, 1988) de Françoise Choay começa com este esclarecimento: “O adjetivo vernáculo faz parte do léxico da lingüística, indicando o que pertence a uma língua de uma região. Mas pode ser usado como um substantivo. O inglês aplica o termo *vernacular* às artes (locais) e em particular à arquitetura característica de uma região. Esse uso foi mais recentemente introduzido no francês, em que *vernáculo* é muito confundido com *popular*”.

A visão do Cideu sobre o *Vila Viva* tende a assimilar um modelo de intervenção em favelas que pode vir a ser replicado por outras cidades. Assim, por meio de uma nota publicada no seu endereço virtual, o Cideu comemora a visita de autoridades vindas de outros estados brasileiros para conhecer as obras a reestruturação em curso na Serra. Curiosamente, são os representantes do estado da Bahia que se destacam em meio a clientela dos planejadores estratégicos, como podemos verificar numa nota de imprensa intitulada *Programa Vila Viva servirá como referência para municípios baianos*. Um apontamento como este vem, da mesma maneira que a equiparação da favela com o modelo urbano inglês, participar do ideário da cidade genérica, preenchida de consensos e segura por fórmulas espaciais reprodutíveis em qualquer contexto²⁰.



FIGURA 09: Fotografias das favelas da Serra: uma calçada, uma residência auto-construída e um arranjo arquitetônico no espaço público. FONTE: Acervo do autor.



FIGURA 10: Fotografias do bairro Cidade Jardim: uma calçada, uma residência típica da arquitetura modernista e um playground. FONTE: <http://www.skyscrapercity.com>

[...] Vernáculo, do latim *vernaculus*, “indígena, doméstico”, é derivado de *verna*, “escravo nascido em casa”. As favelas em sua origem eram também a casa dos antigos escravos. Utilizaremos o termo “arquitetura vernácula, mas de uma forma distorcida, sobretudo para evitar seu peso conservador e patrimonial.” (JACQUES, 2001, p. 17)

²⁰ Outro ponto de vista internacional sobre a política de urbanização de favelas em Belo Horizonte enfatiza a construção de três equipamentos culturais que se integram ao projeto de reestruturação espacial; Cf. Lara (2010). A partir da palestra de Fernando Lara, professor da Universidade do Texas-Austin, em 28 de junho de 2011 na Faculdade de Arquitetura da UFBA, ressaltamos que o campo do urbanismo não pode prescindir da crítica do uso da cultura no embelezamento urbano e no apaziguamento dos conflitos.

A replicação dos lugares está diretamente ligada à reprodução das relações capitalistas, que revestem a cidade de um valor financeiro. Um diagnóstico do mercado imobiliário levando em consideração um momento anterior à operação urbana e o momento atual, de finalização das obras, torna claro que uma consequência direta da reestruturação feita pelo *Vila Viva* tem sido o aumento do valor de mercado das casas reconhecidas pela municipalidade. Conforme Oliveira (2010) informa, representantes do setor imobiliário de Belo Horizonte estimam que as moradias do Aglomerado da Serra serão valorizadas em até 100% após efetivada a operação urbana²¹.

Notemos que os imóveis que passam a interessar o mercado imobiliário se encontram intrincados entre alguns bairros já bastante valorizados (Bairro da Serra, Mangabeiras, São Lucas), nos quais o valor dos imóveis é elevado e a sua ocupação é restrita a uma pequena parcela da população. Nos perguntamos: o processo de reestruturação urbana promovido pelo *Vila Viva* não estaria encadeado a uma valorização imobiliária dessa parte da cidade? O esfacelamento da geografia própria das favelas não teria como fundo uma reestruturação estratégica irradiada pela economia de mercado?

Os processos de reestruturação do capital que investem nas cidades contemporâneas se dão enquanto disseminação da economia de mercado e dos modelos de cidade. Se engentham transformações do vínculo entre o urbanismo e as favelas, as fronteiras urbanas, que antes eram mais dilatadas e podiam ser vistas na remoção das favelas atrelada a criação de conjuntos habitacionais nos limites periféricos da cidade, tornam-se perceptíveis agora dentro das cidades. A conexão entre processos de reestruturação urbana e a criação de valor no sistema capitalista é introduzida Neil Smith (2007). Segundo este autor,

[...] todo o processo de crescimento e desenvolvimento urbano consiste em um constante arranjo, estruturação e reestruturação do espaço urbano. O que é novo, hoje, é a intensidade em que esta reestruturação do espaço se apresenta como um componente imediato de uma ampla reestruturação social e econômica das economias capitalistas [...] Determinado ambiente construído expressa uma organização específica da produção e reprodução, do consumo e da circulação e, conforme esta organização se modifica, também se modifica a configuração do ambiente construído. A cidade dos pedestres, afirma-se, não é a cidade do automóvel, mas de forma ainda mais significativa, talvez, a cidade do pequeno artesanato não é a metrópole do capital multinacional. (SMITH, 2007, p.17)

²¹ “Em Belo Horizonte, até 2009, 22.773 famílias, das quase 150 mil que vivem em imóveis sem registro, receberam o documento. A meta é chegar a 30 mil até o final de 2012. A saída da informalidade para a legalização já reflete nos preços das moradias, que dobraram de valor” (OLIVEIRA, 2010).

Encarar um processo de reestruturação urbana levando em consideração de fatores multinacionais, como aponta a passagem de Smith, significa considerar que as demandas globais da economia se associam na definição de um novo espaço urbano. Os estudos da geografia econômica nos auxiliam nessa tarefa, entre eles destaca-se o trabalho de Gomes (2009), que transporta a crítica da geografia econômica para problematizar a interpretação da transformação geográfica da Serra. Nessa perspectiva, existe um objetivo subterrâneo sob as diretrizes do *Vila Viva*: uma estratégia de valorização do eixo viário criado pela via do Cardoso. A autora chama a atenção para

[...] a disposição dos prédios do Vila Viva: os mesmos foram, estrategicamente, construídos ao longo da rua Cardoso que, à medida que são concluídos, vão formando um obstáculo à visualização da favela, principalmente para aquele que se desloca de carro pela rua Cardoso. Assim, aquele que utilizar a Favela da Serra como *lugar de passagem*, via rua Cardoso, dificilmente verá a favela ou seus moradores, já que usos antigos como a *pelada* de futebol, tendem a se tornar inviáveis pela intensificação do tráfego de veículos automotores, o que já se verifica. (GOMES, 2009)

A partir da implementação do *Programa Vila Viva* se torna problemático reiterar os limites das favelas da Serra, neste sentido é reforçada a necessidade de se compreender o processo de reestruturação urbana apenas sob pontos de vista legais e formalistas²², aguçando o olhar para um presumido processo especulatório, ou ainda, ver aí os primórdios de uma gentrificação²³. A maneira de relatar a metamorfose do território de favelas da Serra deveria, pois, transpor para as coordenadas descritas e mensuradas pelo planejamento urbano as relações contraditórias que derivam de sua consolidação. O interessante seria tentar falar das intensas modificações na paisagem informal numa perspectiva que não estanque o processo em questão e evidencie seus conflitos produtivos, ou seja, que absorve o teor do dissenso²⁴.

Desse modo, no intuito de apresentarmos o último elemento da discussão proposta nesse tópico, podemos contrapor o horizonte arquitetônico definido pelo Vila Viva, a saber, conjuntos habitacionais de quatro pavimentos que funcionam pela lógica

²² É dessa maneira que o estudo de Melo (2009) traduz a natureza da reestruturação urbana: a dupla da regularização fundiária e da construção de infra-estruturas (saneamento, pavimentação, remoção de casas, construção de conjuntos habitacionais) que modificam inevitavelmente a forma espacial.

²³ Termo derivado do inglês *gentrification*; a lógica dos processos de gentrificação é explicada em pormenores por Smith (2007).

²⁴ Gomes apresenta uma ressalva em sua análise do Vila Viva: “é importante ressaltar que a mudança na forma de tratamento das favelas em Belo Horizonte também foi resultado da organização e reivindicação dos moradores que, nas amplas possibilidades que se abriram (muitas não concretizadas) no final dos anos de 1970 e ao longo da década de 1980, que culminou no processo constituinte de 1988, se constituíram em sujeitos e não apenas sujeitados no processo de urbanização. Assim, esta mudança não é resultado apenas da chegada de políticos mais ligados às graves questões sociais, chegada esta que, em grande medida, foi resultante da constituição destes em sujeitos sociais” (GOMES, 2009).

condomínial, a uma contra-proposta, um projeto habitacional alternativo ao modelo instaurado pela Urbel. Nos serviremos da contribuição de Carolina Anselmo (2007) que consiste num projeto não-realizado para a urbanização de uma parte das favelas da Serra, esse projeto relativiza o pensamento arquitetural hegemônico ao sugerir outro modo de habitar, muito mais coerente com a especificidade de tal geografia. Trata-se de uma proposta que prevê a construção de domicílios em consonância com o modo particular de organização arquitetônica em favelas.

Em suas palavras, a arquiteta intenta demonstrar que “é possível melhorar as condições de moradias das pessoas que vivem nos morros respeitando o terreno, a conformação e as experiências encontradas nas favelas” (ANSELMO, 2007, p.07). Na concepção de Anselmo busca-se, principalmente, uma alternativa à verticalização das moradias, partilhando um questionamento sobre a obrigatoriedade dessa forma e sugerindo o adensamento horizontal. Seu projeto também se apóia no desenvolvimento de uma crítica ao consenso, demonstrando detalhadamente que existem outras maneiras de transformar o horizonte tectônico, avessas a rigidez e obsolescência que permeia a forma dos conjuntos habitacionais construídos por grandes empreiteiras²⁵.



FIGURA 09: Maquete digital que apresenta tipologias de habitação que dialogam com a informalidade. FONTE: Anselmo, 2007, p.27.

²⁵ Com o *Vila Viva*, a favela passa a constituir um novo campo de atuação para setores da construção civil e pesada: os conjuntos habitacionais, bem como a abertura e pavimentação da rua Cardoso e de outras vias estão sendo feitos por empresas como a Andrade Gutierrez e Camargo Correa. Seguindo essa constatação, o comentário de Gomes (2009) é coerente, segundo ela, “no contexto da produção do espaço como raridade, tal como se verifica a partir das últimas décadas, este se tornou de fundamental importância para a reprodução do valor. A meu ver, porém, sob a aparência do que efetivamente se constitui o Vila Viva estão encobertas novas possibilidades de realização da riqueza, que aparecem justificadas a partir das reivindicações sociais historicamente demarcadas na luta pelo acesso aos chamados equipamentos públicos básicos.”

Esse projeto não-realizado nos fornece um exemplo divergente, alçando a possibilidade de que o horizonte tectônico seja transformado ao longo do tempo: futuras reformas, que ‘puxam’ um pouco mais a casa para os lados ou que edificam acima da laje, são um pressuposto da forma inicial prevista no projeto de arquiteturas expansíveis, que se empenham num diálogo com formas pré-existentes de bricolagem²⁶. Uma fronteira dialógica se firma entre o planejado e o vernacular, um mote para o desenho de tipologias que diferem das que foram construídas no âmbito do *Vila Viva*, apartamentos de 46 metros quadrados que, a princípio, não sugerem a habilidade vernacular.

O horizonte habitacional projetado por Anselmo assume um pressuposto de co-autoria, por serem flexíveis e modulares o projeto não tem efeito em uma ruptura com a dinâmica arquitetônica pré-existente na favela. Ao comparar a densidade habitacional resultante de seu projeto com aquela resultante das construções da Urbel, Anselmo demonstrou que há uma pequena diferença quantitativa, ou seja, com as moradias horizontais é possível construir um número de moradias muito próximo do resultante do modelo implementado.

Em resumo, o tratamento superficial que demos ao Planejamento Global Específico definido pela Urbel é compensado pela atenção sobre materiais suplementares que transitam nas entrelinhas do processo urbano. Assim vimos que o sintoma mais expressivo do consenso oriundo do planejamento estratégico concerne a publicação eletrônica disponibilizada pelo Cideu. Ela investe no imaginário da sustentabilidade comparando sem nenhum cuidado a favela a um bairro de mansões, seria preciso reparar ainda que essa comparação palpável que traçamos entre dois lugares de Belo Horizonte retorna ao conceito de cidade apaziguada que é cunhado pelo urbanismo inglês durante o século XIX. Este esvaziamento da distinção entre favelas e

²⁶ “Ao invés de arquitetura, a prática construtiva das favelas ligada ao acaso e ao inacabado corresponde mais a uma "bricolagem". Aquele que "bricola", ao contrário do arquiteto, não vai diretamente ao objetivo, nem busca uma unidade, ele age de forma fragmentária através das idas e vindas de uma atividade não planejada, empírica. A bricolagem seria uma arquitetura do acaso, uma arquitetura sem projeto. A forma final é resultado do próprio processo construtivo, o objetivo principal do construtor é criar um abrigo. Abrigar significa cobrir, revestir para proteger ou esconder. Ou seja, construir um interior para se entrar, construir um limite entre exterior e interior. Essa separação pode existir em vários níveis a partir do próprio corpo, primeiro há a roupa, depois o abrigo, a casa, o bairro, a cidade etc. A grande diferença entre o abrigar da bricolagem e o habitar da arquitetura é temporal, pois abrigar diz respeito ao que é temporário e provisório, e habitar, ao contrário, ao que é durável e permanente. É como a diferença entre o estar e o ser. O abrigo é temporário mesmo se ele durar para sempre e a habitação é durável mesmo se ela desabar amanhã. Mas o abrigo, mesmo não sendo concebido como tal, possui o potencial de vir a ser uma habitação, em cada abrigo há um devir-habitação imanente.” (JACQUES, 2001b)

cidade-jardim torna visível o risco do planejamento estratégico incorrer em medidas que ignoram as especificidades locais.

O sintoma oriundo do consenso vai transparecer na sobreposição da favela por uma geografia de origem inglesa e que se queria alternativa a cidade industrial conservando uma relação estável com o espaço rural. Mas a espacialidade da favela se cultiva num contexto outro, tanto sua origem quanto sua formação arquitetural vem demandar uma epistemologia que dialoga com o saber local. Nesse sentido é importante a contribuição de um projeto utópico que ele foi rejeitado pela Urbel, mesmo sem adquirir um endereço concreto o projeto de Anselmo (2007), nascido no âmbito do grupo de pesquisa *Morar de Outras Maneiras* da Universidade Federal de Minas Gerais, tem algo a nos mostrar - ele nos indica um teor de dissenso na resolução de urbanizar as favelas da Serra. A contribuição deste projeto arquitetônico esclarece que, sob o estado consensual das coisas, podemos infiltrar alternativas propositoras de diálogos entre o planejamento e a improvisação.

Orientado por tais pontuações ressalto que minha intenção não foi descrever os pormenores do *Vila Viva* tampouco investigar sua concatenação macro-política, suas fontes de financiamento, as cifras ou os níveis de participação social²⁷. O desejo é problematizar o planejamento urbano que reestrutura a favela e segue um modelo de cidade formal. No momento em que se alteram, as práticas espaciais cotidianas, os andares, os percursos e os passeios vão aderindo a um processo de desterritorialização que cava sentidos para um urbanismo incorporado, incapaz de manter a reprodução hegemônica de pensamentos formais e assente com a geografia particular das favelas brasileiras. Concentrar-se na reverberação corporal e sensível proveniente das tensões entre a urbanística²⁸ e a organização espacial lenta e opaca de uma favela convoca um mergulho do corpo, que submerge numa grafia urbana labiríntica. As impressões subsequentes colocam o processo urbano em questão engajando o corpo no debate e agenciando uma experimentação da cidade que desvia das rotas instituídas e acredita na interação com um processo multiforme.

²⁷ O trabalho de Melo (2009) já abordou a implementação do Programa Vila Viva explicitando os recursos financeiros envolvidos no projeto, o papel da Caixa Econômica Federal, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social e do Plano Global Específico que viabilizou a legitimação do Vila Viva no Aglomerado da Serra. É uma perspectiva diferente da que proponho, no entanto, recomendo a consulta para uma visão mais abrangente sobre o tema.

²⁸ Me aproprio do esclarecimento de Portela (2009): “A urbanística eu chamo esse agenciamento entre o urbanismo e o planejamento urbano, com seus discursos, práticas e instrumentos que criam modelos e processos de ordenamento, desenvolvimento e controle do espaço e do tempo das cidades”.

Enfim, o estudo de caso vai indicar um processo urbano que desponta na sua atualidade intensa: a modificação da forma urbana do Aglomerado da Serra teve início há aproximadamente cinco anos, o que na dinâmica urbana é bastante imediato e recente. Este dado conflagra a necessidade de se desenvolver uma base metodológica surgida no contato com a especificidade do processo de transformação, de onde brota a chance de traduzirmos a urbanização da favela em termos de uma obliteração nos níveis da apreensão sensível do lugar. A incapacidade de se copiar a descrição competente e incólume, a mesma que adota um método genérico e formalista para tratar o processo urbano em questão, vai incidir numa caracterização particularizada e fragmentária das transformações da Serra.

Este modo de pensar o relato está intimamente ligado a parte empírica da atividade de pesquisa, tocante à valorização das experiências corporais da cidade em detrimento dos processos de esfacelamento de algumas práticas espaciais. Tocamos, nesse ponto, um teor de instabilidade geográfica que é decorrente, em grande parte, da reestruturação da região sudeste de Belo Horizonte. Chamaríamos de instabilidade geográfica uma perspectiva do processo situado na Serra onde se possa distinguir, prioritariamente, a força espacial do devir, instalando dúvidas sobre a descrição muito precisa de um território que passa por reformas de certo modo inconclusas. Uma hesitação e um titubear acompanham a pesquisa como gestos que sobressaíram das deambulações pela cidade em obras. Assim, com a acolhida dos efeitos cognitivos desse devir, dessa instabilidade, os limites do Aglomerado se mostrarão, certamente, diferentes daqueles contornados pelas cartografias oficializadas.

1.3 – Transbordamentos do Aglomerado

Ao invés de nos concentrarmos em uma definição instituída sobre o Aglomerado da Serra arriscamos propor um trasbordamento, começamos por assumir uma questão que nos possibilitaria ver o Aglomerado contornado por uma linha imaginária que imprime coesão a lugares heterogêneos. Assim, o traçado que aglomera a diversidade dos lugares poderia também ser visto como um constrangimento em face da natureza informe das favelas. Focando o recorte que os Aglomerados criam sobre o mapa da cidade não perdemos de vista que cada um deles é um conjunto de lugares prensados, justapostos, agregados em unidades heteróclitas.

Desse ponto adiante não absorvemos esse recorte do território sem nos incomodar com o emprego de uma palavra que, de antemão, já acarreta inúmeras associações. Se pensarmos que se trata de uma categoria irresoluta nos encontraremos face a face com uma *metacategoria* que repousa em linhas passíveis de revisão. Ao mesmo tempo que tratamos de uma organização da cidade, essas linhas costumam nossos mapas cognitivos e comandam a compreensão da vida urbana. Assim, perseguindo uma desconstrução da forma decalcada nos mapas políticos-cognitivos²⁹, arriscamos traçar a palavra com letra minúscula para permitir-lhe um trânsito para além do regime toponímico.

A complexidade do lugar-aglomerado enseja os meandros do léxico urbanístico e se desnuda na condição de categoria defendida, em particular, pelo planejamento urbano mineiro para atar as favelas num contorno rigoroso. As sinuosidades nos apontam outra via que não a da estabilidade categórica, impossível de ser mantida em face da uma natureza informe que está contida nessa aglomeração. Os envoltimentos dessa palavra empregada na delimitação de um corpo de cidade geram uma relação que se dará no sentido de uma abertura e um desdobramento metafórico que expande o termo corrente.

Fazendo-se sobre a enunciação dos lugares, o estudo toponímico é trazido como recurso preliminar que permite ao lugar ser comunicado e, em certa medida, ser extravasado dos limites da palavra³⁰. É nesse sentido que o contorno da aglomeração informe é questionado por meio de desdobramentos e correlações que atritam a tradução dos limites do lugar. Com a abertura do regime toponímico aderido sobre as geografias informes poderíamos constituir uma operação que surge como um ponto de partida indispensável para situarmos a razão verbal sedimentada na cidade.

A crítica da formação de uma identidade coesa para as favelas pode se apoiar na associação entre o aglomerado do “informe”, um conceito elaborado por Georges Bataille (1970) para desconstruir a idealização que baseia toda a ideia de identidade.

²⁹ Alguns propósitos do Deconstrutivismo são delineados por Guatteli (2008), que dedica-se ao pensamento da intertextualidade. Introduzindo algumas possibilidades interessantes de se refletir sobre a interpretação da desconstrução pelo campo urbanístico, essa bibliografia contribui para a tradução de teorias provenientes da escola filosófica francesa.

³⁰ Segundo Foucault (1997: 43), as regras que determinam uma formação discursiva apresentam-se como um sistema de relações entre objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias. Todos esses elementos caracterizam a passagem da dispersão do discurso para a regularidade da significação. Segundo o autor, “sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva”

Esse pensamento expõe as falhas de toda delimitação ligada a parâmetros numéricos e formalistas, o conceito do informe perpassou todo o trabalho que Bataille concentrou na Revista *Documents*, que tinha o intuito principal de criticar a noção clássica de identidade. Segundo ele,

o informe não seria um adjetivo com sentido claro mas um termo que pretende desclassificar. O que ele designa não tem seus direitos em sentido algum e se faz esfacelar como uma aranha ou um verme. Seria preciso, na verdade, para que os homens acadêmicos sejam contentes, que o universo tenha uma forma. A filosofia inteira não tem outro objetivo senão dar um significado matemático ao universo que não se parece com nada e que é um informe, o universo é qualquer coisa como uma aranha ou um cuspe³¹. (BATAILLE, 1970, p. 217).

Para aprofundar sua alusão, Bataille, numa determinada passagem da Revista *Documents*, estabelece um vínculo com duas imagens, exercitando seu modo de refutar a nossa identidade como uma suposta natureza e instalando o olhar entre a escatologia e o erotismo (Cf. Figura 12). O olhar que a noção de informe demanda nos parece muito pertinente para acentuarmos que há na informalidade algo de específico, algo que escapa tanto aos relatos oficiais e incólumes, quanto às projeções das imagens estratégicas. As especificidades das favelas na Serra ocasionam o impacto de um diálogo possível, que confronta com níveis de contingência na categorização do planejamento urbano. Ao associarmos a informalidade da favela à acepção radical trazida por Bataille, reconhecemos as disputas por significação que ganham força no período recente, perfazendo, portanto, uma perspectiva onde o valor das palavras participa na formação da esfera pública³².

³¹ "[...] un terme servant à déclasser, exigeant généralement que chaque chose ait sa forme. Ce qu'il désigne n'a ses droits dans aucun sens et se fait écraser partout comme une araignée ou un ver de terre. Il faudrait en effet, pour que les hommes académiques soient contents, que l'univers prenne forme. La philosophie entière n'a pas d'autre but: il s'agit de donner un redingote à ce qui est, une redingote mathématique. Par contre affirmer que l'univers ne ressemble à rien et n'est qu' *informe* revient à dire que l'univers est quelque chose comme une araignée ou un crachat."

³² A ocorrência de processos urbanos envolvidos em disputas por significação foi uma questão elaborada no âmbito do Grupo de Trabalho Esfera Pública do *Corporidade*'2010. A coordenadora do grupo Cibele Rizek insistiu para descobrirmos como os próprios moradores das favelas nomeavam seu espaço habitado, como os especialistas o chamavam, quais os significados estavam associados ao espaço público de Alagados ou da Maré. O poder de nomear os lugares faz da linguagem um campo de operação de políticas urbanas, no qual a suposta neutralidade toponímica assume o desejo pela classificação.

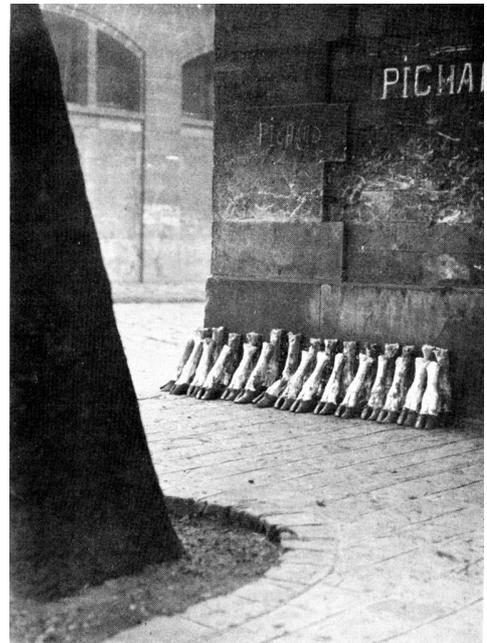
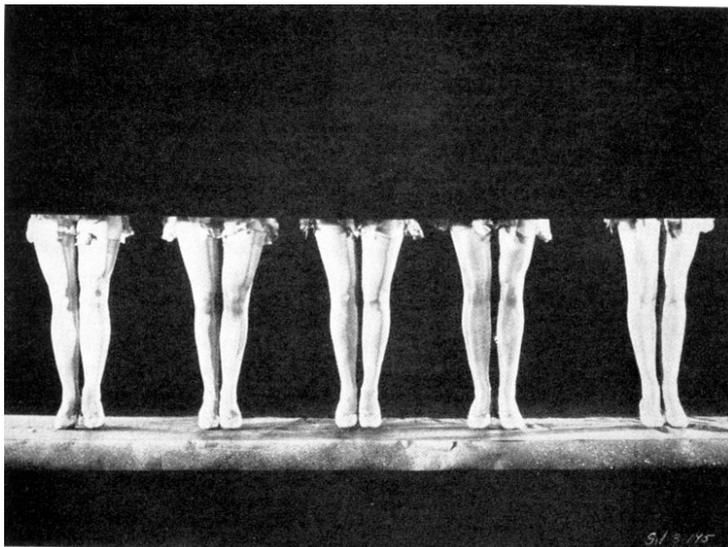


FIGURA 12: Fotografias utilizadas por Bataille na Revue Documents n.07, onde propõe o conceito do informe. FONTE: www.radicalart.info

Acionamos um desdobramento metafórico para entender o aglomerado em outros sentidos: em primeiro lugar, no âmbito da geologia, um aglomerado nos remete a uma rocha heteróclita, composta por frações de diversos minerais, conformando uma espécie de mosaico mineralógico. Poderíamos correlacionar o vocabulário geológico com a nomenclatura utilizada pelo planejamento urbano, nessa medida a Serra do Curral e sua estrutura metassedimentar assumem papéis condicionantes no pronunciamento semântico da favela. A estrutura do aglomerado é complexa, sua unidade se forma quando minerais de diversas naturezas são amalgamados gerando uma estrutura rochosa instável quando traçamos uma comparação do aglomerado com o basalto, uma rocha magmática.

A incidência desse tipo de formação rochosa instável na Serra do Curral sugere uma metáfora primordial dentro do regime toponímico que desdobramos. Além disso, a geologia pode solapar o acesso a ciência astronômica, que aplicam o conceito na escala sideral ao classificar os corpos celestes em agregações informes, que escapam aos padrões geométricos tão recorrentes. Do afloramento desses estratos geológicos submetidos a forças de aglomeração deriva uma metáfora ontológica da aglomeração.

Em meio aos desdobramentos do aglomerado, há um que transborda dos volumes domésticos e cotidianos: o aglomerado se transmuta em placas de madeira produzidas pela prensagem dos resíduos desprendidos na serragem. Nesse caso, o material correspondente ao aglomerado é o compensado resultante da linha de produção

da indústria moveleira, matéria de baixo custo que, em diversos formatos, se difunde também nos tapumes que cercam as construções. Neste formato, o que vemos é um muro que, sob as intempéries e com o passar do tempo, vai se desmanchando. A prensagem dos fragmentos de madeira estrutura um objeto perecível que se decompõe debaixo dos nossos olhos.

A visão de uma corporeidade aglomerada nos ajuda a traduzir esse esfacelamento. Borrando a estrutura fixa do organismo a corporeidade se articula com a compreensão da arquitetura instável da vida. Como pensarmos no aglomerado como um corpo de fronteiras borradas? Talvez jogando com a materialidade da linguagem, para isso extraímos de uma pesquisa artística a imagem da incorporação dos efeitos informes e intensos de uma prensagem. Esta imagem, proveniente de uma peça de dança na qual três performers fazem uma movimentação rasteira, intrincam-se um nos outros nos expõem aos efeitos perceptivos das forças de aglomeração. Estamos a falar da peça de dança contemporânea *Tombo*, de autoria de Cristian Duarte, Thelma Bonavitta e Thiago Granato, que compõem a Associação Desaba.



FIGURA 13: Tombo (2009), peça de dança contemporânea da Associação DESABA (still de vídeo). FONTE: www.youtube.com/missgoodlife

Da configuração disforme resultante do encontro entre três corpos se produz um corpo-coletivo, uma prensagem é performada unificando com violência as três individualidades presentes. Perceber a metáfora do aglomerado consiste em não poder distinguir cada qual dos sujeitos, o que se enxerga é a forma heteróclita que constringe as fronteiras individuais. Amalgamados entre si, essa espécie de corpo-coletivo vai performando a imagem subjetiva da aglomeração, uma dança subsiste no meio da coesão conflituosa: todos os gestos individuais são condicionados pelos limites impressos pelo outro, e por vezes os gestos se lançam em direções opostas. Ali, a prensagem se apresenta como um violência centrífuga.

Esta imagem artística desdobrar o aglomerado ao inserir uma desestabilização dos limites corpóreos, convidando o espectador que se aproxime de uma paisagem tátil e movediça. A percepção do corpo como um lugar familiar é denunciada, seu automatismo é dilacerado enquanto as fronteiras entre uma coisa e outra coisa, entre um corpo e outro corpo num instante momentaneamente se esfacelam. A dança cava fissuras na percepção do singular e do plural, na distinção entre individual e coletivo, sua singularidade está na transformação do corpo em uma massa informe e instigante.

Outra proposição artística que nos oferece uma imagem informe é proveniente das experiências urbanas de um artista brasileiro exilado nos Estados Unidos. Estamos a falar do Conglomerado, um projeto que o artista Hélio Oiticica concebeu em 1973 mas que nunca chegou ao ponto de ser inteiramente realizado. O Conglomerado foi planejado por Oiticica para conter todos os trabalhos produzidos durante o período em que viveu em Nova York. Afirmando seu *work in progress* nascido na afecção intensa entre seu corpo e a metrópole: “É um livro que não é um livro, é um Conglomerado. Em vez de ter seções ou capítulos tem blocos” (Oiticica em BASBAUM, 2009).

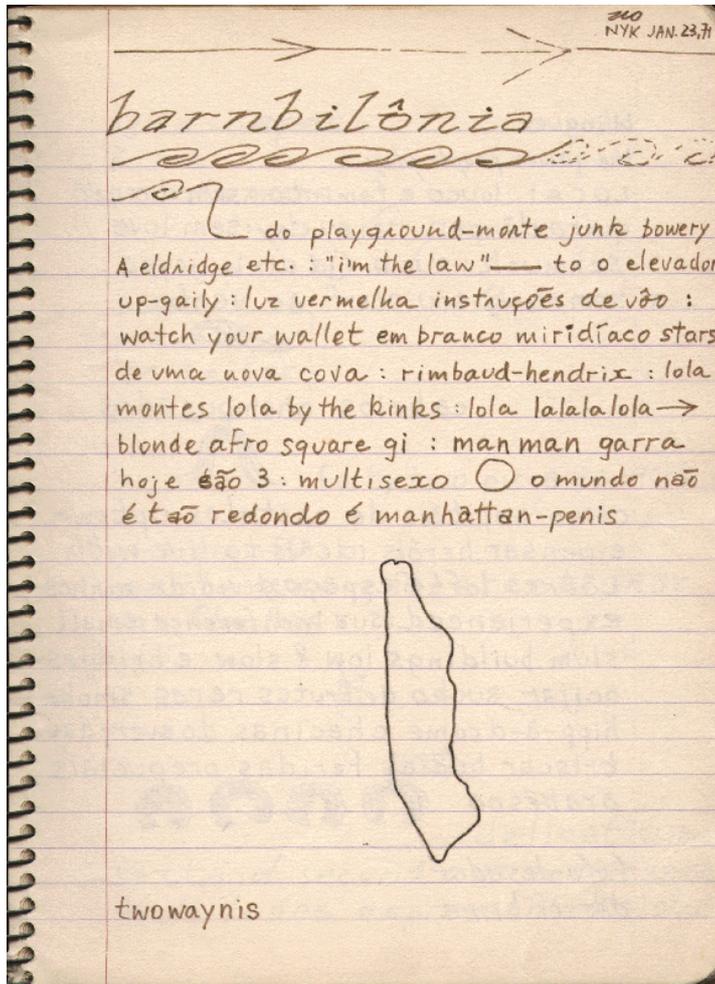
Enquanto um acúmulo de inúmeras anotações, desenhos e esquemas, o Conglomerado é um arquivo de escritos babilônicos, fragmentos que nos apresentam registros de derivas pela cidade, vivências nos parques públicos e manifestações corporais em sua habitação-atelier. Esse arquivo dá acesso a experiências numa cidade multicultural, o artista que foi precursor da arte ambiental, revisitando com astúcia o movimento antropófago, na década seguinte vai produzir uma espécie de diário de bordo que relata seus encontros, desencontros e as sensações estrangeiras de Oiticica fora de seu país de origem. Aglutinadas enquanto um Conglomerado, acúmulo de sensações mas também registros de um lugar de exílio político, as anotações do artista colaboram para a apreensão dos estados corporais da cidade. Cada vez mais inserido no

espaço público, Oiticica criou, ao mesmo tempo que o Conglomerado, a série de ambientes *Cosmococa*, em parceria com Neville de Almeida, além de vários vídeos curtos que apresentam jogos e ações performáticas nas ruas de Nova York, ambos os trabalhos paralelos revelarão uma experiência no universo *underground* de uma metrópole.

Para Basbaum (2009), o Conglomerado que Oiticica propõe é uma maneira de organizar os pensamentos, uma incorporação de lampejos e experimentações textuais e poéticas que não caberiam jamais na forma convencional de um livro. O artista preferiu manter o teor fragmentário de sua produção, e mesmo sem ter sido concluído o projeto depõe sobre uma configuração informe. O crítico da arte nos explica que esse projeto expõe o modo do corpo se relacionar com a escrita, integrado as palavras num acúmulo onde a desarmonia era um componente muito bem-vindo. Basbaum nos sugere atualizar o conceito da proposição de Oiticica com o pensamento construtivo dos “terreiros de encontro”: territórios do contágio cotidiano e de ações microscópicas de descentralização dos poderes. Para considerarmos a posição desse objeto de fronteiras borradas, hoje, precisamos pensar a incidência da alteridade em táticas de incorporação de desvios e ambulações urbanas. Nesse ponto, a tradução do conglomerado pode ser localizada enquanto uma acumulação de alteridades (Basbaum, 2009).



FIGURA 14: Foto do Conglomerado publicada pela revista Arte, em outubro de 1978.



FONTE: Acervo de Paola Jacques.

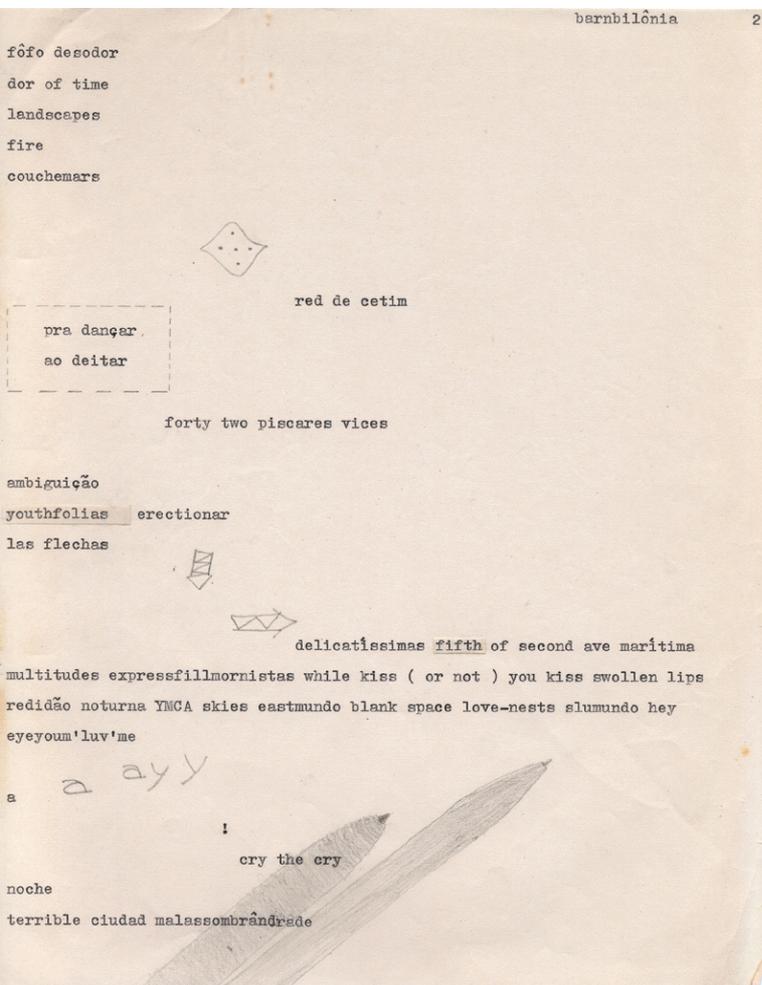


FIGURA 15: Notas de Oiticica durante seu exílio em Nova York.

FONTE: Projeto Hélio Oiticica.

1.4 – Embaralhamentos da alteridade

A refavela, a refavela, ó
Como é tão bela, como é tão bela, ó
(Gilberto Gil, *Refavela*, 1977)

Originalmente, a alteridade foi fixada no espaço exterior ao pensamento urbanístico. O traçado projetado por Aarão Reis na década de 1890 impedia que suas retas fossem um terreiro de encontros, o dispositivo arquitetônico vernacular é empurrado para as bordas da Avenida 17 de Dezembro, que hoje se chama Avenida do Contorno³³. Historicamente, podemos identificar que no momento de inauguração da nova capital de Minas Gerais havia um lugar muito definido para a alteridade urbana, o espaço das margens, nos confins da cidade retificada. As construções que davam a ver um modo de organização espacial vão tornar-se escapes ao traçado retilíneo e homogêneo que sedimentou uma imagem moderna sobre a cidade. O berço privilegiado para o modernismo brasileiro, campo de testes do pensamento urbanístico da primeira metade do século XX, Belo Horizonte acolheu a segregação espacial empurrando para as bordas exteriores da Avenida do Contorno tudo que era estranho ao seu ideal³⁴.

No decorrer de um século, com a expansão da cidade muito além da sua área originalmente planejada, começamos a enxergar uma redefinição do vínculo de intolerância entre o urbanismo e as arquiteturas vernaculares. No caso de Belo Horizonte, uma emblemática materialização do ideário modernista é, de fato, a Avenida do Contorno, uma linha que se pretendia abissal e que tinha a função de arrematar o traçado quadriculado, estancando o crescimento da cidade e regulando a relação urbano/suburbano. O cerne dessa linha gira em torno de definições duais: dentro/fora, cidade/campo, planejado/improvisado, ricos/pobres, ordem/desordem, formal/informal. Mas para além dos dualismos perseguidores podemos encarar o espectro do pensamento racionalista como uma herança que somos incapazes de acolher passivamente.

³³ Ao adotarmos a expressão “dispositivo arquitetural vernacular”, utilizada por Jacques (2001) na observação de favelas do Rio de Janeiro, fazemos a ressalva de que na capital carioca as favelas se inserem de forma singular no tecido urbano estando intrincadas nos meios da cidade, enquanto que em Belo Horizonte essas só puderam ser construídas exterioridade do espaço planejado no fim do século XIX.

³⁴ Para compreender a definição de um lugar para a alteridade devemos frisar que a construção de Belo Horizonte alavancou os projetos de Goiânia na década de 1930 e Brasília na década de 1950. O conceito de *siamoserie* (Jeudy, 2009) pode elucidar a forma como a identidade urbana da modernidade brasileira é tramada nessas cidades-irmãs que podem ser vistas como siamesas. Já a título de uma discussão sobre nossa herança modernista, o artigo de Del Rio & Gallo (2000) constitui uma bibliografia básica.

A destinação que o plano urbanístico dava para a alteridade era muito claro: os espaços improvisados só teriam lugar nos exteriores da avenida que contornava as 65 ruas formando quadriculados e as 12 avenidas regulares e simétricas, traçadas em diagonais. O plano urbanístico para a *Cidade de Minas*, que ocuparia o lugar de Ouro Preto e seria a nova sede do governo estadual, está concatenado com as adequações nas ruas do Rio de Janeiro e de Paris que visavam modernizar a vida urbana. Em todos os casos, o urbanismo vai atestar sua intolerância em relação ao seu Outro, destinando para ele um lugar fora do plano, um lugar estabelecido nas margens.

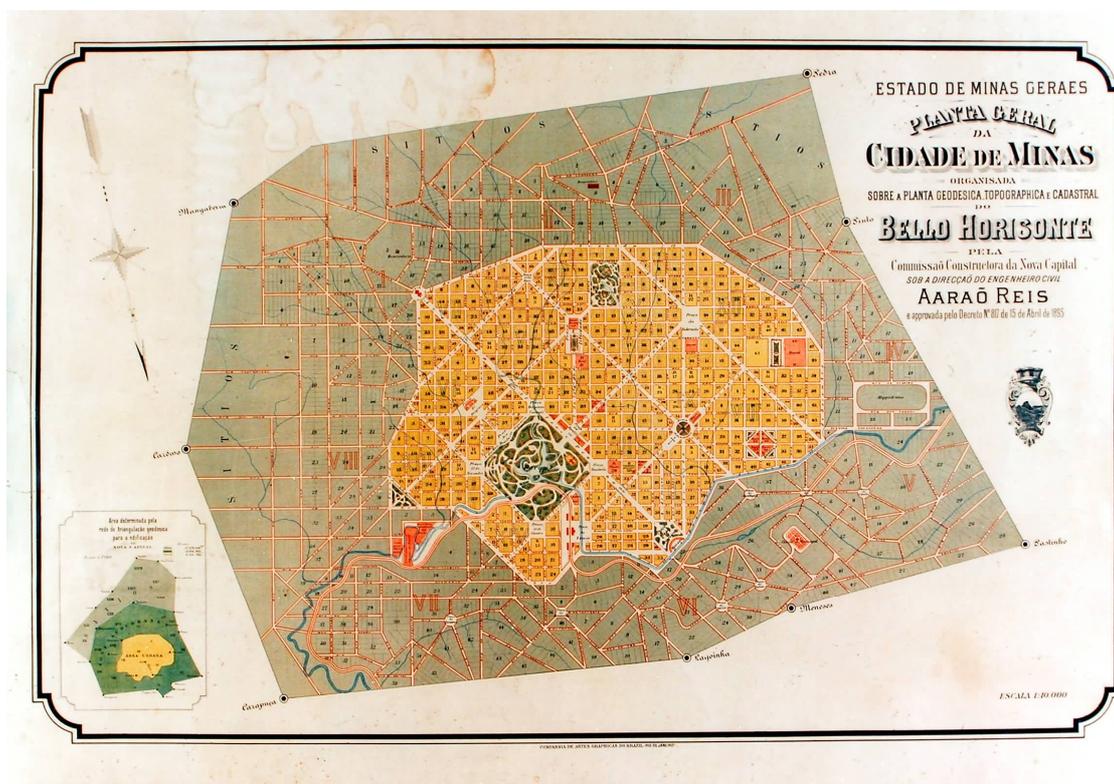


FIGURA 16: Planta Geral da Cidade de Minas – década de 1890: o plano urbanístico de Aarão Reis para a construção da primeira cidade planejada do país. FONTE: www.wikipedia.org

No entanto, a cidade projetada para abrigar 200.000 habitantes é, hoje, um fragmento no meio do território da terceira maior região metropolitana do Brasil, onde vivem 4.882.977 de habitantes, conforme mostrou o Censo 2010. Arguelhes e Costa (2008) esclarecem que a relação com a alteridade estava, num primeiro momento, resguardada pelo discurso higienista. Segundo eles o surgimento da nova capital de Minas Gerais estabeleceu uma distinção entre certo e errado, os parâmetros que regiam a cidade nova julgavam os costumes populares como infundados, devendo ser corrigidos e equiparados ao novo que era visto na centralidade da cidade. Portanto, o

nascimento da cidade esteve envolto pelo higienismo social revelado num espaço segregado, que não previa um lugar dentro do plano que seria habitado pelo enorme contingente de operários que chegavam atraídos pela oferta de empregos na construção dos prédios públicos.

Ao analisarmos a elaboração e a construção da cidade de Belo Horizonte, percebemos que a modificação do espaço da cidade, capaz de dar a ela forma e feição, contém em si um projeto político de gerenciamento do urbano em sua totalidade. Ao mesmo tempo é uma tarefa de profissionais especificamente habilitados para tal (urbanistas, arquitetos, engenheiros, higienistas), e também comporta o que se poderia chamar de intervenção do cotidiano. Ou seja, o espaço sonhado, desejado, batalhado e até mesmo imposto acaba sendo também reformulado, vivido e descaracterizado pelos habitantes da urbe, que a seu turno, o requalificam e lhe conferem novos sentidos. Tais fatores são fundamentais para percebermos como os cidadãos excluídos pelo Plano da Cidade encontraram a saída para integrarem a cidade.

Hoje, é importante tentar perceber as nuances dessa herança nas ações promovidas pelo planejamento urbano. Como foi visto, a perspectiva da alteridade vai se embaralhando cada vez mais a medida que o planejamento transborda seu lugar de origem, passando a investir no gerenciamento das favelas antes apartadas numa condição marginal. Uma mudança de atitude aparece muito recentemente, quando na década de 1990 as favelas passam a integrar as cartografias oficiais da municipalidade. Mas, para além do mapeamento, a investida do planejamento estaria mesmo atenta à interlocução entre o formal e informal? Ou o urbanismo estaria substituindo a busca de saberes locais por parâmetros globais? Nesse ponto de inflexão é desejável que a crítica do urbanismo considere a atualidade das intervenções em favelas despertando para processos imperativos que podem estar ignorando a complexidade extrema destes lugares.

Existe um risco da corrente que trabalha na urbanização das favelas ignorar a trama dos saberes locais, causando uma obliteração da geografia das favelas. Essa ressalva condiz com o questionamento dos “globalismos localizados”, uma chave da sociologia política para designar processos nos quais “as condições locais são desintegradas, marginalizadas, excluídas, desestruturadas e, eventualmente, reestruturadas sob a forma de inclusão subalterna” (Boaventura de Souza Santos, 2006, p. 438). A geograficidade das favelas é digna de uma reflexão mais expandida pois ela transpõe a alteridade ao invés de residir na oposição errônea entre urbano/não-urbano ou urbano/rural, de outro modo, ela é pode ser pensada como um entremeio. Ao que parece, a demanda por estruturas primordiais (saneamento, água tratada, energia

elétrica, pavimentação) vem sendo revestida por uma transformação de natureza sensível. Exercitando traduzir a urbanização da favela como um processo de obliteração das características territoriais mais específicas teremos que compreender como a alteridade está implicada nesse enredo.

Novamente é uma imagem artística que vai colaborar com a presente preocupação, assim, voltamos a um levante que confrontou a remoção das favelas, o modo de operar do urbanismo durante muito tempo. A remoção das favelas, seguida da transferência dos habitantes para conjuntos habitacionais construídos pelo Banco Nacional de Habitação–BNH³⁵, geralmente nas periferias mais afastadas do centro urbano, se fez tema para o músico Gilberto Gil em 1977, quando ele lançou o neologismo *refavela*.

Escutando a canção de Gil compreendemos que ele se refere a uma situação que se relaciona à desterritorialização dos morros, seguida da apropriação de espaços desenhados por um governo ditatorial, que propulsionava a massificação da casa própria. Mas a canção também vai entoar a potência de transformação do conjunto habitacional, que desponta num processo de ‘favelização’ dos blocos do BNH. A seu modo, a arte evidencia a redistribuição do espaço urbano, trazendo a reterritorialização da alteridade que se presumiu extirpada. Todavia, nos apropriando da invenção da *refavela* podemos perceber que as questões atualmente em circulação são outras: no caso da Serra, a retirada da favela não está em primeiro plano, mas o que se vê são mutilações mais pontuais, que preservam o lugar físico mas embaralham o espaço sensível. Qual o território que surge após essa operação de reestruturação urbana?

A questão passa a ser mais relativa, passando pelo entendimento de uma expropriação flexível que segue a segregação vigente no capitalismo cognitivo. Nesta lógica, a favela é sobreposta por uma camada técnica que, no entanto, altera a dinâmica do lugar mesmo preservando sua localização geodésica. A crítica da uma “inclusão exclusiva” poderia acrescentar a urbanismo posicionamentos políticos relevantes. Conforme observa a coordenadora do Grupo de Pesquisa Morar de Outras Maneiras, Silke Kapp, em entrevista concedida a Lages e Rodrigues (2009), o processo de reestruturação urbana colocado em prática pela Urbel se coloca como uma operação impositiva, a autora escreve:

³⁵ A atuação do Banco Nacional de Habitação coincide com o período de ditadura militar no Brasil, indo de 1964 a 1986.

Os projetos das empreiteiras não atendem aos interesses do lugar nem das pessoas que estão lá. Dessa forma, a urbanização, que se pretende inclusiva, acaba sendo exclusiva, não aponta para a democratização real. Por isso, essas obras, a exemplo de todo investimento na favela, são apoiadas num primeiro momento, mas acabam rejeitadas tão logo seu caráter interventor fique evidente. (KAPP em Rodrigues e Lages, 2009)

Nesse sentido, a alusão a uma *pós-favela* irrompe entre dois processos que se complementam, a urbanização e a obliteração. O termo ‘pós’ suscita a exigência de um confronto reflexivo com os resíduos da permanência do dispositivo vernacular num mundo regido por sistemas formalistas: trata-se, portanto, de um ‘outro’ modo de exercitar o pensamento da alteridade por meio de um constante diálogo crítico com o passado. Este outro neologismo toma parte, portanto, no pensamento inquieto da procura e da interrogação desprovida das supostas garantias concedidas por sólidos fundamentos, pois a obliteração vai sempre nos dizer de um processo de privação da experiência da singularidade.

O empenho desse pensamento é situar uma forma de ação política disposta a lidar com o outro e perscrutar os efeitos da reestruturação de um dispositivo vernacular, sem deixar de considerar as morfologias inquietantes da *refavela* ou mesmo da *pós-favela*. Na trilha de ações de reconhecimento da alteridade dialogamos com o pensamento de Hanna Arendt, para quem a ação política possui sentido apenas na medida em que excede a justificação de motivos, por um lado, e ultrapassa a consideração de sua eficácia ou efetividade, por outro. Nesse contexto, Arendt se colocou a pensar a “exemplaridade subversiva”, que pode ser concebida como “modo de ser no mundo contraposto à indiferença complacente, manifesta na reiteração de comportamentos e opiniões padronizados e previsíveis, que incute no elogio da ação espontânea e da reação inusitada” (DUARTE: 2007, p.31).

Para Duarte (2007), o pensamento político de Arendt tem implicações no modo de lidar com a alteridade e, sobretudo, na concepção do espaço público. Oferecendo uma leitura do conceito de “exemplaridade subversiva”, o autor escreve:

[...] estimular e defender a proliferação da diferença e da alteridade no mundo exige enfrentar a crise da política da modernidade em ações, pensamentos e juízos, confrontando as estratégias políticas e econômicas hegemônicas de exclusão, homogeneização, cooptação e produção controlada da subjetividade massificada. A ação recusa-se a imitar modelos normativos do passado e procura re-inventar a coisa política em seu aspecto radicalmente democrático, disseminando-se em movimentos sociais minoritários e de resistência, os quais buscam re-politizar a cidadania, o espaço público e o próprio exercício do pensamento e do juízo autônomos, na contramão da experiência cotidiana da *espetacularização* da política. (DUARTE, 2006, p.8)

Conseguiríamos com o modo de ser da exemplaridade subversiva nutrir o reconhecimento da alteridade das favelas e resistir em face dos processos de obliteração de suas ações espontâneas? O respeito pela alteridade não quereria assegurar o acesso a um conceito de espaço público contraposto à espetacularização das cidades contemporâneas? Nesse viés, o modo de ser da exemplaridade subversiva desemboca num espaço público que suscita e requer práticas acionadoras de resistência contra as instâncias políticas, econômicas e jurídicas que impedem e obstruem a possibilidade do Outro ser efetivamente aceito enquanto tal.

A ocultação das coexistências é sintomática no contexto de segregação da vida social, que privatiza a subjetividade dos agentes e do próprio espaço público em que eles aparecem. Mas a introdução das interrogações anteriores busca, de outro modo, valorizar as especificidades do território informe das favelas com o intuito de se reconhecer ali algumas práticas que subvertem a tendência de urbanização. Falaríamos, então, ao tratarmos da obliteração das favelas da Serra, de uma “zona de tensão urbana” que mistura permanentemente, embaralha e tensiona as fronteiras entre espaços opacos e luminosos, incorporados e cenográficos, resistentes e espetaculares³⁶.

Cabe enfatizar que diante da favela estamos em face de um Outro corporificado, que nos confronta com o desfavorecimento e o aviltamento e que se encontra sob o risco da obliteração por meio de sua inclusão social domesticada e controlada. Acreditamos que as favelas e seus habitantes constituem um exemplo que subverte tanto a ordem política que se estabeleceu na cidade moderna, segregada sob o comando de racionalismo sem precedentes, quanto a ordem política que se instaura no mundo contemporâneo, onde a imagem da cidade estratégica tornou-se consensual.

Nesse empenho não cabe mais definir com precisão o lugar da alteridade, de maneira diferente, buscamos em uma cartografia borrada a intensificação do debate posto em curso. Talvez, em nosso caso, seja pertinente sugerir um rastreamento no espaço urbano ao invés de um mapeamento extensivo. Os rastros, diferentemente dos mapas, indicam com mais precisão o que está em jogo num processo de obliteração, na experiência de atravessar um território transbordado o mapa é questionado pela persistência de um estado de dúvidas. O diagrama desse atravessamento leva a compreender que os limites cartográficos desse território são processuais, o que nos

³⁶ O conceito da “zona de tensão” é explicitado em pormenores por Jacques (2010).

garante, ao invés da entronização da unidade Aglomerado como um dado, o pronunciamento de uma geografia em gerúndio.

1.5 – Epistemologia da lentidão

Um refreamento dos processos urbanos hegemônicos se alia à percepção de ritmos urbanos coetâneos que impulsionam uma relevância epistemológica. A partir daqui, nota-se que a lentidão também adquire forma de ação política ao interferir no estado das coisas refreando os anseios de uma cidade estrategicamente veloz. A imagem de uma cidade multitemporal participa de uma crítica à aceleração que tem adquirido uma face hegemônica nas últimas décadas. Nesse sentido, a lentidão poderia se associar a uma contra-hegemonia que busca reconhecer uma subjetividade desestabilizadora, que incorpora ritmos alternativos ao paradigma de uma cidade atravessada por fluxos globais.

A temporalidade da lentidão e, por consequência, a imagem da cidade multitemporal, tornam visíveis os sujeitos que partilham a cidade lenta, compondo uma temporalidade prática no uso do espaço público. Os agenciamentos presentes nos espaços públicos de uma grande cidade podem ser vistos como um processo ordinário de “empiricização do tempo”, conforme Milton Santos (2004) salienta. Portanto, existe o desafio de incorporar um modo de compreender a lentidão que, por sua vez, abrirá espaço para uma apreensão lenta da cidade contemporânea, considerando uma constante fricção com a tendência global da celeridade derivada da espetacularização urbana.

Inicialmente, há uma chance de se reconhecer nos sujeitos da lentidão os movimentos que desencadeiam uma reflexão sobre os sentidos da racionalidade do planejamento urbano. Introduzindo e questionando a racionalidade que constrói uma cidade desenfreada e célere, que tenta cada vez com mais força planejar a unicidade dos fluxos globais sobre diversas geografias, torna-se urgente uma brecha na engrenagem consensual do urbanismo. Queremos, pois, vislumbrar uma cidade multitemporal assumindo os rebatimentos epistemológicos que o reconhecimento da lentidão ocasiona. Avistando as dominações da celeridade num contexto global, a proposta é questionar uma racionalidade que insiste em obliterar a lentidão inserindo-a na condição residual.

Segundo Boaventura de Souza Santos (2008) a conformação de uma *cidade multitemporal* se contrapõe às formas de conhecimento que engrenam a residualização das temporalidades coetâneas, especialmente aquelas alternativas à aceleração estratégica que se atrela aos fluxos econômicos. Dessa forma, cabe acrescentar que esse refreamento não é apenas de natureza política, mas também se dá num campo cognitivo e sensorial. A imagem de uma cidade multitemporal se encontra engajada numa *epistemologia-Sul* e está imbuída de uma reflexão que insufla as temporalidades subalternas (Santos, 2008).

A abertura à epistemologia pode trazer argumentos para se reverter posições residuais impostas à lentidão, pois enxergar a lentidão como um saber incute em assumir de antemão que sua presença nas grandes cidades tem sido alvo de uma política da obliteração. As operações epistemológicas pensada no contexto do Sul global sugerem a interpenetração das ritmicidades obliteradas, que são ritmos da resistência aviltados pelo planejamento estratégico. Num passeio pelos interiores da cidade contemporânea a atitude epistemológica nos ensina a olhar para a diversidade nos espaços metropolitanos, instigando uma visão subalterna à aceleração dominante.

A assimilação de uma cidade prenhe de *muitos-outros-tempos* dá andamento a alteridades co-existentes que desestabilizam irreversivelmente a imagem que anseia o planejamento técnico e científico da cidade. Por isso são bem-vindas as falas que assumem a urgência epistemológica das cidades contemporâneas, em especial das cidades pobres do Sul-global. A necessidade de certas falas nesse momento é fomentam o aprendizado no/do mundo urbano e corporifica o enunciado de racionalidades alternativas³⁷.

Para entendermos o jogo instável que interpela a diversidade urbana, buscamos uma atitude epistemológica que parece profícua ao alcance dos sentidos contemporâneos do espaço urbano, essa mesma atitude carrega a intenção de instalar um ínfimo dissenso no campo urbanístico. Por esta via, a incorporação das racionalidades alternativas assume um posicionamento desestabilizador, que esteve sumariamente apontado no sentido de uma exemplaridade subversiva e se mostrará com mais ênfase adiante.

³⁷ A fala de Ana Clara Torres Ribeiro (2010) assume a necessidade de um gesto epistemológico que persiste e não sucumbe na engrenagem da desesperança. Segundo a socióloga, a multiplicidade de experiências sociais presentes nas cidades brasileiras nos convida a uma *corporificação* dessa diversidade e exige um exercício de escuta muito atento, que deve reparar necessariamente nos ruídos e nos silêncios.

O contato com o processo de obliteração do tempo lento na cidade não prescinde de sublinharmos a velocidade e o fluxo em teorias que perpassam o urbanismo contemporâneo. Nesses termos, os rastros da lentidão são procurados num momento em que a celeridade tornou-se também uma marca na produção do espaço urbano, daí a grande dificuldade de um levante crítico nos domínios da velocidade e aceleração urbanas. As referências para uma epistemologia da lentidão remetem, em tal momento, a um acúmulo de intuições que pensam a lentidão como uma manobra circunstancial, como uma ação política que viabiliza as experiências corporais da cidade.

Há uma visão da lentidão que extrapola o papel determinado tanto pelo pensamento moderno que o urbanismo quis formalizar, quanto por algumas críticas que foram precursoras na associação entre a lentidão e o processo de urbanização dos países colonizados. O contexto da urbanização contemporânea se liga a mudanças políticas e culturais mais amplas (progresso de telecomunicações e redes de informação, desconstrução e profusão cultural, reconfiguração das fronteiras entre socialismo e capitalismo, divulgação das teorias da pós-modernidade, etc.). Sob este efeito, aparece uma perspectiva que é colocada na década de 1970 e localiza uma celebração da velocidade, estimulante do progresso dos meios de transporte e da reestruturação das cidades para o fluxo.

Esta é a posição de Paul Virílio (1997), exemplo dessa perspectiva porque efetua uma transição nos estudos sobre a sociedade capitalista deslocando o foco do dinheiro ao interpretar a velocidade como riqueza. Daí um corpo-projétil surge como metáfora do regime sensorial que celebra uma democracia de fluxos cada vez mais ágeis, que nascem do aprimoramento dos motores automotivos e aeronáuticos. Para o autor, a corporeidade desses projéteis atesta o fato da velocidade ter se transformado em capital. Pensando em um corpo de natureza técnica, Virílio constrói uma visão de mundo que menospreza “a experiência sensível da geografia”, reiterando um elogio da lógica da corrida, pois para ele a “violência da velocidade tornou-se, simultaneamente, o destino e a destinação do mundo” (VIRILIO: 1997, 10; 137).

Essa é uma tentativa de articular velocidade e política, na qual o conceito de progresso dromológico é levantado e impede que temporalidades coetâneas refreiem o pensamento hegemônico. Assim, exatamente por retroalimentar uma rarefação do tempo e uma violência da velocidade, a perspectiva dromológica torna improvável que pensemos a emergência de tempos lentos. Todavia, é importante ressaltar que a aceleração não perfaz uma única e solitária temporalidade. A velocidade poderia

adquirir um caráter efetivamente político, que transborda sem dúvidas a perspectiva dromológica, considerando-se as diversas velocidades integradas que se integram ao urbano.

A orientação de reconhecer as diversas velocidades presentes propicia, pois, um transbordamento da dromologia, vindo à tona a problemática política da lentidão em outros termos, mais complexos certamente. A representação da velocidade precisaria, contudo, ser colocada de um modo que cuide para não estigmatizar a temporalidade divergente³⁸. Nesse sentido, a lentidão não poderia ser vista como um entrave para o aumento infinito da velocidade que se tornou riqueza, nessa representação estrutural a lentidão parece se assentar sobre uma apreensão mecânica do mundo, ignorando que velocidade e lentidão podem não ser valores absolutos.

Outra teoria que incide sobre os ritmos urbanos contemporâneos se baseia no conceito da “compressão tempo-espaço”, que chegou ao Brasil com força na passagem da década de 1980 para 1990. Recentemente essa teoria tem sido muito debatida nos meandros do campo geográfico e fica claro que o uso da expressão “compressão de tempo-espaço” requer uma atualização e um cuidado epistêmico. Considera-se que esta perspectiva pode realçar as tensões entre velocidade e lentidão trazendo junto de si a natureza própria dos lugares contemporâneos, contribuindo, pois, para se problematizar a imagem da cidade comprimida por fluxos.

O lugar, enquanto uma categoria geográfica que se forma na aproximação com a experiência corporal e abriga a subjetividade, poderia ser o conceito-operador da revalorização da experiência sensível da geografia. Assim, a descorporificação do espaço global seria redimensionada na busca por sentidos rítmicos que atravessam a consistência dos lugares. Nesse aspecto, destaca-se a interpretação crítica da teoria da compressão tempo-espaço desenvolvida por Doreen Massey (2000), por notar como tal corrente da geografia tende a submeter o lugar ao global, estancando os sentidos plurais das grandes cidades e cerceando a apreensão do cotidiano.

A atenção da geógrafa questiona a cognição do tempo-espaço como a única narrativa histórica do período contemporâneo e refuta esta corrente teórica que privilegiou mais que tudo a dimensão econômica dos processos de globalização,

³⁸ Para Jacques (2001, p.49-50), o aspecto temporal da dromologia pode fazer com que a velocidade seja considerada transcendental, “a noção de “tempo real” [presente na obra de Virilio] exigirá cronômetros cada vez mais potentes, e a ideia de um tempo que escoia infinitamente está sempre presente, mesmo que o tempo esteja cada vez mais acelerado. Esse tempo continua a fazer parte da noção comum do tempo (o tempo mensurável), e essa noção [...] trata de um tempo sempre cronológico e regular”.

ignorando a evidência de outros ritmos espaciais coetâneos. Em particular, esse questionamento é destacado por se interessar em discutir uma “geometria do poder” implicada nos projetos da cidade global. Esta operação que envolve a valorização dos lugares é a resposta de Massey (2000) para defender seu ponto de vista que diverge dos que defendem a compressão tempo-espço.

A diluição das distâncias, uma hipótese da condição pós-moderna, é questionada considerando-se a conectividade global seletiva. Segundo Massey, a adoção da geometria nos leva a reconhecer que

[...] diferentes grupos sociais e diferentes indivíduos posicionam-se de formas muito distintas em relação a esses fluxos e interconexões. Não me refiro a questão de quem se movimenta e de quem não o faz, embora essa questão seja um elemento importante; trata-se também do poder em relação aos fluxos e ao movimento. Diferentes grupos sociais tem relacionamentos distintos com essa mobilidade diferenciada: algumas pessoas responsabilizam-se mais por ela do que outras; algumas dão início aos fluxos e aos movimentos, outras não; algumas ficam mais em sua extremidade receptora do que outras; algumas são efetivamente aprisionadas por ela. (MASSEY, 2000, p.179)

Com o objetivo de atribuir ao lugar um papel que resguarde sua especificidade mas mantenha uma consciência global, a geógrafa trabalha a compressão tempo-espço com uma atitude teórica que apalpa o poder constituinte da “mobilidade diferencial” (MASSEY, 2000, p.180). Essa leitura aborda diretamente uma visão mais incorporada da cidade e pode se associar a corporificação de temporalidades coetâneas, além de rechaçar o aniquilamento do espaço pela aceleração do tempo. A mobilidade diferencial se relaciona com a ideia de que a velocidade e a lentidão perpassam um regime político onde elas são diretamente co-responsáveis pela sua manutenção ou transformação. Se a compressão de tempo-espço puder ser imaginada diferenciada socialmente, teremos a possibilidade de desenvolver uma política da mobilidade.

Percorrendo as ruas de uma grande cidade podemos observar que há uma horizontalidade coetânea à unificação verticalizada da celeridade, bem ao lado de espaços de ofuscante velocidade observamos que pessoas de diferentes lugares se vinculam de múltiplas maneiras ao turbilhão capitalista. Nesse percurso, a lentidão adentra a esfera pública: “[...] precisamos nos perguntar se nossa relativa mobilidade e poder sobre a mobilidade e a comunicação aumenta o aprisionamento espacial de outros grupos” (MASSEY, 2000, p.181). A autora explica que a geometria do poder se coloca nos seguintes termos:

[...] não se trata simplesmente de uma questão de distribuição desigual, de que algumas pessoas se movimentem mais do que outras e que alguns tenham mais controle do que outros. Trata-se do fato de que a mobilidade e o controle de alguns grupos podem ativamente enfraquecer outras pessoas. A mobilidade diferencial pode enfraquecer a influência dos já enfraquecidos. A compressão de tempo-espço de alguns grupos por solapar o poder de outros. (MASSEY, 2000, p.180)

Andar numa grande cidade abrindo os olhos para os ritmos coetâneos, por vezes contrastantes, acarreta um deslocamento do domínio celebratório da aceleração. A metodologia que embasa a perspectiva sobre mobilidades diferenciais e geometrias do poder ressalta a coerência de um percurso pela cidade levando em conta as impressões imediatas sobre os lugares. Tateados em meio da heterogeneidade de uma metrópole e percebidos sempre pelo movimento que os habita, os lugares não negam a compressão tempo-espço, todavia eles nos alertam para alguns de seus equívocos. Segundo Massey,

[...] o que dá a um lugar sua especificidade não é uma história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num lócus particular. [...] Trata-se, na verdade, de um lugar de encontro. Assim, em vez de pensar os lugares como áreas com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, mas onde uma grande proporção dessas relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala muito maior que costumávamos definir para esse momento como o lugar em si, seja uma rua, uma região ou um continente. Isso, por sua vez, permite um sentido do lugar que é extrovertido, que inclui uma consciência de suas ligações com o mundo mais amplo, que integra de forma positiva o global e o local. [...] Se os lugares podem ser conceituados em termos das interações sociais que agrupam, então, essas interações em si mesmas não são coisas inertes, congeladas no tempo: elas são processos. (MASSEY, 2000, p. 184)

O sentido processual que é abrigado pelo lugar acompanha uma percepção da temporalidade das relações urbanas, assim como a mistura de ritmos, as gradações entre velocidade e lentidão. Certamente, essa visão se distancia da obcecada ansiedade que quer sincronizar um único e veloz mundo, ou melhor, varias cidades espelhadas numa só cidade. A imagem da cidade multitemporal, assim como o lugar de seus habitantes, se forma como um palimpsesto, conforme nos indica Santos (2008). Para o autor,

[...] a subjectividade ou identidade de uma pessoa ou grupo social num dado momento é um palimpsesto temporal do presente, é constituída por uma constelação de diferentes tempos e temporalidades, alguns modernos outros não modernos, alguns antigos outros recentes, *alguns lentos outros rápidos*, os quais são activados de modo diferente em diferentes contextos ou situações. (Boaventura SANTOS: 2008, p.109 – grifo nosso)

A “ecologia das temporalidades” que embasa esta explicação transporta o desafio de integrar a lentidão no bojo das discussões epistemológicas, deslocando-a do lugar residual que o pós-modernismo celebratório lhe atribuiu. Tentando restituir as alternativas, as possibilidades e as intersecções entre várias acepções do tempo, a “ecologia das temporalidades” emerge das experiências sociais para criticar a imposição de uma única cristalização temporal. Nela há o empenho de urdir o palimpsesto da cidade multitemporal, promovendo o desenvolvimento de uma relação especial com o tempo e assumindo a potência das muitas-outras ritmicidades urbanas.

Esse empenho suscita a atenção para a temporalidade dos lugares moldando a operação epistemológica que reitera o acionamento de diacronismos na interpretação da cidade contemporânea, onde são partilhados tempos conviventes. Na opinião de Boaventura Santos,

[...] as relações de dominação mais resistentes são as que assentam nas hierarquias entre temporalidades e essas continuam hoje a ser constitutivas do sistema mundial. São essas hierarquias que reduzem tanta experiência social à condição de resíduo. As experiências são consideradas residuais porque são contemporâneas de maneiras que a temporalidade dominante, o tempo linear, não é capaz de reconhecer. São desqualificadas, suprimidas ou tornadas ininteligíveis por serem regidas por temporalidades que não se encontram incluídas no cânone temporal da modernidade capitalista ocidental. (B. SANTOS, 2008, p.109)

Portanto, enquanto se perceber a pretensa canonização da temporalidade linear não se pode deixar de jogar com outros modos de aceção temporal. A relação entre tempo linear e tempo rápido ilustra as posturas do planejamento urbano que interage com a cidade ao simular para no futuro uma obviedade sedutora. Este cenário, promovido pelo braço do planejamento estratégico das cidades, celebra, antes de tudo, um anseio, que consiste na estratégia indolente de dilatar o futuro e contrair o presente. Em outras palavras, uma concepção de tempo linear no planejamento urbano aparece com bastante nitidez em projetos sempre voltados para horizontes vindouros como fica evidente na preparação das cidades para os megaeventos esportivos, esta se inicia vários anos antes do acontecimento ditando a gestão urbana para um fim cronometrado.

O tempo linear dilata o futuro e contrai o presente, por isso a ecologia das temporalidades age de maneira inversa, contraindo o futuro e dilatando o presente. Por isso, essa lógica poderia ser introduzida no campo do urbanismo para conseguirmos ver uma aproximação entre a alternância do tempo linear e os territórios à margem do planejamento urbano. Ao acolher a ecologia das temporalidades, o pensamento urbano

passa a se familiarizar com as superposições e as diversas formas resultantes de outras concepções temporais que poderiam ser espiraladas. Essa temporalidade perfaz outra versão do sentido histórico porque nos traz para junto o tempo temporário, heterogêneo, não mensurável ou desmedido (Ibidem: idem, p.95).

Pensar a lentidão no campo do urbanismo não se separa, pois, de uma reflexão sobre as demarcações impostas pelo conhecimento disciplinar, nisso o vínculo entre distintas visões de mundo é tanto político quanto epistemológico. Toda a crítica da celeridade, íntima do arcabouço da globalização e do pós-modernismo, pode ser associada a uma crise da racionalidade³⁹. Guarneçada de uma epistemologia da lentidão, a cidade hegemônica, marcada pela racionalidade do planejamento, se fragiliza e assume os sintomas de uma crise pungente. Como um meio de questionar uma cidade desenfreada, escolhemos trabalhar com um sentido específico da lentidão que urge por ser corporificado para infiltrarmos na trama do sistema de totalização da celeridade algum elemento que possa desestabilizar a imagem do consenso.

1.6– Grafias Labirínticas

Propomos o precário como novo conceito de existência contra toda cristalização estática na duração. (Manifesto Neoconcreto)⁴⁰

Incrustando-se na composição do estado contemporâneo das cidades, a atenção se dirige aos corpos lentos que permeiam o espaço do cotidiano, voltando-se para a presença de outras racionalidades urbanas. No contexto de uma região metropolitana, apontamos a existência de territórios que partilham significados corporificados do habitar. Olhando nessa direção, se afirma a intenção de aproximar um corpo que ginga de um corpo que exerce a lentidão, viabilizando e aprofundando a compreensão sobre as peculiaridades dos espaços urbanos não-planejados.

A alusão feita à ginga na cidade reforça a interlocução com a abordagem de Jacques (2001), podendo fomentar uma amplificação do estado corporal da lentidão. A “estética da ginga” responde diretamente à geografia das favelas brasileiras, estimulando o deslocamento do urbanista de seu lugar seguro e também um desvio da

³⁹ Segundo Ianni (1973), a globalização deve ser vista como um projeto de racionalização que denuncia como o capitalismo é, de fato, um problema civilizatório.

⁴⁰ Em 1959, Ferreira Gullar redigiu o 'Manifesto Neoconcreto' com o apoio de Amílcar de Castro, Lygia Pape, Franz Weissmann, Lygia Clark, Theon Spanúdis e Reynaldo Jardim.

implantação inquestionável da corrente de urbanização generalizada dos espaços informes. Cabe aqui ressaltar que o gesto da lentidão é conectado pelo desenho de uma geograficidade específica que, por sua vez, também pode ser percebida pelo movimento de um corpo que ginga.

O encaminhamento dessa noção de geograficidade específica é proveniente da territorialização da temporalidade lenta na cidade contemporânea, além do mais, convocando as variáveis corpóreas da lentidão para dialogar com a estética da ginga instigamos a urbanização de favelas “no sentido de melhorar o urbano, preservando a alteridade das favelas, através de outro tipo de metodologia de ação, sem projeto convencional, inspirada na própria estética da favela” (Ibidem: idem, p.153). O acolhimento desta geograficidade específica, traduzida também em termos estéticos, é sugerida, portanto, para engrossarmos o reconhecimento das favelas.

Nessa direção, a compreensão de um “espaço-movimento”, que fundamenta a corporeidade da ginga, vai acompanhando, sem perder de vista, aquele corpo lento que passou agora a pouco. Se bem que a lentidão manifestada corporalmente também se apraz do passo que ginga e segue alternando-se com malemolência. Juntamente com o adiantar da ginga, a corporeidade da lentidão passa a ser mencionada na discussão sobre os espaços que não se constroem nos moldes do planejamento e do projeto arquitetônico, essa passagem lida com os espaços informes que préexistem ao urbanismo acreditando que a partir deles podemos colaborar para uma reavaliação sobre práticas de ordem disciplinar.

A singularidade das favelas assenta-se na abrangência de relações entre atores de urbanidades que se desprendem da forma física da cidade, englobando as ações, os movimentos e os gestos cotidianos. Segundo Jacques (2001, p.66), as características proeminentes do espaço-movimento se relacionam tanto com a organização arquitetônica e urbana que alterna a cidade racionalizada quanto com a corporeidade que é material e movente. A autora salienta:

a experiência de subir ou descer uma favela reveste-se de uma percepção espacial única. À medida que se vai passando pelas primeiras “quebradas”, vai-se descobrindo um ritmo de caminhar diferente, imposto pelo próprio percurso das vielas. É o que chamam de ginga. Perambulando pelos meandros das favelas, compreendemos como as crianças do morro sabem dançar antes mesmo de saber andar direito. Ora, nunca andamos em linha reta numa favelas de morro, onde, além dos meandros do caminho, sempre estamos num plano inclinado. (JACQUES, 2001, p.66)

A prática espacial que consiste em andar tangencia uma postura disciplinadora da corporeidade, cultivando o reconhecimento dos territórios, que alternam a racionalidade técnica e burocrática, poderíamos notar um transbordamento desse conhecimento protocolar que se nutre dos fundamentos funcionalistas elaborados pelo Urbanismo Moderno. O reconhecimento das geografias específicas do Terceiro Mundo incute em se surpreender em meio do traslado dos pensamentos urbanísticos pois muitos dos modelos urbanos implantados no Brasil reportam ao contexto da urbanização do Norte-global. Sem dúvidas, precisamos assumir que esses modelos desencadeiam uma série de incompatibilidades no contato com os dispositivos arquiteturais originários de saberes locais.

Especialmente, as corporeidades da ginga e da lentidão se transformam em ferramentas para moldarmos um conhecimento situado, que enseja o respeito das especificidades locais e enuncia o valor da espontaneidade num mundo cada vez mais artificializado. Em nosso período,

[um] momento de crise da própria noção de cidade, em que nos encontramos hoje – com as idéias de não-cidade, cidades globais, urbanização generalizada, cidade genérica etc -, essas situações extremas de alteridade urbana podem nos ajudar a repensar nossas próprias definições de cidade, urbanidade, de formas contemporâneas de vida em sociedade (JACQUES, 2001, p.153).

Seguindo uma triangulação temática, Jacques distingue três especificidades espaço-temporais que aparecem nos dispositivos arquitetônicos de natureza vernácula. Assim, o entendimento das favelas seguindo as figuras conceituais do Fragmento, do Labirinto e do Rizoma, ganha um recheio estético. Não há espaço para problematizar as três temáticas que são poderiam ser detalhadas na observação empírica de uma favela, entretanto, cabe aproveitar o diálogo sensível que aparece por meio da relação entre a estética e o urbanismo. Limitaremos-nos a perseguir as trilhas do Labirinto que residem nas favelas pois desejamos, com isso, insuflar a experiência corporal do tempo lento. Conforme a explanação de Jacques (2001: 84): “antes de ser forma, o Labirinto é um estado sensorial. Antes de ser espaço, é um caminho. Antes de ser, deve tornar-se Labirinto”.

Uma camada que atravessa o encontro entre a ginga e a lentidão e, por consequência, entre a estética e a geografia urbana, vai remeter ao tempo dos espaços precários. Algo que transparece no distanciamento da dimensão fabulada pela celeridade e pela estabilidade, distorcendo o horizonte do planejamento urbano que se prende em olhar inexoravelmente para o futuro e a finalidades. Ao questionar as

simulações temporais do espaço planejado o precário vai além da dimensão arquitetônica para mostrar-se na impregnação da existência humana naturalmente perecível. Por assim dizer, a experiência do precário é muito próxima de uma percepção labiríntica, que envolve-se na trama das decisões improvisadas, comuns aos espaços que o cotidiano vai erguendo dia-a-dia, processualmente. Em seguida, as chaves para se compreender a favela como Labirinto são trabalhadas:

a complexidade do labirinto é temporal; quem se perde é aquele que acaba de surgir, que desaparece tão depressa quanto surgiu. É o aspecto desconhecido do porvir que cria a estranheza; e o estranho é também o estrangeiro, o que nos é estranho, o que não dominamos, porque desconhecemos. Conhecer um labirinto exige nele penetrar, nele se perder, para descobrir as armadilhas do caminho. Em cada escolha, a dúvida: “Pode ser que sim, pode ser que não”. Jamais sabemos se estamos no bom caminho; na realidade, não há bom caminho. A incerteza do caminho é intrínseca ao labirinto. O percurso é o próprio labirinto. Para desatar a complexidade do percurso, é necessário uma ausência de objetivo. É a vontade de sair do labirinto que faz a pessoa se perder. O estado labiríntico é o estado de quem vaga, um estado errático. O percurso – ao contrário do que ocorre em um itinerário já planejado – impõe a disponibilidade para vagar. Vagando ao acaso, a dúvida desaparece. São os que duvidam os que se perdem (JACQUES, 2001, p.86).

Nestes termos, as grafias labirínticas são impulsionadas pela deambulação urbana e dão a ver uma paisagem precária e informe, um labirinto de passagens urbanas permite a aventura dos passeios, o sentido dos passos e das pegadas que se ligam a uma desorientação mantida habitualmente em latência. Aqui se pontua uma acepção em que a escala do corpo é dimensionada no sentido propriamente geográfico, passando a ser decisiva na apreensão da cidade. O propósito de vincular a experiência labiríntica à geografia da lentidão pode se tornar mais sólido quando ressaltamos o movimento do andar, um modo de locomoção primordial.

O vínculo entre deambulação e labirinto parece bastante claro: ele abre espaço para afirmar uma condição de estrangeiridade, que está conectada ao exercício de um nomadismo possível, assim como ao usufruto do anonimato que subjaz ao espaço da rua. Esse vínculo se faz na demanda pela elaboração de coordenadas afetivas e regras específicas para dar vazão a passos num mundo que tende a ser estreito e imprevisível. Sobretudo, a deambulação impulsiona um procedimento relacional suscetível aos limites borrados entre casa e rua, entre público e privado, entre surpresa e perigo, entre hospitalidade e hostilidade, entre deslocamento e paragem. Assim, a experimentação dos deslocamentos torna-se uma tática de pesquisa, por tal motivo cabe reiterar que

[...] o Labirinto é contrário a toda noção unitária, ao plano, a uma representação estática do todo, que seriam seus piores inimigos. Contra a prática do planejamento urbano, a idéia do Labirinto nos sugere uma volta à cartografia, que reflete uma situação, acompanhando os movimentos de transformação da paisagem. [...] Cartografias da temporalidade, e não do tempo cronológico [...] Não são as cartografias da forma do percurso mas da experiência do percurso, da ação de percorrê-lo, de descobri-lo. (JACQUES, 2001, p.97)

O trajeto pela favela labiríntica é feito de passos que gingham, que ziguezagueiam, que alinham as oportunidades da lentidão; a ginga convida a lentidão para deambular colhendo impressões sensoriais. Entre elas, as favelas expõem parte do desejo de se refletir sobre a crise da celeridade e, sobretudo, de prosseguir olhando para as metamorfoses urbanas nas margens do planejamento, acreditando que aí se situa uma criatividade singular. Para se valorizar os gestos encaminhados sem orientação pelo corpo lento cabe lembrar, conforme Milton Santos, que “a velocidade não apenas se define a partir do tempo utilizado para superar as distâncias. A questão é a de encontrar, para a palavra velocidade, equivalentes na prática social e política” (SANTOS: 2001).

A lentidão só pode ser reforçada em meio a uma crítica urbana que vá além da economia que importou para a linguagem cotidiana expressões como *just-in-time* ou *time-is-money*. Por isso, o reforço nas articulações do corpo lento só pode resultar de um debate civilizatório que nos ensine a ver lentidão como possibilidade e superar seu status de condicionante. Afinal, acreditamos que se associando uma geograficidade específica às questões acarretadas pela lentidão possamos registrar os gestos de uma corporeidade labiríntica.

Portanto, aguçando o olhar para corporeidades geográficas, esse debate agrega modos de perceber e exercitar a lentidão que localizam, em uma mão, o engajamento da presença corpórea e, em outra, um teor de desestabilização e subversão. Assim, acolhemos uma ação que subverte o apaziguamento dos corpos e questiona o entendimento da corporeidade que se colocou na base do Urbanismo Moderno. O ensejo de ultrapassar um paradigma do corpo urbano que, paradoxalmente, consiste em uma teoria descorporeificada nos estimula a seguir adiante e perceber como a corporeidade da lentidão pode constituir uma alternativa na cidade hegemônica.

1.7 – Corporeidade(s)

O engajamento da corporeidade da lentidão é alavancado pelo deslocamento da noção clássica de política rumo a uma formulação relacionada com a noção de biopolítica⁴¹. Rodeados pelo contexto da urbanização, tentamos encontrar um meio para traduzir a incomensurabilidade de um corpo que se ajusta permanentemente num fluxo inestancável de transformações e mudanças. Revelando-se multiforme, o processo urbano que consideramos se reveste de uma instabilidade geográfica que nos lança, inevitavelmente, dentro de um corpo a oscilar entre desterritorialização e reterritorialização.

Como esclarece Deleuze (2002), a corporeidade não cessa de alternar suas relações com o território, as práticas espaciais e os movimentos corriqueiros são portadores de uma contingência destabilizadora das formas estabelecidas ou planejadas. As práticas espaciais são, portanto, atividades corporais, que operam no interior das cidades obedecendo à informalidade das forças que desterritorializam as perspectivas formalistas que se querem impor, vindo a constituir uma compreensão da corporeidade acoplando-se a ação de atravessar o meio geográfico. Segundo Deleuze, “é pela velocidade e lentidão que a gente desliza entre as coisas, que a gente se conjuga com outra coisa: a gente nunca começa, nunca se recomeça tudo novamente, a gente desliza por entre, se introduz no meio, abraça-se ou se impõe ritmos.” (DELEUZE, 2002, p.128)

Seguindo os liames da contingência, a filosofia tributária do espinosismo apresenta um conceito de corporeidade que se forma no atravessamento de Latitudes e Longitudes, nesse pensamento o corpo é composto e recomposto incessantemente à medida que ele se move no mundo. Enquanto que a Latitude diz do conjunto de afetos provenientes do poder de um corpo afetar e ser afetado, as relações específicas de velocidade e lentidão, de repouso e movimento, as variações na qualidade do movimento formam uma Longitude. Como Deleuze assinala, a corporeidade pode ser pensada por meio de uma concatenação que se constitui partindo-se da linguagem geográfica.

⁴¹ O conceito de biopolítica foi elaborado primeiramente por Michel Foucault em 1976, no entanto, hoje existem outros autores que fazem uso desse mesmo conceito em sentidos diversos do originário. Para uma leitura das particularidades do conceito de biopolítica em Foucault e Antonio Negri, Cf. Malini (2011).

Em suma: se somos espinosistas, não definiremos algo nem por sua forma, nem por seus órgãos e suas funções, nem como substância ou como sujeito. Tomando emprestados termos da Idade Média, ou então da geografia, nós o definiremos por longitude e latitude. Um corpo pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma idéia, pode ser um *corpus* linguístico, pode ser um corpo social, uma coletividade. Entendemos por longitude de um corpo qualquer conjunto das relações de velocidade e de lentidão, de repouso e de movimento, entre partículas que o compõem desse ponto de vista, isto é, entre elementos não-formados. Entendemos por latitude o conjunto de afetos que preenchem um corpo a cada momento, isto é, os estados intensivos de uma força anônima (força de existir, poder de ser afetado). Estabelecemos assim a cartografia de um corpo. O conjunto das longitudes e das latitudes constitui a Natureza, o plano de imanência ou de consistência, sempre variável e que não cessa de ser remanejado, composto, recomposto, pelos indivíduos e pelas coletividades. (DELEUZE, 2002, p.132)

Formulando uma cartografia corpórea, a propriedade dessa vertente filosófica é propiciar um traslado das linhas imaginárias do corpo terrestre objetivando pensar o que seria a escala do corpo, e qual o seu poder. Contudo, vale notar que apesar das medidas longitudinais e latitudinais serem originárias do conhecimento geográfico elas diferem do modo habitual de demarcar tais posições. Ao falarmos de corporeidade estamos buscando nos aproximar de estados corporais e de incorporações, ou seja, de processos corporais que explicitam a intenção de se distanciar a figura de um corpo genérico, emparelhado com o corpo da cidade genérica. Como a passagem anterior demonstra, o entendimento que mais nos interessa alerta para uma limiar relação entre natureza e cultura.

A produção longitudinal da corporeidade depende da sua medida complementar, a latitude, que cria condições de imaginarmos que um corpo que acolhe a velocidade possa, num deslocamento, se afetar pela lentidão. A filosofia do corpo nos indica que a lentidão é um dos elementos compositores da cartografia corporal, que subjaz a uma ontologia da dimensão sensorial da cidade e alterna a definição mecânica na qual a lentidão é sempre imposta à condição residual. Compondo-se alhures das imposições que violentam esse sentido primordial da corporeidade, a lentidão urbana precisaria ser pensada numa associação com a contingência que se avizinha pelas longitudes, em tal passo que a variância de velocidades e lentidões, sem fixar o território de um ou outro elemento, é o que se põe em jogo.

A chave para se apreender a dimensão longitudinal da corporeidade parece se encontrar então na expressividade das distâncias que, acionadoras de uma percepção dos ritmos e das temporalidades das experiências urbanas, conectam um território. Esta

perspectiva se ocupa em experimentar o engajamento da corporeidade em meio a uma multiplicidade de rotas possíveis, no sentido que a cartografia de um corpo se distingue pela experimentação de sua consistência. A síntese entre esses cruzamentos transparecerá, de modo mais pragmático, na experimentação urbana de um corpo-deambulante.

Esta operação de acionar as distâncias poderia, primordialmente, deslocar as razões fundadoras do urbanismo hegemônico representado emblematicamente pelo modulator⁴². Enquanto um avatar da corporeidade que se encontra fortemente inculcados no pensamento urbanístico, a figura do modulator é questionada quando a deambulação pela cidade significa uma tática de incorporação despreendida da mensura geométrica. Essa mesma tática vincula-se aos ritmos próximos da lentidão solapando um exercício político que se desvia da noção de corporeidade fixada na rigidez das formas anatômicas. Um dos marcos que vinculam o Urbanismo Moderno a um entendimento sobre a corporeidade encontra-se na obra de Le Corbusier (1992)⁴³, onde ele concebe, de um modo muito particular, a analogia da cidade como organismo.

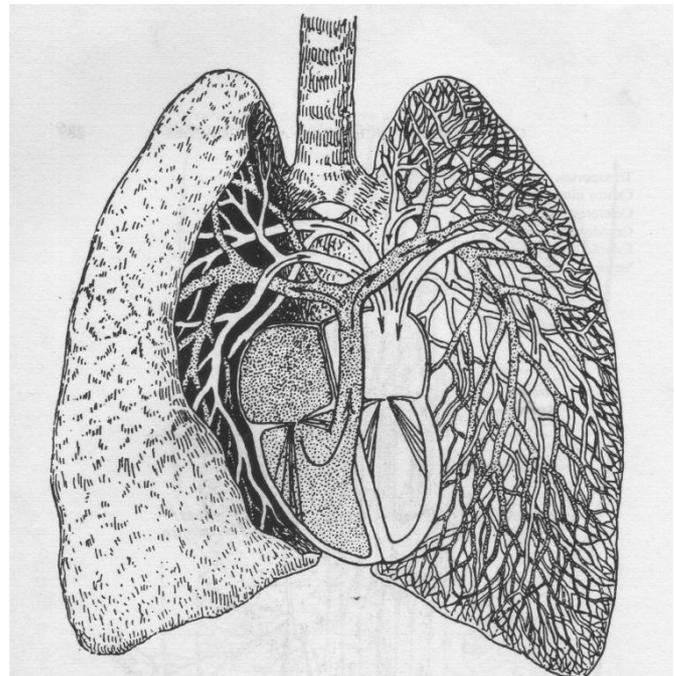
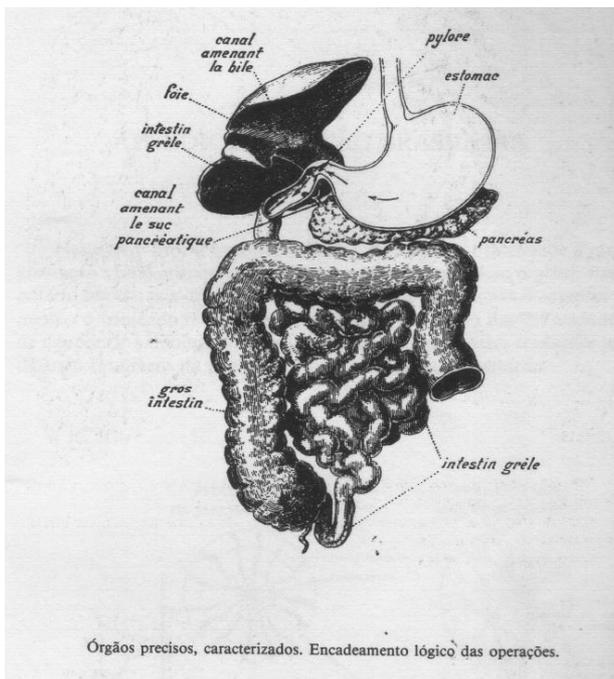


FIGURA 17: Imagens apresentadas no Apêndice do Urbanismo, de Le Corbusier. FONTE: Corbusier, 1992, p. 290, 291.

⁴² O modulator faz referência ao sistema de proporções elaborado e largamente utilizado pelo arquiteto franco-suíço Le Corbusier. O sistema surgiu do desejo de seu autor de não converter ao sistema métrico decimal as unidades como pés e polegadas. Ao invés disso, Le Corbusier passou a se referenciar a medidas modulares baseadas nas proporções de um indivíduo imaginário (inicialmente com 1,75 m e mais tarde com 1,83 m de altura).

⁴³ A primeira edição do Urbanismo foi publicada na França em 1924.

É muito interessante notar como em um livro pautado pela linguagem dos manuais, que até os dias de hoje é difundido no campo do urbanismo internacional, um entendimento do corpo se coloca. Nesta obra, o destaque que Le Corbusier atribui ao organismo vivo é apresentado num apêndice que carrega o título *Confirmações Incentivos Admoestações*. É pertinente sublinhar o lugar de anexo que o entendimento do corpo ganha na teoria urbanística que influenciou decisivamente todo o movimento moderno da arquitetura⁴⁴. O apêndice é uma parte que pode ser dispensada pelo leitor, um conhecimento eletivo que não é imprescindível para a compreensão do livro em si.

Le Corbusier (1992: p.285) assume que este apêndice do livro foi escrito depois que o estudo estava acabado, seguindo a motivação de seu sócio, que lhe sugerira um texto “para fazer pensar” uma forma perfeita, um sistema puro. Para isso, o autor vai aglutinar um conjunto de ilustrações de seres vivos, desenhos esquemáticos extraídos de um livro de história natural que apresentam as morfologias de organismos simples e complexos. A regulação urbana da sociedade por meio da redução do corpo à sua condição biológica se associa à passagem da política à biopolítica, isto pode ser exemplificado no interesse do urbanista pela função especializada de cada órgão do corpo humano, sua subdivisão em sistemas perfeitos. Ele afirma: “o maravilhoso está na exatidão. O durável está na perfeição. A vida é feita de um cálculo exato” (CORBUSIER: 1992, p.287).

Os fundamentos para a compreensão da cidade enquanto organismo repousam, portanto, no fascínio pelos imaginários da taxidermia, pelos atlas anatômicos e pela evolução linear das espécies. O entendimento de corpo que Le Corbusier apresenta pode ser visto, nesse contexto, baseado em órgãos destituídos de corporeidade: células sem latitudes ou longitudes. O apêndice do *Urbanismo* é preenchido por várias imagens e algumas poucas linhas escritas que podem ser vistas como legendas para as pranchas de anatomia que foram copiadas de um livro de história natural. É nesta condição que o entendimento do corpo se insere no urbanismo moderno, que apreende o corpo através de suas formas e suas funções especializadas e cria a cidade nesta mesma.

⁴⁴ A fala de Corbusier que vem logo abaixo da representação dos órgãos respiratórios resume tal entendimento do corpo da seguinte maneira: “Relações diretas e precisas, rápidas, entre duas funções independentes... Dorme-se à noite nas cidades-jardins; trabalha-se às 9 horas da manhã no centro” (p. 290). Abaixo do desenho dos órgãos do sistema digestório ele escreve: “Órgãos precisos, caracterizados. Encadeamento lógico das operações”(p.291).

Qual é a diferença entre esse interesse corporal do Urbanismo Moderno e a busca que efetuamos hoje? São vastos os encaminhamentos que podemos relacionar, mas talvez o principal esteja relacionado a uma procura atual que não é pelo corpo-mutilado da cidade-organismo que defendia Le Corbusier. A cidade, como vemos, se transforma segundo a percepção de estados corporais que são dinâmicos e denotam um metabolismo simbólico. Por isso, ao invés da forma corporal se busca o gesto e a ação, além de formas de notação e registros do movimento. O esforço de superação da cidade-organismo que se encontra estratificada no pensamento urbanístico é sobremaneira marcante em Magnavita (2010). Para ele, um modo de transformar a relação corpo-cidade é trabalhar com a cidade enquanto um “Corpo Sem Órgãos – CSO”⁴⁵. Outra possibilidade, além dessa de cunho filosófico, reside em estabelecer interlocução com a dança.

A dança, especialmente, reforça que a corporeidade sempre se constitui *in situ* e que o corpo é um palimpsesto de componentes sociais-biológicas-afetivas, não se tratando de um entidade transcendental tampouco de um ser puramente biológico. Nesta via, podemos assimilar que a dança nasce de um “estar-intenso-no-mundo”. Nessa perspectiva, Lepecki (2003) vai situar o distanciamento da dança teatral e a aproximação com as práticas performativas que fizeram com que a dança assumisse sua participação nas tramas da biopolítica, isto é, que ela entendesse que pode interferir na produção ativa de ausências e no apaziguamento e estancamento dos gestos, assumindo sua relação social e territorial.

Nesta direção, este autor vai dar uma importância especial ao chão onde pisamos, evocando um elemento que não se restringe às encenações da dança e que penetra no domínio antropológico. Assim, Lepecki vai se concentrar sobre a aderência do corpo sobre o terreno. Em suas palavras, ele se recorda da surgimento de uma corporeidade específica no âmbito de uma obra antropológica:

Relembremos aquela passagem em “O fato da negrura” onde Franz Fanon, o psicólogo martinico tornado guerrilheiro radical na guerra de libertação da Argélia, narra o seu primeiro encontro com a França branca. Fanon chega à metrópole vindo do espaço colonizado com o desejo de ajudar a França na sua

⁴⁵ A expressão “Corpo Sem Órgãos” foi cunhada por Antonin Artaud e, posteriormente, foi desdobrada por Gilles Deleuze e Felix Guattari que fizeram dessa expressão um conceito filosófico bastante perspicaz. No caso de Magnavita (2010), o trabalho de introduzir esse conceito de corporeidade no campo urbanístico é um ato de coragem, os efeitos desse esforço conectivo são enormes e desestabilizam o modo estratificado de se relacionar a cidade, o corpo e o pensamento. Magnavita reforça: “A construção de um CsO em nós enquanto cidadãos, coletividade, passa por uma atitude política, uma micro política urbana, uma micro política do desejo, e tudo isso, pressupondo mudança de natureza do modo de vida, uma transformação agenciada por uma revolução molecular” (MAGNAVITA: 2010, p. 52).

luta de liberação contra o invasor alemão. Encantado com a idéia de urbanidade européia, Fanon tenta entrar no espaço da metrópole pela organização de seu corpo conforme os moldes daquela figura-tipo da promessa burguesa da civilização capitalista européia: o *flâneur*. Perambulando pelas ruas de Lyon, Fanon tenta participar na coreografia fluída da metrópole. Mas, de repente, um ato de fala deflagra um autêntico desastre: “Olha, um preto!” Fanon choca-se com a interpelação racial; a fala opera, literalmente, uma profunda transformação coreográfica: primeiro, Fanon diz-nos que perante “Olha, um preto!” é a fisiologia que responde: ele “perde o seu corpo,” o seu corpo se desconjunta, se metamorfoseia, se adensa, se perde. Depois, se desestrutura seu sistema de equilíbrio: Fanon tropeça. Eis que o passeio da cidade metropolitana, até então liso, passa a revelar insuspeitadas fissuras.

Esta menção ao tropeço nutre reflexões que vão de encontro ao projeto de uma dança que quer criticar a colonização dos corpos: “auscultar o chão, ouvir seus abismos, encontrar suas falhas, determinar os entulhos onde estão os corpos que a história enterrou sem cuidados” (LEPECKI: 2003), eis o desafio pós-colonial que devem adotar os artistas do corpo. A violência da política colonizadora é vista pelo autor em processos de terraplanagem, um alisamento simbólico-material, que é dirigido tanto ao corpo-dançante quanto ao espaço urbano. Cabe esclarecer que a terraplanagem de que ele fala reporta tanto à materialidade de uma topografia quanto da subjetividade que avança sobre formas topológicas⁴⁶. Desse modo, a crítica da terraplanagem deriva de uma vontade de problematizar a dança e suas condições materiais para compreender seu engajamento político no contexto contemporâneo.

Ao reconhecermos nos procedimentos de terraplanagem um sintoma de uma insistente política de silenciamento das diferentes corporeidades, entendemos que o objetivo maior é “reinventar a dança como uma poderosa máquina de produção de ações de resistência, e deflagram novos mapeamentos do corpo como ser social” (LEPECKI: 2003). O autor prossegue:

No seu fascinante livro *The Lie of the Land*, Paul Carter tenta responder uma pergunta simples: como é possível arte depois do colonialismo? Carter abre um dos capítulos lembrando uma observação de Paul Valérie, esse filósofo-poeta que sempre viu na dança o parceiro ideal da filosofia. É no ensaio “*Poesia e pensamento abstrato*” que Valérie observa de forma quase distraída: “O estado de espírito de um homem dançando não é o mesmo do de um homem que progride por um terreno difícil no qual ele está fazendo ou um levantamento topográfico ou uma pesquisa geológica.” O que Paul Carter nota, é que o bailarino precisa, antes de mais nada, de uma terraplanagem violenta do chão que o suporta. Sem um chão plano, nada de dança. Mas

⁴⁶ Quanto à ideia de Lepeki sobre terraplanagem, concordo que ela mereceria uma discussão mais questionadora de sua pertinência absoluta, ao meu ver, poderíamos avaliar sua pertinência ao desfiarmos outras metáforas que transfiguram o horizonte do chão, tais como as presentes na obra poética de Manoel de Barros (2010, p. 31) - “O chão viça do homem / no olho / do pássaro, viça / nas pernas / do lagarto / e na pedra” - e Boaventura de Souza Santos (2004, p. 107, 117) - “Bem junto do chão / Sente-se que há febres ferozes / A caminho” ou “Se as pedras das calçadas / Continuarem a arrancar-se desordenadamente / Serei obrigado a transformar-me / Num alpinista do chão”.

Fanon mostra como o chão plano esconde infinitos abismos, tantas armadilhas para corpos que não se enquadram no modelo de movimento que o terreno impõe, na ideologia coreográfica embutida no chão.

Como pode ser visto, o alisamento que a terraplanagem assegura repercute em uma alienação do vínculo com o território, faz parte de um gesto de homogeneização dos gestos, algo que foi essencial para a criação dos *ballets* de repertório, nos quais o contato com o chão é sempre o menor possível. A corporeidade da dança clássica tem, nesse aspecto, um parentesco com a representação do corpo no urbanismo moderno: o corpo genérico que reproduz gestos pré-definidos se liga às imagens anatômicas de Le Corbusier, que não tem qualquer conexão com latitude ou longitude. Ainda segundo Lepecki, a relação alienada se transformou com o engajamento da dança contemporânea, principalmente após a segunda guerra mundial é possível notar que “dança-se o problema do equilíbrio no chão nada firme nem liso da história” (LEPECKI: 2003). Entre diversos trabalhos artísticos que problematizam a colonização dos corpos em escala global, Lepecki vai pinçar uma peça da coreógrafa portuguesa Vera Mantero intitulada *uma misteriosa Coisa, disse o E.E. Cummings*, criada em 1996⁴⁷.

Dessa imagem artística extraímos um desdobramento sensível de um encontro que será relatado no âmbito da conclusão do segundo capítulo da dissertação, quando estivermos o leitor estiver a acompanhar as deambulações que efetuamos nas favelas da Serra. Uma descrição minuciosa da obra de Mantero se faz necessária, pois a partir dela conseguimos captar uma visão da corporeidade fabricada alhures da teoria urbanística, uma divergência do modo de pensar o corpo exposto no *Apêndice* da obra de Corbusier.

Do ponto de vista da platéia, Coelho (2007) partilha conosco de sua percepção sobre a dança da artista portuguesa:

O palco está escuro, à exceção dos lugares onde se senta o público e, assim que todos estão sentados, as luzes apagam-se e a sala fica toda escura. No silêncio, ouve-se um som estranho, como se algo duro e pesado caminhasse no chão de madeira. O som pára junto a nós. Um “fade in” lento de luzes, revela um rosto pálido e muito maquiado, com olhos que cintilam de maquiagem azul com brilhantes e pestanas falsas que aumentam ainda mais a sensação de estarmos a ser “olhados”. A cara é calma e atenta, pela falta de luz parece flutuar no ar, sem corpo, balançando ligeiramente. Gradualmente, os lábios carregados de vermelho começam a recitar uma espécie de lamento: “um desgosto, uma impossibilidade atroz, ... atroz. Uma

⁴⁷ Este trabalho coreográfico foi apresentado no Teatro Sérgio Porto, Rio de Janeiro, em novembro de 2009, ocasião em que estive presente. A obra consiste numa homenagem a Josephine Baker, o título alude ao comentário do poeta e.e.cummings sobre Josephine: 'uma misteriosa Coisa, nem primitiva nem civilizada, ou para além do tempo, no sentido em que a emoção está para além da aritmética’.

impossibilidade, um desgosto atroz, ... atroz ...”. Variando nas palavras, repetidas e pontuadas com a palavra atroz, ou atrozes, a cadência da recitação vai mudando, é enfatizada, ou esvaziada e acentuada com a expressão facial e gestos de mãos que começam a aparecer à medida que o “fade in” de luz se desenvolve. Com mais luz agora descobrimos a nudez de um corpo com duas cores, cara e mãos brancas e corpo castanho, ou seja, negro. [...] No corpo negro sobressaem os pêlos no púbis e nas pernas que, finalmente percebemos, acabam não em dois pés, mas em dois cascos de cabra. Um corpo bestializado. Os cascos explicam o som que ouvimos inicialmente no escuro e transportam-nos tanto para o imaginário da “dama dos pés de cabra”, conto popular português, como para a cabra sinônimo de mulher adúltera ou prostituta, mas também de “cabrita”, mulher mestiça, ou mesmo para a relação do caprino com o demo. Os pés de cabra explicam também o contínuo balançar do corpo, há um equilíbrio instável dependente do esforço que a autora e intérprete do solo faz para se manter em pé nos seus pés de cabra. Inevitável, também, é a possível relação entre os pés de cabra que desequilibram e as sapatilhas de ponta que usam as bailarinas clássicas (se seguram se estiverem sempre em movimento, mas produzem um efeito de desequilíbrio semelhante, se ficarem em pontas paradas). É um corpo que não sai do sítio, mas está em esforço contínuo para se equilibrar e recitar o seu discurso poético do “atroz”. (COELHO: 2007)



FIGURA 17: *uma misteriosa coisa disse o e.e.cummings.*
Vera Mantero, 1996 (still de vídeo). FONTE: www.youtube.com/festivalpanorama

É significativo que esta peça de dança em que a *performer* não atravessa o palco, nem sequer se desloca de cima para baixo, seja tomada como um exemplo extraordinário em meio de uma “apologia ao tropeço” sugerida por Lepecki (2003). O fundamental é salientar que o deslocamento efetivado por Mantero é sutil. No seu caso, o contato com o chão se dá no pisotear de patas sobre o piso do teatro, de tal maneira que o barulho periclitante dos cascos-pés batendo sobre o chão interfere no texto repetido insistentemente. Ela expõe seu corpo como um misto de caprino que, ao bater

as patas no chão, utiliza da paragem e nos permite perceber múltiplos gestos na imobilidade. Então, vemos que o deslocamento não se alimenta somente das distâncias físicas e mensuradas, mas se abarca uma corporeidade vibracional que desloca-se monstruosamente na percepção do espectador. O desequilíbrio assentado sobre duas patas de cabra acopladas em pernas humanas expõe a vibração incessante, base para um deslocamento cognitivo sem precedentes.

Sensivelmente, o território é problematizado na paragem que a artista efetua, o design corporal que Vera Mantero expõe a nudez de uma imagem monstruosa e borrada, uma imagem mista de animal e dançarina. Com ela uma bestialidade entra em cena, nos levando a imaginar o corpo transfigurado desequilibrando-se pelas ruas de uma cidade: o que poderia esse corpo no espaço público? Talvez o murmúrio que continuaria a ser ouvido indique as pistas da sua destinação: *uma ausência... uma impossibilidade... uma queda... uma incapacidade...uma não-visão...um não-querer...atroz...atroz.*

O desdobramento enigmático desse trabalho provoca pensarmos a arquitetura ficcional de um encontro: *Le Corbusier e o corpo-misto se encontram cara a cara num terreno montanhoso, ambos estão a subir o relevo. Ele traça uma linha reta e projeta na linha do horizonte sua percepção, enquanto o corpo bestializado já apóia as mãos no chão para conseguir manter-se em marcha, enquanto se desloca deixa rastros escatológicos, percebe os odores impregnados nas calçadas e coleta involuntariamente fragmentos de rochas que se grudam aos cascos. A imagem do ser estranho atinge a progressão do homem moderno, que apesar de não tolerar sua tecnologia montanhosa fica impressionado com o implante das patas na nudez da humana. O sujeito que subia sem desvios toma outra posição, vai em direção à visão animista que lhe acometeu. Nas mãos um livro aberto, as primeiras páginas do Urbanismo expostas com a sentença que afasta, de uma vez por todas, o humano do animal. Quando Corbusier mostrar seu escrito para Mantero essa arquitetura imaginária sobre um abalo começará a ruir...*

A instrução que inaugurou uma doutrina do Urbanismo Moderno é a seguinte: “o homem caminha em linha reta porque tem um objetivo: sabe aonde vai, decidiu ir a algum lugar e caminha em linha reta” (CORBUSIER: 1992, 03). A ontologia urbanística, neste ponto, dissocia o espaço público de características que passam a ser isoladamente rurais. O paradigma do Movimento Moderno, que investia todas suas forças no traçado cartesiano para renovar as cidades européias destruídas pela primeira guerra mundial, perfaz uma reconstrução urbana que vai propiciar o afastamento do homem em sua condição de animal.

Todavia, expandindo a visão sobre a corporeidade, buscamos delinear a tensão entre um mínimo de ordem admissível e um máximo de desordem, reavaliando presenças corporais que o Urbanismo Moderno quis extirpar. A base dessa teoria não deve ser interpretada atendo-se à morfologia biológica das mulas, pois o repúdio do urbanista dirigido, em geral, aos seres quadrúpedes que influenciaram o crescimento das primeiras cidades burguesas. Ele contextualiza sua revolta contra a bestialidade da vida animal “que traçou todas as cidades do continente” europeu da seguinte maneira:

Nas terras que as populações iam invadindo pouco a pouco, a carroça passava aos trancos e barrancos ao sabor das protuberâncias e das concavidades, das pedras ou da turfa; um riacho era um grande obstáculo. Assim nasceram os caminhos e as estradas. Na encruzilhada das estradas, a beira da água, construíram as primeiras choças, as primeiras casas, os primeiros burgos; as casas se alinharam ao longo das estradas, ao longo dos caminhos das mulas. (CORBUSIER: 1992, 06)

Para o Urbanismo Moderno a sociedade urbana deve seguir um caminho reto, afastando-se das mulas (mas também das cabras) que continuarão a seguir pelos caminhos sinuosos e serão banidas das ruas. Tal ideal pretende separar os habitantes das cidades modernas dos gestos que vagueiam, ziguezagueiam e se esquivam de qualquer disciplina: o animal é um símbolo dessa postura descompromissada. Para Corbusier, o homem deveria se afastar dessas atitudes, disciplinando seus desvios e construindo uma cidade sem protuberâncias pelo caminho. O manual do Urbanismo Moderno se inicia projetando terraplanagens do ambiente urbano e barrando as intensidades de um devir-animal, a cidade se enrijece repousando excluindo que não é racional segundo seu ponto de vista. Mas enquanto um testemunho extremo da alteridade, a manipulação corporal que Mantero nos mostra cria um espaço atravessado pelo devir-animal, onde não cabe menosprezar a natureza errante e desequilibrada que a animalidade incorpora na cidade.

ENTREMEIO

Andar e pensar um pouco,
que só sei pensar andando.
Três passos e minhas pernas
já estão pensando.

Aonde vão dar esses passos?
Acima, abaixo?
Além? Ou acaso
se desfazem ao mínimo vento
sem deixar nenhum traço?

(Paulo Leminski, 1994, p. 35)

Antiguidade do Horizonte Modernista de Salvador⁴⁸

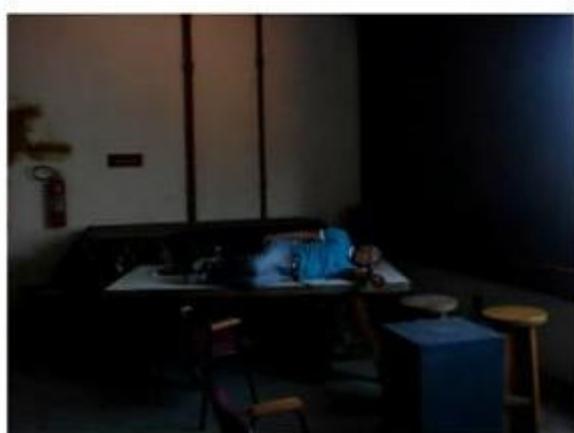
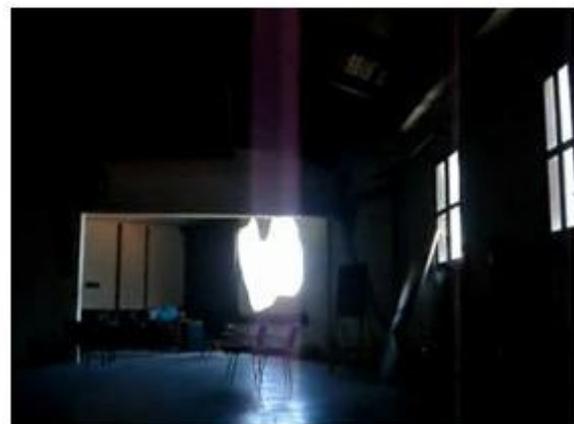
Orientado pelo *Guia da Arquitetura Moderna de Salvador*, uma publicação Docomomo⁴⁹, e com uma câmera portátil acoplada ao meu corpo, iniciei o exercício de presenciar um horizonte urbano herdado. Acreditando que o contato direto com uma resistente síndrome do tombamento poderia presentificar impressões da inevitável deformidade que reveste os lugares, empreendi um exercício que se relaciona ao objetivo de *desfocar* a lógica modernista. O corpo foi engajado no manuseio de um Guia que canoniza arquiteturas e congela a cidade – mais precisamente um recorte de cidade: o centro de Salvador – na forma de herança. Com isso, a impossibilidade de ignorar um sonambulismo que diz respeito tanto ao movimento de absorção passiva do legado do movimento moderno, mas também ao corpo vagando em solidão pelo centro urbano. Um exercício incitado à desorientação e que se concentrava na possibilidade de articular pé-câmera.

Entre um lugar e outro pude perceber que aquele Guia que me moveu inicialmente foi se tornando material para constituição de um gesto performativo, que obscurecia as fronteiras do horizonte modernista de Salvador e ia jogando com uma espécie de *coreogeografia* deste território. Um olhar que efetivou a pulverização do roteiro urbano, borrando os limites internos da cartografia que, fragilizados pela sensação de movimento, ganhava outros contornos. O que recobriu a paisagem estipulada pelo Guia foi uma paisagem que solapou um teor de sonambulismo: seja varrendo o interstício sensorial de corredores vazios, seja esbarrando em fragmentos arruinados, janelas vedadas e corpos desacordados. Sequências que soam como se a obliteração que recai inevitavelmente sobre os lugares repercutisse num estado corporal vagamente localizado.

⁴⁸ Este entremeio consiste num resumo da pesquisa que originou o artigo “Cidade percorrida+arquitetura presenciada”, apresentado no Seminário Urbicentros, realizado em 2009 na cidade de João Pessoa. Esse tópico visa exemplificar uma investigação metodológica que se encontra desenvolvida nas páginas subsequentes, sua leitura deve considerar um material videográfico disponibilizado no site <www.vimeo.com/porosoinc> em forma de três fragmentos.

⁴⁹ Docomomo é uma organização não-governamental, com representação em mais de quarenta países que trabalha na documentação e preservação das heranças do movimento moderno na arquitetura. O nome Docomomo é uma abreviatura de *International Working Party for Documentation and Conservation of Buildings, Sites and Neighbourhoods of the Modern Movement*. Foi fundada em 1988, na cidade de Eindhoven na Holanda, sendo, atualmente, um organismo assessor do *World Heritage Center* da UNESCO.

Estas imagens vêm fazer parte de um diálogo com a tradicional documentação urbanística, que reproduz a lógica moderna na cartografia recente do centro urbano. Pensar uma alternativa – como por exemplo, tratar o modernismo por meio de uma lente contemporânea que reconhece as opacidades da paisagem – nos leva a incorporar enunciações performativas que ultrapassem a cartografia de um conteúdo espacial já constituído, desancorando sua segurança e estabilidade futuras⁵⁰. Este deslocamento impulsiona conectar o Guia ao Anti-Guia. Ainda pensando na instauração de diálogos, existe o reconhecimento da indisposição às trocas que mantém a perspectiva patrimonial fundada em catalogações estanques. A pesquisa que envolveu este relato foi endereçada ao Seminário do Docomomo ocorrido em maio de 2010 em João Pessoa, Paraíba. Numa primeira instância, o relato foi aceito pela Comissão Científica, no entanto, num segundo momento, um retorno da Comissão alegava que a pesquisa comunicada era incompatível com o encontro. Posteriormente, o trabalho foi dirigido ao Seminário Urbicentros que aconteceria no mesmo local que o Seminário do Docomomo, na semana seguinte, sendo aceito para comunicação oral. Nessa ocasião foi possível estabelecer uma visão sobre os desentendimentos internos do urbanismo, assim como levantar um debate sobre os filtros da percepção patrimonial obcecada por imagens estáticas da cidade que, mesmo desacordada, se move.



⁵⁰ Outro trabalho que realizamos e que também se relaciona com a produção de outras cartografias do centro histórico de Salvador foi produzida no âmbito do workshop *Cartografias Urbanas Sensoriais*, coordenado pela Prof. Regina Helena Silva, da Universidade Federal de Minas Gerais, com o apoio do Laboratório Urbano. Nessa ocasião, em parceria com Lutero Proschholdt, foi realizado um registro de experiências nas calçadas do Pelourinho, o vídeo intitulado WQS – Pelourinho pode ser acessado no endereço eletrônico <www.vimeo.com/porosoine>.

Experiências Corpóreas

Caminante,
son tus huellas el camino,
y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca se ha de pisar.
Caminante, no hay camino,
sino estelas en la mar.

(Antonio Machado, 1973, p.158)

2.1 – Propósitos de deambulação

Como o Entremeio busca exemplificar, exercitamos utilizar uma notação digital própria dos dispositivos portáteis de captura de imagens, tornando esses registros uma ferramenta do urbanismo⁵¹. Do mesmo modo que foi feito no centro de Salvador, andei pelo Aglomerado da Serra desenvolvi um gesto de acoplagem de uma câmera portátil na altura das pernas, a qualidade das imagens sendo fortemente submetida ao andar. Assim as imagens foram registrando os caminhos, as texturas e os ritmos, elas foram constituindo uma grafia específica. Em certa medida, esta metodologia poderia ser vista por um viés performativo por revelar uma fusão entre experiência e relato, percepção e documentação, e também por revelar um corpo suscetível às afecções urbanas.

Assumir o corpo em movimento é destacar as decorrentes mudanças no estado corporal: o andamento da respiração, da temperatura corporal, transpiração e desgaste físico que vira cansaço. A corporeidade do pesquisador vai sendo implicada no objeto da pesquisa que se faz atenta a materialidade do corpo-geográfico sem deixar de apreender o rebatimento sensorial que a urbanização da favela ocasiona no corpo que anda. Desta investigação emergiu uma série de vídeos de curta duração que demonstram uma apreensão fragmentária e lenta da cidade, propondo a exploração de recursos *low-tech*, quero dizer, o registro assimila os limites tecnológicos para encaminhar uma imagem saturada de precariedade. O movimento é o parâmetro que qualifica os registros.

Estes vídeos são indispensáveis à leitura do Capítulo 2, pois aqui se explicita a intenção de partilhar experiências relacionadas à apreensão do processo urbano exercitando-se uma relação que vai além do texto. Cabe reparar também que entre o gesto de deambular há certas paragens, onde se tenta perceber a intensidade de gestos no entorno, são encontros que deslocam o corpo que observa para outras direções que desviam da doutrina instaurada pelo movimento moderno. Este é o propósito mais importante das deambulações, realizar ações menosprezadas pelos urbanistas diante de preocupações com a forma e a função da cidade⁵².

⁵¹ A linguagem audiovisual como ferramenta de abordagem do urbanismo foi tema da pesquisa de Olivieri (2007), constituindo um estímulo para a busca de modos de apreensão da vida na cidade.

⁵² A ação de deambular nos sugere incorporar deslocamentos randômicos pelas ruas da cidade mas sem perder de vista o objetivo de apreender o processo de reestruturação das favelas. A deambulação se relaciona com as derivas, errâncias e flanâncias, sendo que o termo deambulação foi bastante usado pelos artistas ligados aos Movimentos Surrealista e Dadaísta. Cf. Jacques, 2004.

Esses relatos conseguintes poderiam, pois, ser vistos como pegadas, como pistas ou vestígios da experiência que envolveu a pesquisa numa dimensão obliterada da favela. São registros valorizados em sua presença fragmentária, que transmitem instantes visíveis dos gestos que performaram uma atividade prática, processual e empírica. O Aglomerado da Serra que aparece nessa pesquisa é um aglomerado dos instantes percorridos pela atenção de quem busca conectar sentidos. A operação que parece mais justa nesse caso não seria a descrição, arraigada de uma tradição das ciências clássicas, mas sim a *tradução*, que assume os riscos de se confiar na fidedignidade de uma transposição do lugar para a linguagem.

Essa opção assegura, entre outras coisas, que outros estudos urbanos que tomam este mesmo estudo de caso poderão chegar a outro Aglomerado, narrar outros percursos e valorizar elementos diversos. A chance de produzir vídeos durante deambulações não é dominada pela busca por imagens enquadradas e perfeitas, pelo contrário, ela faz parte de um programa de precarização das imagens subsidiado por um uso anônimo dos dispositivos tecnológicos. A experiência que se apresenta no Entremeio exemplifica que esta ferramenta de apreensão da cidade que pode ser testada em situações urbanas diferentes, explicitando principalmente que o foco está na relação de acoplamento entre o andar e a imagem. No caso do Entremeio, é apontada a reverberação crítica do andar que desestabilizou um modo de mapeamento dos centros urbanos definido pelo urbanismo moderno.

Já na Serra, os atravessamentos morro-cidade, as negociações discursivas, a contingência do tempo presente e a precariedade atingirão a dimensão da imagem que não persegue, contudo, um mapeamento extensivo. Essa operação tem a propriedade de borrar os limites do Aglomerado desestabilizando a paisagem que se quer estável e planejada. As experiências neste território que se partilha sustentam numa relação viva com aquilo que se investiga, fabricando um observador colado na paisagem. É nesse aspecto que, dentro de um espaço de relações entrópicas, a natureza dos percursos lentos e a inscrição do estudo de caso mobilizaram a seguinte documentação fragmentária.

A partilha das experiências conseguintes seguirá uma sequência que se divide em três blocos: no primeiro (*bloco a*) se colocam registros de deambulações que produziram uma espécie de contorno e localizaram as circunvizinhanças das favelas da Serra. Neste bloco que intitula-se **Contorno(s)** se oferece uma visão das circunvizinhanças que situam o Aglomerado da Serra em meio a outros lugares da

cidade. No segundo bloco (*bloco b*), intitulado **Possivelmente Dentro**, foram aglomeradas as endoreferências da favela, sendo a sequência dos relatos capaz de expor o esfacelamento do dispositivo vernacular perante a implementação do planejamento. Esse segundo bloco é motivado pelo reconhecimento da obliteração no cotidiano em transformação. Já na terceiro e último bloco (*bloco c*), intitulado **As Cabras**, se coloca o relato de um encontro atroz, uma experiência que ganha destaque por situar uma paragem e um interesse pela apreensão da animalidade no espaço urbano. Uma formatação específica foi adotada para situar os momentos em que as palavras desdobram o registro videográfico, essas passagens aparecem com um recuo no texto, com a expressão “**instantâneo de deambulação**” no início da transcrição que se reporta diretamente às imagens, colchetes são responsáveis por demarcar esses relatos. Quando se chega ao último dos três blocos a forma de relato é modificada visando a tecitura de uma passagem metaficcional.

2.2 – Contorno(s): Bloco A

2.2.1 – Desvio da Avenida Abissal

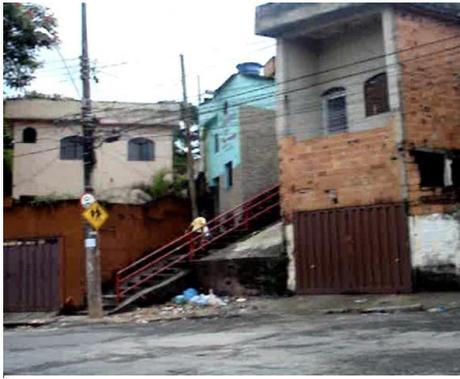
Um pouco além da Avenida do Contorno, andando paralelamente ao traço modernista que pretendeu demarcar uma linha abissal na estrutura da cidade, logo nas suas extremidades. Não subestimo os efeitos do contorno em Belo Horizonte, o Plano Urbano desenhado na aurora do século XX previa uma linha abissal que, justamente pela cidade não permanecer intacta, configurou-se como utopia. Belo Horizonte se expandiu para muito além dessa pretendida linha abissal e as bordas mais coladas na Avenida do Contorno, mesmo sendo heterogêneas, não situam descontinuidade alguma.

O plano urbano da nova capital mineira delimitado por um círculo que encerra um modelo formal de cidade, antecedendo as experiências no Planalto Central das décadas posteriores. No desenho de Lucio Costa para Brasília a separação entre o vernacular e o planejado vai ganhar uma função ainda mais estratégica. A linha abissal que separa o Plano Piloto das Cidades Satélites permanece bastante demarcada até os dias de hoje, ao contrário do que acontece em Belo Horizonte, onde a Avenida do Contorno perdeu sua função originalmente geopolítica migrando para um imaginário das fronteiras.

Claramente esse desejo de definir até onde vai a cidade é também o desejo de que os habitantes não se percam, seguindo-se a Avenida do Contorno, sem desviar dela em nenhum momento, fazemos um *tour* completo por Belo Horizonte. Essa linha de 360 graus pode de ser lida como uma órbita que o urbanismo traçou é, todavia, mais generosa que aquela visível na proliferação de condomínios horizontais isolados por micro-fronteiras. Enquanto os limites do plano urbanístico operaram na escala urbana e demarcaram sua pretensão abissal, em nosso momento político, as linhas abissais também vão remeter a muros pulverizados socialmente. Mas, perpassando a órbita idealizada pelo urbanismo retilíneo vamos perceber que há um espaço exterior à Avenida do Contorno que traça fora dela um universo incomensurável e cheio de meandros.

Esse parêntese expõe os efeitos de uma paisagem herdada para a cognição dos limites contemporâneos da cidade, endereçando o olhar para a relação de circunvizinhança entre o Aglomerado da Serra e a Avenida do Contorno, que se efetiva nas imediações do bairro da Serra e do bairro São Lucas. O tensionamento entre o vernacular e o planejado ocorre microscopicamente, demonstrando uma espécie de fissura nos contornos planejados. O primeiro dos contornos é originário de uma deambulação pela Rua Dante, uma via que está localizada na borda externa da Avenida do Contorno.

[instantâneo de deambulação: Desviei incorporando um estímulo centrípeto, antes andava pelo contorno pré-demarcado, passo a andar nas calçadas da Rua Dante, uma rua larga e sem muitos transeuntes. Passo em frente ao atelier de uma costureira e vou em direção a um espaço aparentemente homogêneo e reparo no som do sapato se desgastando nas calçadas lisas. Do outro lado da rua algumas casas erguem-se com uma imponência discreta e antiga, várias são protegidas por cercas elétricas, uma delas tem colunas e um segundo pavimento, ela manifesta na aparência perolada a sensação de uma habitação lacrada. Mais além há uma esquina. Ao me aproximar dela registro a intensificação de gestos e falas que se aglomeram na esquina da Rua Oriental. O portão de uma garagem escorre anônimo, do



outro lado da rua três pessoas tecem uma conversa animada, mais perto três homens se distribuem entre o interior de uma caminhonete e a sarjeta. Adiante há um estabelecimento de loterias e jogos. Mais a frente, começo a notar do outro lado da rua uma casa diferente de todas as outras, destoante da arquitetura de homogeneidade do começo da rua. Um galo canta marcando o ponto que os passos atravessam uma calçada de terra, o grito da ave dá início a uma desaceleração. Os olhos tocam a especificidade dessa casa, ela transparece nos tijolos de cerâmica expostos sem reboco e também nas janelas bricoladas nas paredes. Justapondo-se a esta imagem há uma casa tingida de laranja vibrante, com a altura de dois andares e estendida por um teto de zinco na laje. Logo ali localiza-se a Escola Municipal Maria das Neves, entre a escola e a casa que dos tijolos temos um acesso para a favela, uma escadaria conforma um fissura, algo que quase configura uma esquina. Paraliso o percurso e olho para alguém que sobe a escadaria, no alto despontam outras casas visivelmente auto-construídas. Essa escadaria, posta ao lado da Escola, está localizada a alguns poucos metros da Avenida do Contorno. Novamente o galo canta, um caminhão passa e agora outra pessoa se coloca a subir os degraus da escadaria.]

2.2.2 – Santa Efigênia

Numa das vezes que estive em Belo Horizonte permaneci hospedado em um albergue de Santa Efigênia e a partir dele busquei acessos para as favelas percorrendo a circunvizinhança Leste do Aglomerado. Em uma dessas incursões fui acompanhado por um estudante belga também hospedado no albergue, ele, em sua primeira visita ao Brasil, se mostrou curioso para conhecer Belo Horizonte, ainda mais quando lhe expliquei que meu campo de estudos estava relacionado a uma realidade que ele desconhecia, por tal motivo ele pareceu disposto a andar pela cidade. Seguimos e pude

compreender melhor uma *estrangeiridade* era partilhada enquanto andávamos por ruas desconhecidas para ambos. Passei a perceber modos singulares de andar e notei que estar acompanhado de outra pessoa me fez tecer algumas relações entre objetividade e desvio.

[instantâneo de deambulação: O asfalto repleto de pequenas rachaduras é pisado por uma mulher de sandálias que sobe a rua rapidamente. Desvio desse lado da rua e olho, do meio da rua, que mais acima a inclinação aumenta, ouço o som de pássaros sobreposto aos latidos de um cão. O rapaz que anda próximo usa um par de tênis coloridos e mantém as mãos no bolso, ao vê-lo subir percebo que a mulher de azul já se encontra muitos metros a nossa frente, lá adiante ela cruza com alguém que descendo a rua. No alto há um entroncamento, o rapaz belga estaciona de relance e uma idosa surge atravessando a outra extremidade do cruzamento, ela transporta uma sacola de compras e calça sapatilhas pretas. Um cão late, uma moradora da casa na esquina aparece em frente ao portão, ela se coloca entre duas placas de sinalização. Segundo as placas os carros não devem continuar subindo, a idosa caminha com a sacola como um único e compacto corpo [...] Uma carroça ganha distancia na rua plana [...] A deambulação se lança na descida de uma rua e avista o relevo dos morros horizonte, o impacto dos pés sobre o asfalto compõe uma dimensão percussiva imprevista. Descer traçando um ziguezague amortecem a tendência de aceleração nesse declive. As duas margens da descida são alvo de uma varredura, *zigue*: uma escada comprida deitada sobre um carro, uma árvore, *zague*: de um lado três residências na sequência são veladas por cercas eletrificadas, *zigue*: um carro atravessado sobre a calçada, *zague*: o jogo de forças, a soltura e a perda de aderência sobre o asfalto, o disparo, a corrida, a força outra, a oposição, o refreamento, a tensão nas pernas e pés que tentam distribuir o peso no terreno íngreme. O movimento do ziguezague aglomerado ao som percussivo estanca, avisto um lugar sombreado: jardim-quintal, um canto de terra avermelhada com vegetais se mostrando sem podas, um jardim-



em-movimento. o cano de água ligando a casa à calçada integra a ordem informe deste ponto de fuga: paisagem sem arestas [...] A deambulação foi desembocar numa outra massa verde onde reinava o ruído de um cortador de grama, o zumbido de uma higiene, aqui se extirpa o matagal que nasceu no pé de uma escadaria e o ruído agora vem da poda dos vegetais. O barulho que foi diminuído pelo operador da máquina quando andei mais perto dele agora retorna ao máximo. Pisar sobre o mato picotado e subir aos solavancos uma escadaria, se distanciar do exercício do barulhento e, então, atravessar a espessura de uma experiência, ressaltar o cheiro do mato cortado.]

A escadaria retorna enquanto uma fissura microscópica, um entremeio entre dois níveis topográficos que se destaca também nessa segunda circunvizinhança da favela. A lógica do degrau traz consigo a impressão da liminaridade e a deambulação passou por ruas onde o estado corporal foi se transformando gradualmente até chegar a uma paragem no topo da escada. Ali situa-se a rua Itaí e há nas imediações um ponto de ônibus. De lá segui para a rua Oriente levado por um microônibus amarelo.

2.2.3 – Rua Oriente

[instantâneo de deambulação: O reflexo dos fios cortando o céu é refletido nas poças d'água no asfalto liso. O andar se percebe sobre um terreno coberto de rochas achatadas, o pavimento se expõe na visão de um chão escamado, incluído de gramíneas, frestas onde a água se infiltra e algumas cavidades. Isolado, um retalho de asfalto cria uma região compacta num tecido de escamas. As escamas de rochas vibram graves com a passagem de um carro. Sobre os retalhos de asfalto liso há palavras escritas indicando direções para os carros, o asfalto aqui é uma superfície para o texto padronizado. Sobre as escamas rochosas da rua as flores lilás de um jacarandá já se decompõem.]

2.2.4 – Mangabeiras

[**instantâneo de deambulação:** A calçada de proporções bastante amplas conserva uma faixa de gramado, entre as residências e a calçada para pedestres. Do outro lado da rua uma se ergue uma típica mansão projetada por um escritório de arquitetura. De cá, se aproximam pinos de sinalização e me surpreendo atravessando três consecutivas aulas de direção. Sobre a calçada, os professores observam as manobras dos carros e dão instruções. Sobre os pés um tapete de grama, do outro lado uma casa em construção, atrás dela a crista da serra do curral, entre as duas uma *gestalt* se estabelece, a cor vermelha dos picos e volume com tijolos expostos tornam-se extensões. Adiante a rua se expõe deserta, alguns carros estacionados ali e aqui, a presença da sonoridade gratuita dos pássaros[...]. Outra rua: a sarjeta tingida de amarelo, uma faixa com uns três metros a partir da sarjeta amarela tingida de verde, uma relação métrica evidente, outros corpos andam sobre essa pista verde, um homem passa correndo cruzando adiante com um cão que se aproxima seguido de uma mulher que o segura por um fio. Outra mulher e outro homem vem andando emparelhados mas sem interagir entre si, ela portando um dispositivo de som nos ouvidos, ele de óculos escuros, ambos partilham de um estado corporal comum que é delimitado por essa faixa sinalizada pela tinta verde. Em outra calçada uma pista vermelha onde se destaca um piso tátil, ando sobre ele em linha reta.]



Uma boa parte das pessoas que ali estavam andando chegaram de automóvel e estacionaram bem perto dali, em breve elas retornam ao fim do procedimento que efetiva a repartição dos gestos. Essa prática tão comum nos dias de hoje revela-se em uma corporeidade coletiva, em que todos desempenham rigorosamente gestos muito semelhantes, todos orientados pela finalidade do movimento. Os processos de sacralização do espaço público e estancamento dos gestos podem ser aqui bastante claros, a artificialidade envolve a gestualidade visivelmente automática.

2.2.5 – Hospital da Baleia

[instantâneo de deambulação: Pode-se crer que eis a fotografia de um edifício incrustado na montanha, até o instante que a imagem estática é rompida por um movimento mínimo: um carro branco sai da massa verde e penetra na parte interna do sólido edifício.]

Esse registro foi realizado no Centro Cultural Vila Fátima, um equipamento de cultura construído há poucos anos numa das extremidades da favela, ali há uma biblioteca, oficinas e quadra de esportes. Ali capturamos uma visão do confim da favela, a peculiaridade dessa passagem é a pausa feita no olhar para a área de preservação ambiental que começa do Centro Cultural adiante, se estendendo até o Parque das Mangabeiras. Na busca por uma imagem de síntese da interdição que as cercas que estancam as favelas da Serra ao Sul o olhar sobre um objeto remoto cumpre a tarefa de representar uma fronteira naturalizada pela cidade. É interessante ressaltar que a Serra que essa passagem expõe tem um outro lado que é intensamente explorado por mineradoras que produzem erosões na paisagem.

Essa passagem se torna um vestígio do contorno que destaca a Serra do Curral como um confim que não pode ser acessado em razão dos interditos ali instalados, especialmente, a demarcação das áreas de preservação ambiental. Mas estas cumprem uma dupla função ao impedir a expansão do dispositivo vernacular. Ao invés de apresentar os alambrados, a passagem videográfica expõe a separação e o isolamento de

um artefato arquitetônico, respaldada pela linha de fronteira que impossibilita um extravasamento em direção às trilhas da montanha.

A relação do urbano com seu ‘exterior’ permanece complicada: antes a Avenida do Contorno tentara separar a cidade formal da informal, hoje a interdição se forma além da linha imaginária, toma corpo em alambrados com arame-farpado esticados por uma extensão de quilômetros. A visão do Hospital da Baleia corresponde ao não-poder atravessar, a imagem da interdição se foca nesse edifício intencionalmente, pois quero recordar que ele está incrustado na Serra desde 1944 quando teve a função de isolar pacientes com tuberculose, transportando-os para um confim da cidade. Hoje, o hospital atende outras funções mas não romper com sua configuração foucaultiana, isolado do restante da cidade e confinando os pacientes num paisagismo racionalizado.

2.2.6 – Atalho para a rua encerrada

[instantâneo de deambulação: A imagem de blocos coloridos se ergue no horizonte acima da rua, uma motocicleta passa em alto volume, ando e começo a ver que um dos edifícios alinhados à direita se expõe cinzento e coberto por superfícies têxteis que balançam no vento, este bloco se demonstra inacabado e denuncia a novidade de seus pares arquitetônicos. A rua é ocupada por casas amplas veladas por cercas eletrificadas, o som de cigarras intercepta os passos que seguem uma trilha de terra na calçada. O vôo rápido de várias libélulas desviam o olhar para o céu nublado, volto agora na direção mais exata dos conjuntos habitacionais encaixados mais acima. Mais no topo há uma antena da rádio. Volto a andar sobre uma calçada lisa, o portão de uma garagem se abre, ninguém mais andando pela rua e um carro escuro passa. A sonoridade gratuita dos pássaros. Seguindo pela calçada olho na direção de uma casa amarela. A

indecisão sobre qual caminho tomar é atestada pelos latidos de cães.



(A sequência se divide em dois vídeos que correm lado a lado, ambos expõem o mesmo local, um deles foi realizado no verão de 2009 e o outro um ano depois). Encontro-me numa rua sem saída, sigo até a extremidade da rua onde há uma vegetação mais densa, atravesso um de barranco, ando sob árvores e chego a uma clareira de onde vejo a extensão da cidade. Toco as cercas que impedem a conexão com os conjuntos habitacionais, nas telas de aço encontro a imagem de um atalho: há uma deformação na cerca que separa o prédio dessa clareira onde me encontro e, por consequência, o isola da rua vizinha. Nesse estágio ainda não existiam moradores naquele mas já parece existir habitantes que ultrapassam esse muro. Um ano depois os conjuntos já eram ocupados há poucos meses. Ando pela clareira, noto os indícios de uso: a rarefação da massa verde, uma placa de vidro estilhaçada, uma fita amarela com listras pretas, o pé de um tênis. A ressonância entre os dois momentos se demonstra na ausência de movimentos na Rua do Cerrado, essa rua desenhada e inaugurada, limitada pelo alambrado. Posso tocá-la com os olhos apenas. As cigarras continuam vibrando e da rua transparece uma fantasmática, mais pistas da habitação recente na visão das janelas semi-abertas e dos carros estacionados mais adiante.]

Com esta deambulação encerrada pelo contato com um interdito finaliza-se o primeiro bloco de materiais videográficos. Nesse ponto, encaixa-se um exercício de representação gráfica dos contornos performados, sobre uma imagem aérea as indicações dos locais por onde andei, e também onde não é possível andar, comunicam-se com o questionamento da área poligonal que a Urbel assegura. A partir das deambulações a favela é contornada pontualmente, preservando-se entre cada ponto, sempre que possível, um espaço intervalar.

2.3 - Possivelmente Dentro: Bloco b

2.3.1 – Rua do Cerrado

entre o visível e o invisível

o imprevisível

choque

(Augusto de Campos – Reduchamp,
sem numero de pagina)

A observação do mundo que se forma *apenas* através da visão é intensamente incompleta. A natureza dinâmica das imagens também encontra nas falhas que habitam o campo retiniano seus sentidos vitais, desde então uma crítica da reprodução de imagens precisa extrapolar a apreensão das retinas. Colocar uma ideia por detrás da imagem tem efeito na convocação sensorial do espectador, que nesse caso é um misto leitor-espectador, de tal modo essa operação ocasiona um desdobramento cognitivo das imagens expandindo o espaço habitado para as bordas do visível. Merecidamente, a *imagem-de-choque* convocada por Augusto de Campos (entre o visível e o invisível / o imprevisível / choque) foi inspirada em Marcel Duchamp, restituindo à imagem um insólito e enigmático papel⁵³.

[instantâneo de deambulação: Passeio sobre uma calçada lisa, ando paralelo a um alambrado que vai se deformando em concavidades, um carro escuro vem em minha direção e com sua aproximação percebo como a visão se encontra embaçada, quando está já bem perto é que o veículo se torna nítido e passa. Alguns passos pela rua, volto-me para trás e sigo na direção da rua que chega à antena e à escola [...] A câmera foi deixada sobre um amontoado de tijolos de

⁵³ Essa passagem que inicia o segundo bloco videográfico propõe desdobrar as registros provenientes da deambulação pela rua do Cerrado, uma rua recém-inaugurada que fica nas imediações da Escola Padre Guilherme. Esses registros foram marcados por algum ajuste involuntário na câmera, que só foi percebido na etapa posterior quando, ao assistir os vídeos, percebi neles uma qualidade desfocada. A incidência do acaso sobre esse trecho registrado apontou uma reflexão acerca da nitidez no universo das imagens, pois em razão de um ajuste não-intencional as imagens que a câmera gravou fizeram-se embaçadas.

concreto, ela aponta para a extensão da rua que seria chamada meses depois de rua do Cerrado, nesse momento olhamos para um canteiro de obras: três prédios já pintados se alinham e um caminhão aparece estacionado no fim da rua, alguém de uniforme vermelho atravessa a rua. [...] Os passos desviam do amontoado de blocos de concreto e, logo em seguida, de uma moto. Da altitude da rua vejo a cidade através de uma parte do alambrado que caiu, ela parece esparramada. Pássaros saem voando quando um caminhão se aproxima, ele alcança a esquina e faz a curva para a esquerda, rumando a subida que dá acesso à escola. Do outro lado da rua, além do caminhão, observo um edifício alto, uma igreja e casas de alvenaria. O motorista do caminhão tem dificuldade de manobrar o veículo: deflagrando um constrangimento o veículo emite sons de alerta. Me afasto sem perder de vista as manobras barulhentas do caminhão, logo atrás, na laje de uma casa, três homens se movimentam silenciosamente. Com seus gestos engajados no dispositivo da arquitetural da favela eles lidam, assim como no canteiro de obras deixado para trás, com materiais construtivos. Quando o motorista do caminhão consegue escapar do aperto que se meteu posso ver a bricolagem que os três homens da laje estão a construir de modo oposto ao trabalho em curso a poucos metros dali. O caminhão tenta subir a rua e cospe fumaça na direção de uma mulher que se abana e vai subindo a rua. Os gestos dos homens na laje ficam mais próximos quando me desloco pela rua, vejo a escada que eles usam na obra. Sinto que o canteiro de obras em frente parece ignorar a atividade construtiva da vizinhança. Duas casas desse lado: uma com um muro baixo formado por pedaços de madeira e uma roseira no jardim, uma com portão de ferro tingido de ferrugem e uma murta na calçada. Noto a obstrução da calçada por um coqueiro e alguns degraus então prefiro



seguir pelo meio do asfalto, mais adiante a mulher também sobe pelo meio da rua, vejo as placas que sinalizam o espaço em obras. Do outro lado da rua uma sombra de árvore me atrai, reparo no solo tecido de rachaduras. De outro ponto de vista volto a olhar os prédios da rua do Cerrado então noto que a mulher que subia estanca em frente a um portão e começa a abri-lo (a câmera foi desligada e fui ao encontro dela curioso para coletar suas impressões sobre a vizinhança que pouco a pouco se erguia).]

As imagens recolhidas na rua do Cerrado me sugeriram um assombro da imagem retiniana que se associa, basicamente, com um filtro tecnológico da visão. O poder de ver colocou-se em jogo e, além disso, demonstrou um teor de involuntariedade permeando o registro do tempo-real. A partir da edição dos registros videográficos, a rua do Cerrado veio ocupar o lugar de reminiscência: recordo um acontecimento juvenil, a primeira visita ao oftalmologista, os olhos pingados por um colírio forte, após a consulta saí a andar pelo centro ainda sob o efeito do medicamento e até hoje a memória corporal daquele passeio é insistente. As imagens desfocadas trouxeram essa experiência à superfície, elas enunciam a presença de uma máquina que, a seu modo, determina o coeficiente de exposição do lugar. Talvez um ruído na imagem, mas, sobretudo, um momento desfocado da experiência deambulatoria.

Olhando uma rua desfocada não estaríamos percebendo a intensidade daquela configuração espacial? A máquina sai da neutralidade para sugerir a participação de um olhar que incorpora a paisagem, que surpreende o modo como habitualmente olhamos a paisagem, desestabilizando uma aparência do mundo. A percepção se sobrepõe ao horizonte tectônico com os estímulos do ataque ao campo retiniano, dos ruídos na recepção das imagens. São essas imagens a demandarem uma pausa ou um atraso que vincula-se a um estado de não-poder-ver-com-nitidez, um golpe no foco.

Diminuir um pouco a nitidez da paisagem acarreta algumas conseqüências cognitivas que tornam imprescindíveis outros recursos sensoriais. A observação da ruptura do dispositivo vernacular das favelas se atrela inevitavelmente à zona de indistinção que as imagens desfocadas convocam. Despertando perplexidade, a edição desenhou para estas imagens a função de iniciar o segundo bloco videográfico, quando a

intenção passa a ser a apreensão das rupturas e obliterações da geografia labiríntica da Serra. Uma metáfora dessa zona de indistinção entre o que seria o dentro e o fora das favelas da Serra surgiu do cruzamento com outro registro, este fotográfico, que foi recolhido numa manhã repleta de neblina.

Encontrar-se perante um horizonte embaçado por nuvens, seguindo-as no desejo de penetrar em massas informes e procurar um ponto de vista correspondente a esta intempérie, ali onde uma imagem diz de um instante de fragilidade retiniana. Um instante em que a Serra é compreendida como uma paisagem repleta de névoa servirá ao estudo de um regime de visibilidade opaco, incorporando a obliteração da paisagem podemos pensar na metáfora das *nuvens nos olhos* que transporta um pouco dessa vibração oscilante da nitidez. De tal maneira, a *paisagem aglomerada* toma parte em uma apreensão cinestésica do espaço. Os efeitos dessa paisagem se acomodam ante a visão como imanência do não-visto, presença do invisível, do imprevisível, sendo a extremidade da metáfora o traço da cegueira.

Como risco imanente a cegueira não precisaria estar determinada por uma condição irreversível, pelo contrário, sua natureza permitiria surpreender um corpo que se esforça para aguçar os sentidos do olhar. Experimentar a visão e a não-visão seria um modo para reelaborar os efeitos da paisagem. A massa enorme e informe de um nevoeiro guiou um certo percurso pelas favelas da Serra, retratando uma geografia opaca e esquadrinhando o instante em que o horizonte tectônico quase desaparece. Nuvens vestindo a paisagem e impedindo um observador de ocupar um ponto de vista distanciado: do estado liquefeito e multiforme de uma cidade surge a sensação das nuvens cada vez mais próximas do globo ocular.

A orientação do corpo em meio à atmosfera das nuvens potencializa a possibilidade da errância desfazendo as referências de localização que são mais nítidas. Quem caminha em meio à neblina não teria mais chances de perder-se? Entrementes, se algo se aproxima é inevitável que seus detalhes só serão distintos conforme sua distância se relativizar. Ver nessa condição é perseguir as falhas da nitidez, aguçando o foco através de uma possível tradução de opacidade atrelada a um tênue coeficiente de exposição. Certamente, a altitude do Aglomerado da Serra corrobora bastante com essa conjunção atmosférica⁵⁴, como uma parte considerável dos trabalhos de campo

⁵⁴ A Serra do Curral eleva-se acima de 1000 metros de altitude e as favelas se distribuem sobre essa topografia.

transcorreu no verão, estação de chuvas em Belo Horizonte, houve instantes de encontro com a adversidade das intempéries que imprimiram um regime de visibilidade defasado.

As intempéries que tocam o corpo em percurso restringem algumas de suas capacidades e solapam outras relações com o terreno, moldando uma condição visual que traduz a impossibilidade de encarar a cidade panoramicamente. Com esse sentido, a conformação desta paisagem é preponderantemente posicionada como o primeiro instante deste bloco infiltrado pela obliteração. Enfim, a metáfora das *nuvens nos olhos* demanda do olhar um vínculo com a paisagem e requer uma aproximação, impedindo a visão da cidade de cima e ao longe. Aqui, as nuvens se aproximam cada vez mais dos olhos até constituírem uma lente que localiza um filtro de percepções hápticas, assim a metáfora ressalta que o clima que se faz nuvem não se detém na visão. A neblina se precipita em chuvas e encharca as vestimentas, os poros, dilata o olfato e performa uma paisagem sensorial. Os passos pelas ruas escorregadias, as nuvens estacionadas entre os vales da Serra do Curral, as imagens que reverberam foscas: apreensões se aglomerando na realidade da névoa sobre a superfície da paisagem.

Tentava manter esse “filtro” mesmo quando as intempéries tinham se dissipado, permanecendo a suspeitar da estabilidade da paisagem mesmo quando a atmosferas se tornava límpida e nítida. Isso sugere um convite ao preenchimento proprioceptivo: em percurso sentia que a favela demanda uma imagem preche de odores, sons e temperaturas. A umidade que carrega uma nuvem deixa o terreno escorregadio e exige do corpo uma atenção mais desperta para a possibilidade de incorporação de um regime de visibilidade que dificulta o estabelecimento de uma paisagem estática do lomerado da Serra. A paisagem geográfica clássica, que não acolhe o sujeito que observa, é deslocada por imagens de uma cidade obliterada tendendo à liquefação. Sob estas intempéries do verão as paisagens desabam, os relevos mais angulosos se escorrem e a cidade, quando acometida por outro clima mais propício a seu ímpeto sedentário, põe-se novamente rumo à consolidação⁵⁵.

⁵⁵ Nesse liame haveria um paralelo com o conceito de paisagem sugerido por Renata Marquez (2008), que prefere capturá-la por meio de uma “linguagem incompleta [que] estará sempre em construção: é tradução do desejo de pronúncia das fronteiras, dos limites do tempo deformando a realidade, da costura subjetiva e lentamente violenta traçando a sua compreensão”.

2.3.2 – Terraplanagens

[instantâneo de deambulação: Uma extensão monocromática, uma rua toda coberta de areia, água empoçada na sarjeta fazendo barro, passos por uma superfície em construção, o solo se torna cimento e há acúmulos de materiais na sarjeta. Do lado esquerdo um paredão sobe até uns três metros. O solo se torna asfalto, o piche está molhado, há duas pessoas um pouco mais a frente e meu corpo traça uma linha em relação a elas. Ando na lateral da pista escura que brilha anunciando-se como novidade. Incorporando uma força centrípeta desço um barranco e o solo agora se torna bastante instável. Na curva da pista estão instaladas cercas vermelhas e há folhas de jornal espalhadas no chão, encontro uma trilha entre a pista de piche e esse guarda-corpo. Vejo alguém que mantém os braços horizontais em relação ao solo, como que tentando se equilibrar, mais de perto percebo um grupo de crianças que transformaram aquele terreno no seu brinquedo. Elas andam em fila indiana sobre o morrinho de areia que contorna o piche e, como estou mais abaixo, seus pés passam bem na altura da minha cabeça. A trilha que levou até ali se finda e vou na outra direção, chego pro meio da pista terraplanada, situo um trecho onde a terra se encontra revolvida e o piche ainda não foi espalhado, mais crianças brincam ali, uma delas com os tênis calçados nas mãos. Um menino com uma prancha de madeira vai em direção à pista escura, deduzo que ele usará a madeira para escorregarem sobre o asfalto recém-derramado, no chão se espalham fragmentos de objetos plásticos e pedras.



À esquerda, a rocha em seu processo erosivo, me voltando para trás vejo a ampla perspectiva que mostra, além do caminho que tracei, a favela sobreposta pela textura das telas vermelhas. De do outro lado, mais ao longe, os conjuntos habitacionais e a crista da serra ao fundo.]

2.3.3 –Margeando a Escola Padre Guilherme

[instantâneo de deambulação] Os passos indo em direção ao portão da escola, supero alguns degraus, desvio para um canto da entrada e sigo por uma trilha de terra que contorna o muro alto. Uma mulher vem na direção oposta, chego a uma curva, um pouco além os passos estancam e enxergo a desmesura da cidade no horizonte. Tenho um ponto de vista sobre a rua do Cerrado e sua separação com a vizinhança. As vozes das crianças são amplificadas na quadra de esportes da escola, os sons reverberam sobre a trilha conectando-a com aqueles que são, em grande parte, agentes daquele atalho. Adiante a trilha se ramifica e titubeio rapidamente, desço o pequeno morro e me distancio da escola. A trilha fica menos lisa e o impacto dos pés no solo relata a inclinação do terreno, o fim da trilha desemboca num lugar sombreado.

2.3.4 – Quando o beco vira rua

[instantâneo de deambulação: Uma escadaria vai sendo descida, a passagem é estreita, inicialmente escura, mas a medida que se desce aparecem mais raios solares. Todas as superfícies parecem recortadas (os muros são compostos por faixas heterogêneas, o chão tem retalhos de cerâmica, de cimento e tem cavidades) e lá na extremidade do beco pode-se ver um homem sentado. Há discretos acessos para as casas, eles se dão com desníveis da escada. O som de uma música alegre intercepta a descida já em seu final, o homem sentado ao sol torna-se visível e próximo. Passando ao seu lado sinto a necessidade de saudá-lo com um “bom dia” que é correspondido, sua figura marca uma divisão desse trecho pois a partir dali o beco se alarga e ao fundo já se pode notar que há uma rua com carros estacionados. Mais alguns passos, cruzo com duas mulheres sentadas a conversar, novamente algo me impele a saudá-las. Próximo delas um grupo de homens agachados em torno de uma escada. Continuando a descer as texturas se alteram, o primeiro indício é um corrimão liso e de metal brilhante, esse corrimão se liga a uma faixa de cimento liso onde os calçados se arrastam e produzem um som característico. Essa faixa acaba repentinamente, então passamos a olhar para a rua logo abaixo, uma bola cruza o chão na direção do asfalto, logo após passos rápidos são ouvidos e uma menina resgata o brinquedo. Desci um pequeno barranco agora estou sobre o asfalto, olho para uma pequena trave de futebol jogada na sarjeta e ouço o barulho de um motor. Depois que a menina e um homem de azul que vem vindo pelo meio da pista passam a rua se revela amplamente vazia [...] o olhar faz uma varredura das paredes de uma casa que, devido à abertura dessa via mais



larga, se tornaram expostos: uma parede que devia ser de um banheiro, com azulejos escuros (a casa retorcida, mutilada, uma arquitetura que foi revirada tornando o dentro um fora). No instante em que me deparo com esta parede de azulejos se fez visível uma cicatriz, uma espécie de trabalho de luto me fará errar entre becos, corredores, vielas onde presencio a obliteração pela via daquilo que resiste. Partindo do olhar que varre o que resta de uma casa demolida para a abertura da rua seria possível compreender as desterritorializações que fomentaram a mudança na forma de habitar? Uma bola que atravessa o campo de visão e segue penetrando no vazio, até que uma criança corre e faz da rua um campo: a ação que era impossível antes daquela longitude ser ampliada e pavimentada.]

2.3.5 - Atalho pelo barranco

[instantâneo de deambulação: Da outra margem da rua olho na direção de um barranco. Olhamos como quem titubeia até que atravesso encontrando um acesso sobre a inclinação. À medida que os passos se lançam no sentido ascendente o solo se mostra escorregadio e acidentado, as mãos buscam apoio nas ervas que crescem na borda da trilha, com as mãos buscando o chão o corpo se esforça para não soçobrar à gravidade, emitindo sons íntimos de um esforço físico. Num trecho sombreado o tronco das árvores se alinha com a trilha. Uma pausa e me volto para trás, vejo no horizonte um terreno livre de edificações no fundo do vale. Recomeço o movimento e os passos se embrenham na trilha, há limo no chão e bastante umidade no ambiente, o sol atravessa as árvores desenhando os galhos sobre a terra vermelha. Indícios de erosão vão aparecendo até que a trilha desemboca numa parte plana coberta de ervas, uma motocicleta corta o espaço ao fundo. Vejo uma trave de futebol fincada a poucos metros e sigo em direção a

um volume vermelho cheio de desenhos e pichações, passo ao lado de uma bananeira, chego a uma praça com bancos de madeira sob uma mangueira.]

2.3.6 - Portal da Vila Cafezal (as negociações sinestésicas)

[instantâneo de deambulação: O portal da Vila Cafezal se refere a uma pequena ilha triangular, inserida no meio de uma rua movimentada esse lugar é uma parada de ônibus. Além de abrigar uma placa onde se lê “seja bem-vindo a vila cafezal” há um banco a placa do posto de saúde. Quando pela primeira vez eu cheguei a esse lugar havia uma arquitetura feita de bambu que protegia do sol e da chuva quem se sentava naquele. Por várias vezes notei um habitante daquela ilhota: um homem já idoso, de chapéu na cabeça. Um ano depois, entendi que a arquitetura de bambu estava integrada ao dispositivo das favelas de modo bastante direto, o abrigo desapareceu e compreendi que sua natureza era realmente efêmera.

Expandindo-se para além dessa pequena ilha habitada pela lentidão de um idoso e pelas pessoas que esperam a condução, a Vila Cafezal sintetiza um exemplo de espaço público que vai sendo destruído com a reestruturação urbana. Os registros expõem o corpo-a-corpo da rua, onde o espaço é partilhado por pedestres, veículos, cachorros, vendedores. A negociação está no cerne dos lugares, há encontro, movimento mas também tropeços e trombadas, sobretudo no lugar que apelidei de Cruzamento das Jabuticabas, porque ali vendiam-se os frutos, há uma oposição gritante entre o espaço público característico da favela e as vias abertas pela Urbel, sempre desertas e assépticas. O traça-rua é uma imagem



que habita as ruelas da Vila, aparecendo toda vez que um veículo precisa negociar com o outro que vem na direção oposta, dessa articulação do fluxo alguém precisa ceder a passagem e se não o faz incorpora o tranca-rua, por atravancar o trânsito local.]

2.3.7 – Pós-favela

As imagens se aglomeram em torno dos conjuntos habitacionais construídos dentro do Aglomerado da Serra, focando um momento de reterritorialização da habitabilidade. Ao longo de todo o trabalho eu entrei em três apartamentos desses conjuntos, o foco foi, sobretudo, direcionado para o espaço público que se deixa percorrer cotidianamente. Numa dessas poucas visitas eu fui convidado a entrar na casa de uma família com dois adultos e quatro crianças, logo na entrada notei a presença de um portão de grades metálicas instalado pelos próprios moradores a uns dois metros da porta da sala. Era um apartamento no último pavimento do bloco e o morador que me recebeu era o síndico. A princípio, os apartamentos são todos iguais, o que muda é somente o número de quartos, uns com dois dormitórios e outros com três. Mas essa casa que visitei tinha uma característica marcante: o uso de cortinas de tecido para separar a sala dos outros cômodos.



O recurso que o morador, chefe da família, usou para me deixar a vontade foi, cuidadosamente, recolher as cortinas dando um nó nos tecidos e liberando a passagem para a cozinha e para o corredor. Foi um gesto de hospitalidade que ressoou em mim como uma chance de ir, camada por camada, entendendo como a vida naquele

apartamento se organizava. As camadas têxteis foram uma contribuição que os habitantes deram ao lugar, a derme constituída pelo afeto da casa que não permite modificações na estrutura sólida do concreto. As cortinas inserem cores na habitação e o movimento inerente das superfícies leves penduradas. Na casa que foi sendo descortinada foram aparecendo marcas da presença humana naquele bloco tão impessoal, por meio do uso das cortinas se criou de fato uma ambiência, vários nichos atravessados por cores vibrantes.

A chance de encarar a reterritorialização dos favelados num espaço projetado e perscrutar a intensidade da presença seria mantida nesse arranjo de tecidos, nesse arranjo maleável, provisório e mutante. (Frequentemente, ao andar entre os conjuntos habitacionais que já se encontravam ocupados, conseguia distinguir que os tecidos que cobriam as janelas pareciam ser lençóis, que tingiam com intimidade a face gelada dos blocos). Aproveitei o gesto do morador de abrir as cortinas da sala para acessar a cozinha, onde uma menina lavava louças na pia, e a lavanderia. Depois de recolhida a cortina dessa extremidade, pude registrar a perspectiva que se tem do Aglomerado a partir daquele apartamento, de novo meu foco ia ao espaço público. São três fotos que remontam o trajeto da entrada pela porta da sala, da chegada até a lavanderia, da vista da janela, talvez aí já se encontrasse um modo de operar a documentação fotográfica que acabou levando a um inevitável uso do vídeo. Mesmo a fotografia já continha seu vínculo com o andar.



Foi também durante a visita a este apartamento que fiz uma fotografia do conjunto habitacional vizinho. Me impressionou a visão do interior de vários apartamentos, ainda mais quando reconheci uma mulher com um bebe de colo que parecia preparar algo em sua cozinha. Ao avaliar essa fotografia é possível reconhecer a proporção que o corpo ganha nesse modelo de morar, um proporção diminuta certamente. Novamente, são os tecidos a indicarem a presença humana sobre a arquitetura, as roupas estendidas em várias das janelas marcam os lugares habitados. Antenas instaladas próximo as mesmas janelas denotam o lugar da televisão e modificam pontualmente a fachada uniforme do



Em outra fotografia, realizada em outro momento e em outro local do Aglomerado, uma corporeidade correlata, uma mulher com um bebe no colo, ganha novas proporções. Já esta é uma fotografia feita a partir de um beco, numa parte do Aglomerado que se mantém labiríntica. Enquanto andava me deparei com a mulher na janela a me observar e lhe perguntei se poderia fazer uma fotografia, ela consentiu e se manteve parada, de pé, na janela de uma casa que expõe o esqueleto, os tijolos e a massa que colou a janela ali. Nessa fotografia, diferentemente da primeira, se expõe a rostidade da mulher e da criança.

2.3.9 - Baile Black

[**instantâneo de deambulação:** Anoteceu e vou me aproximando da festa que espalha um som contagiante. A projeção de James Brown inspira uma dança Black dentro do Centro Cultural Vila Fátima. Deambulo nos arredores ouvindo uma canção “*i coming... i coming... i coming*”. Descubro que onde me encontro é um mirante, mas não exploro a possibilidade de ver a cidade ao longe. Vejo uma igreja, um cruzeiro, um ônibus, cruzo com alguns homes. A rua é atingida pela animação da festa. Ando na trilha de um homem sem uma perna que anda de muleta. Dentro do Centro Cultural um aglomerado de danças é performado. Os adultos executam coreografias alinhadas com as projeções de vídeos sobre a parede. As crianças, lideradas por uma adolescente, dançam uma outra coreografia conhecida como “creu”. Estas danças ali co-existem, a dança das crianças esfumaça momentaneamente a identidade do movimento negro, engendrando relações barrocas.]



2.4 – As Cabras: Bloco C

Mas para ser animal é preciso inocência.

(Nietzsche, Assim Falou Zaratustra, p. 42)

O percurso ia um pouco além da Fossa Abissal planejada na década de 1890. O contorno feito avenida se queria fossa. Abismo entre a cidade e o campo que se alastrava para o confim. Mas o confim hoje fica muito mais longe, hoje o confim se chama Confins e a Avenida do Contorno faz contornar os ruídos do projeto de um abismo. Teria herdado o abismo? A fossa abissal que se quis foi tabuada no traçado do xadrez. Fui seguindo e passei perto de um homem jogando dominós, jogava sozinho, mas batia as peças no tabuleiro de modo teatral. Esse homem me pareceu Duchamp – *le respirationneur en retard* (o artista jogando dentro da cidade jogada dentro de um contorno-abissal). Mas a cidade se espalhou e o contorno não a conteve, avisto as casas escorrendo pela serra, vem junto o cheiro do curral e um burburinho. Existe uma névoa sobre a serra e o homem vai até os cheiros, vai desgastando seu pé calçado no sentido ascendente. Pensa que houve um dia em que os pés se chamavam patas: bate as patas no solo com técnica. Ontem assistiu *Blade Hunner* e não entendeu aquela cidade fílmica. Respeitou apesar de não ver cabimento para aquela velocidade toda. Trazia um *xerox* da primeira página do *Urbanismo* dobrada sob a palmilha do sapato. Pensava em cavalos trotando naquela ladeira. Chegando numa rua toda reta fechava os olhos e ficava cego por alguns passos. Tinha medo e abria o olho. As vezes cambaleava. Reparava o chão com a sola do pé. Atravessou o contorno sem nenhuma dificuldade. Ficou impaciente quando era detido nos semáforos, imaginava que carros eram um bois em rebanho. Ia margeando o contorno que tinha carros, não tinha fosso, não tinha pregos nem tinha água. Foi passeando e o percurso era íngreme. A Avenida do Contorno não estancou seu percurso. As ruas foram se tornando estreitas. E cada vez mais altas. Não sentia mais cheiros, apenas vento. Quando começava a entrar muito dentro, saía olhando na direção da cidade e a via escorrer, aí a perdia de vista. Subiu num ônibus pequeno e amarelo. Ia se embalando mais rápido agora, muitos trancos, solavancos O ônibus negociava com os veículos que vinham na direção oposta. Concentrava a força nas pernas quando vi pela janela um bando de animais num lugar aberto que me parecia uma praça. A cidade foi uma aparição. Vi de relance, não estava absolutamente consciente e certo. Errava todo momento. Segurou a intuição dos animais e pediu pra desembarcar mais adiante. Foi fazendo o caminho de volta, perseguia a aparição. Fora atingido. Vira uma casa

fechada, assim como olhara um objeto da casa para atingir a cidade. O mundo indireto. A imagem dos animais havia sido imediata demais para ele. Era uma perseguição ou então ele queria convidar os animais para uma partida com o xadrez. Tinha visto um bando quadrúpede, mais que cinco. Parecia-lhe que o único modo agora de descrever seu percurso era o de perder-se nas suas ruas. Não era um membro inexperiente da cidade. Quando chegou a praça não encontrou animal algum, mas viu muitos sacos de lixo rompidos sobre o chão. Arranjou um jeito de estacionar e viu que o lugar era conformado pelo portão de uma escola, uma caixa d'água se erguia ao alto. Entendeu que, na aparição, seres remexiam o lixo como porcos ou como cachorros. Era confuso. Sentiu que deveria fotografar o chão então notou que sua câmera estava sem filme. Sentou na praça e respirou durante algum tempo. Voltou a andar suspeitando que não estava alucinado. Tentava aderir àquela cidade. Sabia que seriam animais rápidos pois desapareceram no tempo em que ele desembarcou e andou até ali. Ou havia se demorado demais. Retomou o andar. Queria comprovar a aparição, provas. Antes que a alucinação do Minotauro ... antes que a trama de Ariadne... Lia no chão as fezes que eram pequenos pontos pretos. Poderiam ser capivaras. Onde haveria um rio? Esbarrou numa criança. A criança lhe fez sentir-se surpreso e então ele perguntou pelos bichos (soube quando esbarrou na criança que ela partilhava mistérios). O menino indicou o paradeiro dos animais, cabras nativas daquele lugar, e foi desvelando novos estreitos corredores íngremes. A bosta era pista e as cabras eram pintoras pontilhistas. O menino me levou até uma casa de tijolo aparente, uma casa-bricolagem, um curral-aglomerado. Cheguei mais perto para cheirar os tijolos. Vi um lugar cheio de caprinos filhotes que emitiam seus cheiros e seus chamados. Era de fato um curral improvisado e o meu guia levou-me até ali, mas as cabras soltas estavam circulando pelas redondezas. Eu precisaria retornar, contaria com aquele endereço instigante, voltaria no outro dia vasculhando as mesmas pistas para encontrar com o rebanho de cabras. Veria habitantes extemporâneos que imitavam um alpinismo nas encostas do Curral d'El Rey.

Nota de esclarecimento: Este relato é decorrente da parte empírica da pesquisa, é uma fala *metaficcional* que vem relatar um encontro que aconteceu durante um trajeto por Belo Horizonte. No território onde se movimenta o corpo deambulante o encontro com um bando de cabras me convenceu da pertinência do contemporâneo: me deparei com Curral d'El Rey, o distrito soterrado pela cidade planejada por Arão Reis, pela trama do xadrez. A partir daqui não corresponderei docilmente à aparência moderna de Belo Horizonte, agora uma cidade contemporânea que abriga encontros intempestivos, e somente assim pode ser alçar o estado contemporâneo. A aparição das cabras estraçalhando sacos de lixo no meio de uma favela atingiu as certezas da pesquisa, uma imagem crítica, 'imagem-choque', uma intrusão do corpo nesses relatos que já se fazem fragmentos.



INSTAR A LENTIDÃO

A coragem porém era decidir-se a começar. Enquanto não iniciava, a cidade era intacta. E bastaria começar a olhar para parti-la em mil pedaços que não saberia juntar depois. Era uma paciência de construir e de demolir e de construir de novo e de saber que poderia morrer um dia exatamente quando demolira em vias de erguer

(Clarice Lispector, 1983, p. 10)

3.1– O relato estilhaçado

Alinhavando uma investigação onde se quer mergulhar no estado contemporâneo da cidade, bebo de relatos que se fazem através de mãos imersas em experiências limítrofes do discurso. A experiência espacial e o relato urbano se interpenetram numa imersão perceptiva constituída a partir do envolvimento da trama das experiências próprias da cidade contemporânea. Alcançando mãos que tentam relatar pontos de vista sobre o espaço tocando o seu horizonte, isto implica em assumir a presença do corpo fabricando o relato de uma cidade, assumindo, inevitavelmente, as margens e os riscos que estilhaçam sua tradução do mundo.

A perspectiva fragmentada é posicionada como um modo de alcançar uma apreensão lenta da cidade, que não toma como pressuposto uma descrição prévia do mundo realizada por um outrem competente. Aqui se prescreve um relato que será partilhado em *instantâneos* que a atualizam a dimensão percebida e experimentada. Ao mencionar a experiência como princípio de vida na cidade, o vínculo de uma perspectiva corpórea dá acesso a uma reflexão tocante a crise dos modelos no pensamento urbanístico.

Por isso mesmo os modelos são incompatíveis, de um lado, com as texturas específicas dos lugares, como se pode perceber com a série de videografias que se apresentou no capítulo anterior, e de outro lado, com a pulverização de experiências que perpassam o instante para estilhaçar a homogeneidade do mundo. Com isso, se sugere também o detalhamento da relação entre a experiência do tempo no corpo da cidade e sua possibilidade de se traduzir em relato, nesse aspecto metodológico o universo da experiência ganhar especificidade local e temporal informando *instantâneos urbanos*, que movem, partindo-se da experiência relatada, duas questões iniciais que encaminham, por vezes subterraneamente, a corporeidade na investigação⁵⁶.

⁵⁶ Despertar a relação entre o instante e o fragmento se faz crucial, e, nesse sentido, “em vez de [se] considerar o Fragmento como destituído de sentido – o sentido pertencendo ao “todo” ao qual ele se opõe – ou como sentido “concentrado”- ele sendo o microcosmo, uma cópia perfeita do “todo”-, é melhor considerar que o Fragmento tem um sentido próprio, singular, intrínseco, que não pode ser compreendido numa lógica unitária. O mais interessante é exatamente buscar uma forma singular de tratar o Fragmento, isolando-o, destituindo-o de todas as ligações possíveis, evitando explicações e, sobretudo, recusando as referências exteriores: promover a solidão e a auto-referência. Esse isolamento, esse desatamento, se faria necessário, sem sombra de dúvida, a toda e qualquer abordagem relacionada ao universo fragmentário,” (JACQUES, 2001, p.45).

A primeira delas desponta-se no ímpeto de sedimentar no relato um elogio da experiência corporal da cidade, deslocando a geopolítica perceptiva que está na base dos processos de espetacularização urbana até um ponto de inflexão transformador. Esta questão vai aludir a *gestos impetuosos* impressos num espaço, onde a afirmação de que experiência e finalidade estão obrigadas a se encaixar com fidedignidade vai se dilacerar. A organização da pesquisa seguiu a correspondência entre uma maneira de perceber os *instantes* incessantes de um processo espacial, experimentando, no terreno da investigação, um deslocamento de ação no relato, em que este não só descreve, mas também caminha, transpondo a experiência processual em texto verbal. Com isso quero assinalar uma preocupação em como traduzir o processo e enxertá-lo em linhas textuais.

A implicação das experimentações da cidade ultrapassa o viés de uma observação estanque ou de um relato descorporificado. Contrapor-se ao fim da experiência seria, como veremos adiante, reconhecer o desajuste entre finalidade e gesto corporal, supondo que o relato, mesmo sendo configuração instantânea do processo em curso, não perde sua amplitude perceptiva e sua instabilidade. A desautomatização do relato se comunica com a tentativa de consolidação de um conhecimento incorporado, no qual o sujeito-pesquisador esteja aqui visível.

Como penso, a estabilidade do relato urbano pode desviar-se proveitosamente por uma passagem entre outras traduções da experiência que evocam um tensionamento entre o gesto e o relato. A tensão vai ecoar, particularmente, em uma escrita produzida por mãos que conflagram a percepção de tempo e espaço, mencionando a contribuição de gestos que vão escrevendo, a cada instante, o atingimento direto do chão sob o relato. Essa desestabilização textual que opera em uma sucessão de instantes é bastante relevante no âmbito da obra literária de Clarice Lispector (1920-1977), da qual extraímos dois momentos especialmente relacionados à fragilização da estabilidade literária, as obras *Água Viva*, de 1973, e *A cidade sitiada*, romance escrito em 1949⁵⁷.

Nessas obras o exercício do ímpeto se enraíza num terreno onde se deseja estilhaçar a homogeneidade do tempo, aferindo sensações que desestabilizam o lugar do relato da experiência. Na forma meta-ficcional de *Água Viva* o desejo de possuir os átomos do tempo se conecta com a impetuosidade da escrita, introduzindo o diálogo íntimo e fragmentado entre corpo e mundo e sendo também um elo entre a experiência e o relato. Aqui, operar um pensamento instantâneo seria efetivar a recorrência da palavra

⁵⁷ Nas referências bibliográficas estas duas obras se encontram identificadas, respectivamente, por Lispector (1998, 1983, respectivamente).

instante para reencontrar nela um teor de ímpeto, para tanto, o significado mais coerente de instar seria urgir: instar o mundo e revelar que nele há relatos que urgem se realizar.

É nessa direção que, para conseguir chegar na experiência do instante, recorro ao gesto que se surpreende imerso num tempo informe: “quero capturar o presente que pela sua própria natureza me é interdito: o presente me foge, a atualidade me escapa” (Idem: *ibidem*, p. 9). A experiência do tempo aparece como se a presença do corpo se envolvesse nas palavras não-ditas, inauditas, escapulidas. O ímpeto de Clarice corrobora com a percepção da temporalidade urbana – enquanto passagem ininterrupta e irreversível – mas ele se recolhe quando atingido por interditos intrínsecos ao seu deslocamento entre coisas e lugares.

No entanto, a manobra prescrita nesse recolhimento procura superar a instauração de interditos, e para isso ela se desdobra com urgência na gênese de um *relato experimental*. Nele, um gesto impetuoso se percebe no “instante-já” que se deseja habitar o espaço nascendo do tempo, onde cada momento é irreparável, como percebemos aqui:

[...] divido-me milhares de vezes em tantas vezes quanto os instantes que decorrem, fragmentária que sou e precários os momentos – só me comprometo com vida que nasça com o tempo e com ele cresça: *só no tempo há espaço para mim* (op. cit, p. 10, grifo nosso).

O relato se vê ameaçado pelo perigo da perda de contato com a experiência, justamente quando são declarados os interditos e então a autora reconhece: “a atualidade me escapa”. Os interditos atingem o livro, mantendo-se como um dispositivo que constrange também o corpo, uma camada impõe-se sobre a experiência dos instantes, de modo a agenciar seu acontecimento aleatório e fixar procedimentos que atenuam seus perigos. Em relação à Isto Michel Foucault (1996), torna muito visível no tocante ao funcionamento discursivo que prefigura inúmeras formas de interditos. Esta é uma consideração preponderante, uma ressalva para salvaguardar superações e ultrapassagens desses limites interditados, especialmente quando há o desejo de contribuir com a valorização da experiência.

A interdição constrange as mãos que relatam seus gestos de ímpeto, submetendo a contingente experiência do mundo a um procedimento de exclusão⁵⁸, ela pretende, justamente, barrar a presença urgente que quer instar o estado do mundo. Mas, os instantes presenciados se conectam escapando e se fragmentando sem, contudo, deixar de se chocar com a imposição dos limites. É assim que o interdito funciona, esquivando-se da “pesada e temível materialidade do discurso” (FOUCAULT, 2006, p.9).

Portanto, frisando uma prerrogativa, opto pela *deslimitação* do Aglomerado da Serra, que seria o mesmo que suspendê-lo da descrição feita pelos órgãos competentes e abrir o recorte de cidade aos ímpetos de movimento dos corpos. O Aglomerado interdito enquanto uma realidade absoluta, com fronteiras bem demarcadas, difere da opção de não vê-lo como um recipiente preenchido de dados quantitativos e contornos obcecados pela segregação socioespacial. O estímulo de fomentar o entendimento da proximidade entre o mundo e o sujeito que lhe relata será aproveitado nesse sentido, para dissolver as linhas de fronteira e retirar o lugar da condição de objeto.

Se aproveitarmos o fragmento da literatura sobreposto pela asserção dos interditos, vemos subsídios para a compreensão do dispositivo que se interpõe ao transporte da contingência para dentro do relato. A partir daí recortar a cidade se torna uma tarefa de cunho antropofágico, algo que poderia assimilar os devires no mapa da cidade. Aliás, a experiência do próprio relato é posta em jogo, no sentido que o relato convida a participação sensorial do leitor. A passagem extraída de *Água Viva* é citada para dar vazão a uma percepção situada, isto é, uma percepção errante que se situa tentando atravessar os limites constrangedores aderidos no espaço que nasce do tempo.

A alternativa que *Água Viva* propõe para lidar com as interdições, consiste em organizar o relato perseguindo os *instantes-já* que sustentam a percepção e a experiência de modo particular. Uma reversão dos interditos é desencadeada pela autora à medida que seus gestos destacam os instantâneos da uma geografia experimental. Com isso, quero dizer que o aprendizado da experiência é alimentado pela especificidade dos instantes, uma partícula mista, tempo-espaço ou espaço-tempo. O relato de *instantes-já* acessam um vínculo experimental que alinhava o curso de afirmações urgentes, precárias e fragmentadas. Trata-se de permitir que estas qualidades ecoem aqui, sob o

⁵⁸ Foucault (2006, p. 10) explica que junto da interdição há uma ordem mais ramificada que retém os “terríveis poderes” do discurso: “existe em nossa sociedade outro princípio de exclusão: não mais a interdição, mas uma separação e uma rejeição”.

risco de instar o lugar da experiência na cidade contemporânea, elas também assumem o desafio de estilhaçar o papel enigmático dos interditos nos processos urbanos.

Organizar a cognição de um processo urbano em instantes sugeriria aqui reverter o discurso baseado numa neutralidade competente, tencionando a atribuição de fronteiras. Pode-se projetar, de outro modo, a consistência de uma outra descrição do território informe da Serra, ultrapassando a caracterização repousada sobre a ambição do absoluto. O Aglomerado que encontrei durante a atividade da pesquisa, e que foi comunicado na profusão dos instantes condensados ao longo do capítulo anterior, demonstra que as fronteiras que estão nos mapas se originam de um modo de perceber a cidade, se partimos da deambulação como um recurso de mapeamento, chegamos a uma definição das fronteiras que, primordialmente, acontece devido ao engajamento sensorial.

Uma relação com as fronteiras definidas pela Urbel para as favelas da Serra não perdeu de vista a característica conectiva que essas linhas comportam, relativizando sempre que possível a marca de obstruções. Entre várias sensações, fui perseguido por uma certeza de que as linhas que separam o Aglomerado da cidade seriam, sobretudo, linhas provenientes de mapas cognitivos seccionados, repletos de linhas abissais que perseguem o poder de classificar e formatar. Sair do Aglomerado e ultrapassar suas prováveis fronteiras, indo na direção das áreas planejadas de Belo Horizonte, demonstra que a favela se expande além dos limites que lhe são supostos, ela pode se transmutar no instante que se instaura na mais moderna das avenidas.

Qual gesto poderia habitar uma favela instantânea? É preciso atenção para deambular na cidade, pois sempre estamos a atravessar uma sucessão de instantes. Sublinhando uma apreensão fragmentária, Gaston Bachelard reflete sobre “o lugar do ato de atenção na experiência do *instante*, [um] caráter verdadeiramente específico do tempo” (BACHELARD: 2007, p. 27). Deambulando entre uma multiplicidade de acontecimentos, a experiência do instante propicia uma intuição do devir: “o instante que, renovando-se, remete o ser à liberdade ou à oportunidade inicial do devir. Aliás, por seu ataque, o instante impõe-se prontamente, inteiramente” (Idem: *ibidem*, p. 31).

Segundo o autor,

[...] a atenção tem a necessidade e o poder de se retomar, ela está em essência, inteiramente em suas retomadas. A atenção é também uma série de começos, é feita dos renascimentos do espírito que regressa à consciência quando o tempo marca instantes. Além disso, se levássemos nosso exame

àquele estreito domínio em que a atenção se torna decisão, veríamos o que há de fulgurante numa vontade em que vêm convergir a evidência dos motivos e a alegria do ato. Seria então que poderíamos falar de condições propriamente instantâneas (Idem: *ibidem*, p. 40).

A inquietude e a incerteza correspondem precisamente ao gesto que insta o processo urbano em curso, mostrando que o ímpeto de relatar o corpo da cidade se respalda nos atos de atenção. Os instantes, em um sentido primordial, são tomados como diluentes inevitáveis de qualquer grande narrativa, portanto, os *instantâneos urbanos* constituem relações entre relato e experiência, entre velocidade e lentidão, especificações compreensivas a mercê de afecções irresolutas. No capítulo subsequente, são empreendidos exercícios que tateiam a visibilidade de deambulações ao descrever um Aglomerado da Serra que não se encerra nos dados gerais do discurso urbanístico.

Tatear uma visibilidade aglomerada é testar a capacidade de entender uma dinâmica urbana acompanhando sua fragmentação, acolhendo a mimese como um estímulo primordial. Assim, se arrisca relacionar a experiência do lugar Aglomerado ao relato como um exercício que valoriza a apreensão do instante. Por isso, o estudo se demora numa meditação sobre o imaginário do movimento, envolvendo a ferramenta cinematográfica que edita o tempo em instantes, provocando uma transformação do real. Enfim, com a contribuição do pensamento de Bachelard, entendemos que as alterações da estética cinematográfica são seguidas por alterações correspondentes no domínio da filosofia do movimento, daí o seu apelo de substituição da “filosofia de descrição” por uma “filosofia de produção dinâmica (FARGUEL, 2001, p.63).

O instante adere no processo do tempo uma urgência, tendendo a fortalecer uma relação viva com o objeto de estudo, que permanece, nessa medida, preenchido por seus próprios ímpetos descontínuos e particulares. Trabalhar na linha de um processo urbano contemporâneo me leva a imprimir relevo sobre a *presentificação* de experiências urbanas que serão dadas a ver como registros instantâneos. Por isso, transmito que a atenção desse relato olha a cidade de dentro, sem alçar um vôo panorâmico pretende-se de fato compreender a horizontalidade do urbano. A descontinuidade do instante é sentida nesse plano como a violência criadora que nos isola não apenas dos outros, mas também de nós mesmos (Idem: *ibidem*, p.18).

O recorte temporal da pesquisa, justificado pelo cronograma de aproximadamente dois anos de trabalho, reverbera numa organização aglomerada de instantâneos urbanos que querem, ao menos, apontar que o processo urbano em foco

extrapola os limites do tempo acadêmico. Interceptando as transformações da Serra, os registros videográficos enfatizam que as mudanças se dão em diversos aspectos, mas, especialmente, eles expõem que a dimensão sensorial da cidade vai sendo alterada na reestruturação urbana. Disponibilizar esses registros e fazer deles complementos indispensáveis para a leitura é querer transmitir impressões imediatas que vão de encontro à geograficidade das favelas de Belo Horizonte.

A experiência de percorrer um território em estado de obras, um espaço de modificações formais, políticas e sensoriais levou-me a presenciar uma intensa transformação urbana num curto período de tempo. Esta é a condição para se avaliar que a atividade de pesquisa aqui relatada compõe uma organização de instantâneos que reportam ao gesto de perceber-se percebendo. Portanto, o relato não dá conta da origem do processo urbano, apesar de delinear suas razões, nem de seu fim: o que se busca é veicular no texto a instabilidade presenciada *in loccus*.

Finalmente, a questão dos interditos referida mais acima será proeminente para se discutir criticamente um processo urbano contemporâneo, esta é a chave oferecida pelas imagens de muros, cercas e separações em certas imagens contidas no capítulo anterior. Por elas exemplificarem as razões que são incorporadas pelo pensamento urbanístico numa grande cidade, talvez seja o caso de vermos os instantâneos que chegam aos olhos como elementos de controvérsia, que criam um questionamento das grafias oficiais do Aglomerado da Serra.

3.2 – Trilhas intempestivas

Espere: está ficando escuro. Mais.
Mais escuro.
O instante é de um escuro total.
Continua.
(Clarice Lispector, 1998, p.33)

Continuamos posteriormente ao gesto de interceptação que espelha a presença do corpo na intensidade das experiências urbanas. A constatação dos níveis de intensidade da vida urbana transporta um sentido de contemporaneidade que não corresponde apenas ao círculo dos calendários: o esforço de pensar o mundo contemporâneo e refletir sobre as tramas de experiências socioespaciais coetâneas reforça proposição efetivamente corporal. Mas, como olhar nosso período urbano, essa

época que já foi traduzida de tantas formas e com diversas palavras, mais ainda, como depositar na obscuridade que toma os olhos, uma expectativa produtora?

Os olhos que percorrem a cidade almejando aprender que nada nelas é estanque, tem ao seu dispor prescrições que orientam o caminhante a seguir seu percurso atento à opacidade e à lentidão. Essa é a direção para um abrigo onde caiba incluir a corporeidade na experiência do tempo presente da cidade⁵⁹. A abertura de um diálogo com este autor vai contextualizar e aprofundar o que destaquei nas primeiras páginas como uma possibilidade de periodização urbana.

Dilatando a acepção do termo “contemporâneo”, Giorgio Agamben expõe essa mesma procura por um terreno de natureza opaca, no seu ensaio *O que é o contemporâneo?*, o autor discute o *ser* da contemporaneidade localizando, a maneira de uma aula⁶⁰, caminhos a serem descobertos numa deriva filosófica que atravessa sete temas encadeados ao conceito de contemporâneo. Cada temática desponta como potência de vista ímpar sobre o contemporâneo, as linhas desse ensaio discutem, respectivamente: 1) a filosofia intempestiva de inspiração nitzscheana; 2) o poema *O século* do escritor russo Osip Mandel'stam; 3) uma explicação da neurofisiologia sobre as bases da visão; 4) a paisagem do espaço celeste numa noite muito escura; 5) a gênese da moda; 6) um sentido atual na arqueologia e, por fim, 7) um encontro entre Walter Benjamin e Michel Foucault.

O passeio pela discussão de Agamben acentua uma consideração sobre um teor de defasagem ou atraso em relação ao que, consensualmente, seria tido como atual. Isso já apareceu na confissão de Clarice sobre a atualidade que escapole ao relato. Para Agamben, o ser contemporâneo se nutre de uma ruptura com a homogeneidade do tempo, assim, são oferecidos exemplos de contemporaneidade que também se esmeram em ultrapassar o dispositivo político da interdição, que filtra a emergência da experiência em relatos da filosofia, da história e da arte. A contingência e a intempestividade no pensamento que são prescritas por Agamben estimulam à experimentação do período, quero dizer, da própria (im)possibilidade de periodização do contemporâneo. Por isso, o contemporâneo não deve ser entendido como um período

⁵⁹ Um poema, que Agamben cita em sua aula, fala das vértebras do tempo, convocando alguém para esquadriñar e soldar as articulações da época, “as vértebras de dois séculos” (Osip Mandelstam citado por Agamben, 2009). Já na leitura de *Água Viva a visceralidade* advinda da experiência da atualidade atinge outras regiões do corpo “Quero me alimentar diretamente da placenta [...] O próximo instante é feito por mim? ou se faz sozinho? Fazemo-lo juntos com a respiração” (p.9).

⁶⁰ Conforme consta, esse texto retoma a lição inaugural do curso de Filosofia Teórica 2006-2007 junto à Faculdade de Arte e Design de IUAV de Veneza (Cf. AGAMBEN: 2009, p.56).

posterior à modernidade, pelo contrário, ele pode não participar da linha cronológica da história, e assim ser pensado enquanto um estado corporal. Agamben explica:

Os que tentaram pensar a contemporaneidade puderam fazê-lo só às custas de dividi-la em mais tempos, em introduzir no tempo uma des-homogeneidade essencial. Quem pode dizer "meu tempo" divide o tempo, inscreve nele uma divisão e uma descontinuidade: e, no entanto, justamente por meio dessa divisão, essa interpolação do presente na homogeneidade inerte do tempo linear, o contemporâneo instala uma relação especial entre os tempos.(.) (AGAMBEN, 2009, p.07).

Partindo dessa colocação, torna-se interessante a tentativa de deslocar a subjetividade do contemporâneo de seu espaço filosófico para imprimir sua natureza descontínua sobre o espaço da cidade. Quero dizer que um prolongamento da prescrição fragmentária apropria-se da pergunta *o que é ser contemporâneo?* para arriscar uma nova interrogação: o que é um lugar contemporâneo?

Essa questão se instala no cerne da discussão sobre o termo ‘contemporâneo’ inspirada pela territorialização do conceito, que, então, se debruça sobre a possibilidade de apreender o tempo das cidades tendo em vista a “relação especial entre os tempos” que Agamben apresenta. O desafio é deslocar a cidade até um estado de consciência que incorpora a precariedade latente. Vale intuir que cada instante transporta esse tempo dinâmico da vida, o tempo dos corpos vivos que, podendo particularizar-se tantas vezes quanto os instantes que decorrem, é específico e especial.

Os instantes podem ser compreendidos assim como as vértebras do tempo que Agamben busca friccionar. A inserção da poesia na discussão filosófica traz mais uma vez para o corpo o sentido do contemporâneo, aludindo a estrutura axial da motricidade dos gestos e remetendo às articulações numerosas, sanfonadas e plissadas que especializaram profundamente a natureza do corpo humano. Nesse sentido, Agamben oferece uma imagem vertebral do mundo. Essa referência que toca a estrutura óssea do corpo humano também localiza o espaço articular, a coluna vertebral não deixa de ser um empilhamento, ou melhor, um aglomerado de ossos particulares que, no caso de Agamben, são pressionados e produzem um “esquadrinhamento do tempo”.

3.3 – Trilhas que Desaceleram

O olhar sobre o contemporâneo, donde se origina uma relação especial com o tempo, revela a feição de Agamben leitor de Friedrich Nietzsche (1844-1900), o filósofo que entendeu a contemporaneidade como “uma relação singular com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, toma distância dele” (Agamben, 2009, p.71). Como veremos, o olhar intempestivo marca justamente o tópico mais inicial do curso de Agamben sobre o contemporâneo. O autor coloca:

Nietzsche situa [...] sua pretensão de "atualidade", sua "contemporaneidade" com relação ao presente, em uma desconexão e em uma defasagem. Pertence realmente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide perfeitamente com aquele, nem se adequa a suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual. Mas, justamente por isso, a partir desse afastamento e desse anacronismo, é mais capaz do que os outros de perceber e de apreender o seu tempo. (Ibidem: idem, p.59)

Porque não dizer que essa menção serve de coordenada cardinal na busca de um entendimento mais aprofundado sobre a cidade? O embasamento sobre o contemporâneo que Agamben expõe remete ao assunto que ocupou Nietzsche nos anos que envolveram a publicação da obra *Considerações Intempestivas*⁶¹. A conflagração desse embasamento intempestivo me leva a falar de um livro onde estão reunidos cinco ensaios escritos por Nietzsche entre 1870 e 1872 e que se consolidaram como seus *prefácios para livros não escritos*. Neles o filósofo aglutinou temas que também se encontram em outras obras que escreveu, mas esse é um livro que obedece um formato diferente entre as suas diversas obras por serem prefácios de livros inexistentes, textos que apresentam obras que viriam, ou ainda, alusões a cinco livros do porvir. Enfim, podemos compreender que estes prefácios são textos utópicos⁶².

A obra *Cinco prefácios para cinco livros não escritos* (Nietzsche, 2005) é exortada tão somente através da característica que Maurice Blanchot (1973) lhe atribuiu: a filosofia de Nietzsche consiste numa “escrita fragmentária”. Entre os cinco prefácios destaco aquele que intitula-se *Pensamentos sobre o futuro de nossos institutos de*

⁶¹ “Em 1874, Friedrich Nietzsche, um jovem filólogo que havia trabalhado até então em textos gregos e, dois anos antes, havia alcançado uma celebridade imprevista com “*A origem da tragédia*”, publica as “*Considerações Intempestivas*”, com as quais quer acertar contas com o seu tempo, tomar posição com relação ao presente”(AGAMBEN: 2009, p. 58).

⁶² “O título *Cinco prefácios para cinco livros não escritos (Fünf Vorreden zu fünf ungeschriebenen Bücher)* foi dado pelo próprio Nietzsche, que reuniu os seus escritos no natal de 1872 e os enviou à senhora Cosima Wagner, a mulher do famoso compositor alemão Richard Wagner. Entretanto, esses cinco textos só seriam publicados muito mais tarde, após a sua morte, seja nos volumes das obras completas ou em coletâneas”(Pedro Sussekind em NIETZSCHE: 2005, p.09).

formação, porque sobressai dele uma pista sobre a percepção de velocidade e lentidão. Aí, é reiterada a qualidade defasada do ser contemporâneo que solapa um procedimento de leitura que é uma espécie de desaceleração, na qual o leitor deveria estar calmo e ler sem pressa (Nietzsche, 2005, p.33).

Como notamos, é nesse sentido que o livro prefaciado é destinado

[...] a homens que ainda não estão comprometidos pela pressa vertiginosa de nossa época rolante, e que ainda não sentem um prazer idólatra quando se atiram sob suas rodas, portanto a homens que ainda não se acostumaram a estimar o valor de cada coisa segundo o ganho ou a perda de tempo(.) (Nietzsche, 2005, p.34).

A periodização do contemporâneo vai irromper nesse ensaio filosófico que demanda um leitor que, consciente do tempo que lhe atinge, reflete sobre os conceitos distanciando-se da pressa vertiginosa. Ainda no século XIX Nietzsche vai cunhar um pensamento da desaceleração que se mostra no procedimento da leitura e sugere uma educação cotidiana, com os assuntos filosóficos pulverizados no espaço vivido além dos livros. No trecho em que Nietzsche toma notas sobre o conhecimento instituído no território alemão, desenha-se a figura de um sujeito-leitor que lhe parece ser contemporâneo caso for “incapaz de escorregar de uma superfície para outra com uma espada cheia de pressa” (Ibidem: idem, p.36). Neste caso, a desaceleração é engajada pelo movimento das mãos do leitor sobre as páginas, sendo o traço da incapacidade intencionalmente frisado. Assim, o filósofo não foi prolixo ao dizer que o contemporâneo reside no lugar distante ao contexto de sua época e de seu país, distendendo o intervalo da leitura na urdidura dos conhecimentos de uma defasagem afirmativa.

Situando essa afirmação pode-se desenvolver uma apologia da desaceleração em meio à crítica da experiência urbana contemporânea. Tal discussão merece ser acolhida no campo urbanístico já que nele é elaborada, consensualmente, uma aceleração sem medidas. O pensamento da contemporaneidade, advindo de uma relação especial com o tempo, especificamente afirmado nos termos da desaceleração, encara a globalização da celeridade e expande a compreensão da temporalidade e da processualidade urbana.

A lentidão dos gestos desacelerados certamente tem parentesco direto com a crítica do meio técnico-científico-informacional que nos traz ao encontro de Milton Santos (2008a). Essa crítica se debruça, em particular, sobre o tempo lento em meio às cidades brasileiras que perpassam as vértebras dos séculos XX/XXI com a ambição de serem espaços fluídos e velozes. Portanto, o arcabouço geográfico afunila o debate já

começado, a partir daqui posso afirmar com mais detalhamento a visão do contemporâneo em meio aos conflitos das regiões metropolitanas brasileiras.

Para tanto, o pensamento da geografia vai criticar o aumento sucessivo da velocidade nas cidades: o que Nietzsche já observava no seu entorno ganha, pois, uma reverberação transcontinental. Desse modo, a geografia se forma paralelamente à impressão nietzschiana operando um distanciamento dos pensamentos incorporados com eficiente ligeireza. O mesmo gesto desacelerado ganha aqui uma versão que lhe aproxima de um sensível “elogio da lentidão”, interpondo-se à lógica temporal dominada pela celeridade da técnica, formando uma geografia engajada na compreensão de experiências espaciais da lentidão.

Para Milton Santos,

o mundo de hoje parece existir sob o signo da velocidade. O triunfo da técnica, a onipresença da competitividade, o deslumbramento da instantaneidade na transmissão e recepção de palavras, sons e imagens e a própria esperança de atingir outros mundos contribuem, juntos, para que a idéia de velocidade esteja presente em todos os espíritos e a sua utilização constitua uma espécie de tentação permanente. Ser atual ou eficaz, dentro dos parâmetros reinantes, conduz a considerar a velocidade como uma necessidade e a pressa como uma virtude. Quanto aos demais não incluídos, é como se apenas fossem arrastados a participar incompletamente da produção da história. (SANTOS: 2001)

A relação entre a experiência da contemporaneidade salientada pelo gesto em defasagem é vinculada ao reconhecimento de uma incompletude histórica, que se apresenta na articulação territorial do tempo e vincula-se à realização prática de temporalidades urbanas. Assim, o autor imprime relevância a relação espaço-temporal que se denomina “empiricização do tempo”. Desta abordagem podemos extrair, de certo modo, um retrato da contemporaneidade que desvela os contrastes entre tempo rápido e tempo lento no contexto de uma época que é, simultaneamente, um período e uma crise⁶³.

Paralelamente, é possível tencionar velocidade e lentidão retornando ao conceito de contemporâneo sugerido por Agamben. Vemos que um diálogo pode ganhar proporção quando, de um lado, Milton Santos propõe-se a vislumbrar espaços opacos enquanto, do outro lado, o Agamben se reportará à percepção da obscuridade. Do ponto de vista de Milton Santos,

⁶³ A percepção que Milton Santos traz com relação a tempos rápidos e tempos lentos se distingue do método elaborado pelo historiador - e fundador da Escola de História e Geografia da Universidade de São Paulo - Fernand Braudel, que trabalhava em perspectivas do tempo curto e do tempo longo. Como nota-se na afirmação seguinte, haveria um paralelo mas, sobretudo, uma diferença: “Eu, modestamente, proporia que ao lado dos tempos curto e longo, falássemos de tempos rápidos e tempos lentos” (Ibidem: idem).

na cidade “luminosa”, moderna, hoje, a “naturalidade” do objeto técnico cria uma mecânica rotineira, um sistema de gestos sem surpresa. Essa historização da metafísica crava no organismo urbano áreas constituídas ao sabor da modernidade e que se justapõem, superpõem e contrapõem ao uso da cidade onde vivem os pobres, nas zonas urbanas ‘opacas’. Estas são os espaços do aproximativo e da criatividade, opostos às zonas luminosas, espaços da exatidão. Os espaços inorgânicos é que são abertos, e os espaços regulares são fechados, racionalizados e racionalizadores” (SANTOS: 2008a, p.326).

Já Agamben preconiza uma reflexão sobre os “escuros do tempo” na intersecção da filosofia com as neurociências, de onde o autor extrai a hipótese sobre a qual vai elaborar uma imagem do contemporâneo conformada de sombras ou, porque não, de opacidades. Assim, a seguinte passagem trata dessa questão:

O que acontece quando nos encontramos em um ambiente sem luz, ou quando fechamos os olhos? O que é a sombra que vemos nesse momento? Os neurofisiologistas dizem-nos que a ausência de luz desinibe uma série de células periféricas da retina, chamadas, precisamente, de *off-cells*, que entram em atividade e produzem essa espécie particular de visão que chamamos de sombra. A sombra não é, portanto, um conceito privativo, a simples ausência de luz, algo como uma não visão, mas sim o resultado da atividade das *off-cells*, um produto da nossa retina. Isso significa (...) que perceber essa sombra não é uma forma de inércia ou de passividade, mas sim de algo que implica uma atividade e uma habilidade particulares, que, no nosso caso, equivalem a neutralizar as luzes que provêm da época para descobrir sua escuridão, sua sombra especial que não é, de todos os modos, separável dessas luzes.

Pode se chamar de contemporâneo só aquele que não se deixa cegar pelas luzes do século e que é capaz de distinguir nelas a parte da sombra, sua íntima escuridão. Com isso, porém, não respondemos a nossa pergunta. Por que o fato de poder perceber as trevas que provêm da época deveria nos interessar? Por acaso, a sombra não é uma experiência anônima e, por definição, impenetrável, algo que não está dirigido a nós e não pode, portanto, nos incumbir? Pelo contrário, contemporâneo é aquele que percebe a sombra de seu tempo como algo que lhe incumbe e que não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que qualquer luz, se refere direta e singularmente a ele. Quem recebe em pleno rosto o feixe de trevas que provêm de seu tempo. (AGAMBEN: 2009, p. 63)

Os olhos são nesse momento a região do corpo que a linguagem vai mobilizar para produzir um regime de visibilidades próprio ao contemporâneo. Ler o espaço no escuro também é ler as partes escuras do espaço radiante, percebendo suas falhas e persistindo no diálogo geográfico-filosófico. No cruzamento da filosofia com a geografia das cidades se inscreve uma prescrição corporificada do contemporâneo, percebida a partir de estados de desaceleração, lentidão e opacidade. Com isso, se afastam as *fábulas da globalização* que narram uma celeridade absolutamente veloz e sem razão que chega a ser vertiginosa. Desde então, o problema da territorialização da

lentidão passa a se alinhar com um campo perceptivo que desemboca num conceito de cidade contemporânea.

3.4 – Tilhas Profanatórias

Dança – Não se dança mais,
anda-se.

(Fernando Sabino, 1984, p. 55)

Casando a disciplina urbanística com um campo no qual a experiência corpórea se expressa claramente na cognição do mundo, como é o caso da dança, revela-se o desejo pessoal de sedimentar entre corpo e cidade aquilo que Clarice Lispector chama de diálogo íntimo. Um recurso para fomentar esse vínculo, mostra-nos o significado do gesto considerando suas implicações políticas e sugerindo sua natureza de “meios visíveis enquanto tais” (p. 58). Esta e a compreensão de Giorgio Agamben, que nos alerta para que seria preciso considerar que o gesto se insere na esfera da ação se distinguindo “do agir e do fazer”, dois termos que mantêm uma falsa alternativa entre fins e meios.

É por isso que o significado do gesto vai implicar necessariamente uma exposição da presença corporal que Agamben designa através da “medialidade do gesto”. Exposto enquanto meio sem fim, o gesto se coloca como um objeto de registro trabalhoso, sua visualização vai circundar as imagens dinâmicas que deram consistência ao cinema.

Nada é mais enganoso para a compreensão do gesto que representá-lo, por um lado, numa esfera de meios dirigidos para um gol (por exemplo, visto como um meio de mover o corpo do ponto A ao ponto B) e, por outro, numa esfera separada e superior dos gestos como um movimento que tem o seu fim em si mesmo (por exemplo, a dança vista como uma dimensão estética). [...] Se a dança é gesto, é assim porque nada mais é do que a resistência e a exposição do caráter de mídia dos movimentos corporais. O gesto é a exposição de medialidade: é o processo de tornar uma forma visível como tal. [...] A partir deste ponto que deriva não só da proximidade entre o gesto e a filosofia, mas também entre filosofia e cinema. Cinema que é essencialmente "silêncio" (o que não tem nada a ver com a presença ou ausência de uma trilha sonora) é, assim como o silêncio da filosofia, a exposição do ser-em-linguagem dos seres humanos: a gestualidade pura. (p. 58-60).

No desenvolvimento da reflexão sobre o significado do gesto, além da conexão entre o cinema e o pensamento filosófico, Agamben se reporta às disfunções motoras que começaram a ser estudadas pela medicina, no mesmo período que marca um pico de

urbanização e crescimento das cidades européias e norte-americanas, período que é concomitante ao surgimento dos mecanismos cinematográficos no fim do século XIX. A discussão que Agamben desenvolve e que nos parece mais útil revela-se com o surgimento dos aparelhos de captação e registro de imagens que são usados inicialmente para notação dos gestos.

Desde os retratos fotográficos, passando pelas séries de *snapshots* de Edward Muybridge, chegando às imagens dinâmicas projetadas pelos cinematógrafos há uma crescente complexificação dos suportes de notação dos gestos. Para Agamben, o cinema nos expõe a uma linguagem do silêncio que se sustenta sobretudo nos gestos, não nas imagens como pode se presumir. Chistine Greiner (2009), leitora de Agamben, auxilia a compreensão desse vínculo entre imagem e o gesto num trecho de seu livro que se denomina “A aptidão profanadora do corpo”. Para ela, “É sempre o gesto que dá poder à imagem. O que ele comunica, não só para o outro mas para si mesmo, é uma comunicabilidade e não um significado pronto. Toda escritura é dispositivo de poder. A escritura do gesto não é exceção” (GREINER: 2009, p.106).

A territorialização do tempo lento que por várias vezes foi mencionada pode ser colocada em outros termos, sendo então uma territorialização dos gestos. Os registros de um território qualificado pelo corpo que o percorre transportam até aqui a questão da obliteração da favela. A obliteração acolhe, todavia, os vestígios, os resíduos de espaços em vias de se desmanchar: as imagens-pegadas de um espaço mutilado. Como a minha intenção era principalmente percorrer as linhas intersticiais entre o formal/informal, planejado/auto-construído, ortogonal/labiríntico, estes registros se colocam enquanto relatos da transformação do Aglomerado da Serra em outro corpo. Um corpo aberto ao devir urbano?

Finalmente, gostaria de extrair do outro texto de Giorgio Agamben, *Profanações*, a compreensão do andar como um gesto de aptidão profanadora. Para Agamben, (2007, p.65) o gesto da profanação tem uma “relação especial” com o uso, com a restituição de um uso comum aos homens que contesta a separação do sagrado. Minha proposta é adotar o elogio de Agamben para entender o andar como uma ação política, no sentido que o gesto pode servir para desativar os dispositivos de poder e devolver ao uso comum os espaços que a política confiscou (p.68). Desse ponto de vista político, o andar adquire o poder de abordar profanando a reforma urbana em curso no Aglomerado da Serra.

Essa leitura alimenta uma perspectiva que estrutura-se numa direção oposta ao espetáculo, que se instaura separando as várias esferas da vida cotidiana. A sugestão é que o deslocamento, o distanciamento, a transposição, criem um arranjo de coordenadas corporificadas, de modo que a prática dos percursos possa migrar do gesto performativo para o gesto profanatório e vice-versa. Afirmando o recurso da lentidão enquanto uma maneira de reconhecer *um* mundo e desenvolver uma leitura sobre a produção do espaço urbano, serão instaladas outras possibilidades de abordar a lentidão. Seguramente, parto de uma inquietude sobre a apreensão da cidade e percebo na adoção de um corpo-lento, além de um desassossego metodológico. Os ecos da lentidão solapam um ruído oscilatório no campo urbanístico. Da mesma maneira, o desgaste das fronteiras entre o urbanismo e outras paisagens disciplinares alimentará um aprofundamento da noção de lentidão para desestabilizar o ideário da celeridade urbana.

Focando os muitos-outros-territórios, os mesmos que respondem com alternativas precárias os empurrões do cotidiano racionalizante, e colocamos paralelamente uma figuração voluntária da desaceleração, talvez a lentidão possa ser pensada além de uma condição residual. A irradiação de tempos diferenciados, que condiz com a definição do contemporâneo cultivada mais atrás, favorece a visão de uma diversidade de imagens urbanas - opacas, obscuras, luminosas, brilhantes, sombrias, penumbrosas, solarizadas – afim de se escapar do dualismo entre o espaço lento e o célere.

Preferiríamos distanciar o dispositivo bastante eficiente que vê a realidade dividida em apenas duas partes para poder localizar suas respectivas hibridações, pois não há somente duas partes que estariam confortavelmente endereçadas, de um lado, a uma cidade rápida e, do outro lado, a uma cidade lenta, pelo contrário, um ambiente mestiço sobressai. Quando capitulamos a ultrapassagem da bipartição da cidade o objetivo torna-se possibilitar o questionamento de uma porosidade urbana que espelha a impregnação fragmentária da lentidão na cidade. Como pensaram Hissa e Wstane (2009, p.88), há diferentes cidades dentro de uma mesma cidade, assim se afirma que “há *cidades lentas* na cidade”.

Esta afirmação costura um argumento muito interessante por aprofundar o sentido político da incapacidade. Alguém incapaz de habituar-se a uma cidade célere e vertiginosa é personagem da crítica ao capitalismo cognitivo, que cada vez mais, exige que estejamos entregues a rapidez e que sejamos infatigáveis. Entretanto, refutando os

regimes da celeridade urbana, podemos acolher a ideia de que, paradoxalmente, o poder da velocidade é revestido por confinamentos e paralisias. O pensamento da incapacidade de adequação aos modelos da cidade célere, sobretudo uma imagem de marketing, é cada vez mais urgente, e por isso há tantos cultivos a serem feitos no terreno da cidade incapaz.

Por ora, cabe se pensar em operações que transvalorizam a lentidão habitualmente desqualificada na cidade da razão. Trazendo, uma vez mais, a discussão para o corpo, se compõem pautas para fricções, setas que se empenham na superação do dualismo aceleração/lentidão, opaco/luminoso. Segue-se: a) caminhar nos subterfúgios do espaço da pressa + fraturar a univocidade urbana; b) encostar diferentes corpos de cidade + acenar para a diversidade de lugares que preenchem uma grande cidade; c) perscrutar as situações que atiram a enunciação identitária da metrópole contemporânea como espaço projetado e fluído + dessincronizar tais imagens; d) procurar um sentido de lentidão transvalorado, quer dizer, externo a juízos de valor como bom/ruim, ativo/passivo, etc; e) procurar um sentido de lentidão que permita interação com a rapidez; g) procurar corporificar os dois sentidos de lentidão anteriores + desencadear experiências incapazes.

Nessa perspectiva, o aprofundamento da noção de lentidão poderia desestabilizar a cidade célere borrando a lógica que procura fronteiras de consistências urbanas diferenciadas. A consistência da lentidão vira alvo do planejamento urbano, desejoso de reparar no que não se encaixa na consolidação de uma cidade estratégica. A ação de friccionar solapa, portanto, o incentivo ao dissenso e à coetaneidade de corpos heterogêneos no sentido da ultrapassagem dos limites objetivos de cada qual.

Circunscreve-se, pois, a chance de ver a lentidão friccionando a coluna vertebral dos territórios planejados para a rapidez, viabilizando a infiltração que enuncia a adversidade insistente e, ao mesmo tempo, alterando as metodologias condicionadas do urbanismo. As localizações do “Projeto Racional”, sublinhado em sua perversidade por Milton Santos, são sempre incompletas, esfumaçadas e passíveis de uma crítica do espaço público contemporâneo que busca enfrentar a indolência dos consensos. Nos territórios de existência de uma cidade onde *desfazer* é uma prescrição para salvaguardar níveis ativos da subjetividade, a lentidão transparece como filtro biopolítico que implode em micro-escalas a hegemonia da cidade do pensamento único.

Urge reconhecer a localização das alternativas à cidade hegemônica marcada pela celeridade dos fluxos, bem como propor um centramento teórico do assunto. Nesta direção a indicação política e social da lentidão que, em consonância com Milton Santos, situa que “é possível dispor da maior velocidade tecnicamente possível no momento e não utilizá-la. É possível fruir da modernidade nova, atual, sem ser obrigatoriamente o mais veloz” (SANTOS: 2001).

Politizar a lentidão é perceber que existem reflexos e pistas da discussão no universo das experiências sociais, no qual um gesto vagaroso pode ser redimensionado para que possa sentir intensamente o espaço do cotidiano. Como se nota, a lentidão observada no âmbito de uma pesquisa urbana só poderá se constituir numa reciprocidade com a percepção lenta do próprio pesquisador (Santos, 2004). Por isso a lentidão nos faz avaliar os parâmetros aceitos como racionais atualmente.

De acordo com Santos, o tempo rápido nos põe em um mundo arquitetado, onde predomina a

vocação para uma racionalidade única, reitora de todas as outras, desejosa de homogeneização e de unificação, pretendendo sempre tomar o lugar das demais, uma racionalidade única, mas racionalidade sem razão, que transforma a existência daqueles a quem subordina numa perspectiva de alienação. (SANTOS: 2008a, p.127)

Em outro lado, o tempo lento se interpõe no transcurso do cotidiano pondo em relevo “outras formas de ser racional”, que demandam, por sua vez, uma política resultante da consideração conjunta de múltiplos interesses. O cotidiano, abordado em sua celeridade contraditória, é visto como “o mundo da heterogeneidade criadora”, arcando com o desafio da multiplicidade e contradizendo o senso hegemônico (op. cit.). Assim, se vê que a relação entre lentidão e rapidez (vista no *just-in-time* a que alude M. Santos) é propriamente política, e não somente um domínio da técnica. Isso nos leva a confrontar as variáveis da celeridade para refutar uma civilização assente num certo modelo de urbanização.

Neste ponto, o entendimento da lentidão deve superar a lógica mecânica para refutar a formação do consenso de que “o sistema técnico hegemônico aparece como algo absolutamente indispensável e a velocidade resultante como um dado desejável a todos que pretendem participar da modernidade atual”. Por isso vale ressaltar uma busca onde se quer abrigar as “diversas velocidades em presença” (SANTOS: 2009a, p.124). Seguramente, passados alguns anos após o debate sobre a lentidão ter sido colocado por

Milton Santos, já torna-se possível localizar as incorporações do tempo lento em teorias da cidade que se desprenderam de um regime antes determinado pela pobreza urbana⁶⁴.

Talvez, a partir do caminho que Santos apontou, seja pertinente considerar a lentidão como conjuntura mas, também - e sempre que possível - como indício de uma contingência. Há que se reconhecer, sobretudo, que a lentidão vincula-se a uma incompletude histórica que abrange a experimentação do tempo e força um conceito corporificado de cidade. Pensar a *geograficidade da lentidão* sugeriria, todavia, um embate com o planejamento estratégico, pautado pelo tabelamento racional da cidade e credor dos imaginários da globalização. No contexto das estratégias do planejamento, é consensual admitir que “a velocidade constitui um dado irreversível na produção da história, sobretudo ao alcançar os paroxismos dos tempos atuais.”. O autor prossegue:

A inconformidade com a tendência de homogeneização das cidades alimenta a compreensão de que é preciso reconhecer os rumos contraditórios da urbanização. A visão do cotidiano, da lentidão incorporada pelos pobres na cidade, fortalece uma sociabilidade alternativa ao competitivismo propagado, onde estar a frente do seu tempo é condição de eficiência. A homogeneidade da rapidez encontra, todavia, sua alteridade. Os sujeitos do tempo lento realizam sua existência nas bordas da racionalidade totalitária, habitantes de uma “pequena margem [...] deixada para a variedade, a criatividade, a espontaneidade”. (SANTOS, 2008a, p.121)

Os territórios da lentidão na cidade, que Milton Santos encontra numa “pequena margem”, penetram no urbanismo com uma compreensão bastante política, perfazendo outros ritmos na cidade, ritmos estes que são, não obstante, alternantes da abertura das cidades para o futuro. Os sujeitos do tempo lento são, nesse sentido, aqueles que dão corpo ao cotidiano de uma cidade policrônica, são eles os porta-vozes das medidas opacas da contemporaneidade.

3.5 – Trilha do Urbanismo Retardatário

A temática da lentidão se encaixa numa perspectiva ininterrupta dos processos urbanos e incita, principalmente, um movimento intenso nas ruas. Perseguindo uma perspectiva semelhante, Pierre Sansot (2000) multiplica as controvérsias do planejamento urbano ao partir na direção do “urbanismo retardatário” procurando

⁶⁴ Miséria e pobreza não se confundem: “a miséria acaba por ser a privação total, com o aniquilamento, ou quase, da pessoa. A pobreza é uma situação de carência, mas também de luta, *um estado vivo*, de vida ativa, em que a tomada de consciência é possível” (SANTOS: 2008b, p.132).

discorrer sobre um bom uso da lentidão, esse braço do conhecimento urbanístico, inicialmente calcado numa forte crítica do papel funcionalista da profissão, poderia, contudo, incorrer num afinamento com ideário da patrimonialização urbana. Nos atentamos, então, a uma derivação do elogio da lentidão que buscou-se situar anteriormente, procura-se entender, principalmente, como a lentidão vem sendo pensada no contexto no Norte Global, em particular, das cidades européias. Para tanto, a referência de Sansot constitui, como será mostrado, uma pista sobre outra compreensão da lentidão.

O urbanismo retardatário sugere uma controvérsia no campo profissional do planejamento urbano na medida em que reina um consenso de que o urbanista destina-se a projetar espaços para a circulação e o fluxo urbano. No entanto, para Sansot existe um outro lado dessa história que reside em propositalmente atravancar os percursos, por isso uma profissão que faria bom uso da lentidão precisaria reelaborar o contexto do planejamento urbano, onde se costuma extrair todo e qualquer impedimento das vias de circulação. Nesse horizonte, a leitura de Sansot indica falhas no papel burocrata que adere na urbanística. No urbanismo retardatário é preponderante que as pessoas possam vagar pelas ruas, caminhar aleatoriamente pela cidade e se deslocar sem obedecer a finalidades retilíneas.

Com esse posicionamento se percebe o movimento corporal da lentidão em curso nas trajetórias não-lineares pelas ruas da cidade, sendo que o ziguezague é o traço mais ilustrativo dessa posição. O que é preconizado pelo urbanismo retardatário são os espaços de indeterminação, feitos possíveis em meio a percursos vistos como práticas espaciais de suma importância para a qualificação dos espaços urbanos. Os movimentos em ziguezague significam um reconhecimento dos corpos que vagam pela cidade e constroem espaços indeterminados.

Ainda segundo Sansot, incorporar o bom uso da lentidão é contar com metodologias que privilegiam as descobertas ociosas que ocorrem nos espaços públicos. Essa ocupação significa a descoberta das vastas cidades dentro de cada cidade, dos fragmentos indeterminados, às vezes indiscerníveis, que percorremos quando saímos a andar a esmo. A lentidão ganha utilidade mas, isso não incorre em modelar uma forma de arquitetura para os espaços de indeterminação, pelo contrário, o urbanista estaria disposto a experimentar o imprevisível e o não-projetado como estímulos correntes.

A crítica do urbanismo retardatário não reside em projetar espaços urbanos para serem apropriados pelos corpos lentos, de outro modo, se insiste na suspensão do papel

burocrático e disciplinado que o campo urbanístico toma para si já que os espaços de indeterminação repousam nas efemeridades ganhando formas eventuais e aleatórias. Portanto, o urbanismo retardatário demanda que aceitemos os jogos pertinentes ao acaso, mais que saídas e soluções para melhorar o trânsito na cidade.

O engajamento do urbanista retardatário implicaria em saber propor o efêmero e incorporar uma atitude que prolongaria a virtude da indiferença perante o que nos dizem os relógios. Nessa abordagem se distingue que tal urbanista retardatário se interessa pelos lapsos e flutuações do tempo, efetivas prioridades num caminho em ziguezague que se dá, principalmente, nas ruas comerciais onde se percebe uma presença marcante de obstáculos, onde nos movemos para desviar de materiais que atravancam o percurso, sejam caixas de frutas ou barracas de mercadorias coloridas. O ziguezague que os pedestres traçam durante os desvios do percurso gera uma apreensão instável dos espaços públicos: os passos tracejam a manifestação de vivacidade que vai sendo demarcada num fluxo complexo, aberto e imprevisível (SANSOT: 2000, p.159).

Em nossa leitura vemos que o urbanismo retardatário pensa as linhas de força visíveis nos percursos urbanos que são rebatidos na apreensão de processos urbanos incessantes. O sentido dos espaços de indeterminação, que não são planejados por especialistas, designa uma posição móvel no mapa da cidade. Então, as coordenadas desses espaços, assim como seu regime de visibilidade, refletem a inserção de temporalidades no domínio do urbanismo e por isso elas são coordenadas instáveis e mutantes que vão desestabilizar a sedimentação do urbanismo racionalista.

Um mesmo percurso pode denotar um palimpsesto urbano que condensa tempos sem relógios, tempos vagos e ociosos, tempos flutuantes que retornam, tempos do passo vacilante de uma criança ou de um idoso. Com suas próprias palavras, Sansot apresenta o horizonte do urbanismo retardatário:

Propomos somente que se conserve ou que se restaure os espaços de indeterminação onde o homem tem a possibilidade de permanecer ocioso ou de prosseguir rápido [...] Tal programa modesto modificaria singularmente a fisionomia de nossas cidades e nos engajaria em uma política inteiramente nova. (Ibidem: idem, p.163)⁶⁵

⁶⁵ “Nous proposons seulement que l’on conserve ou que l’on restaure les espaces d’indetermination dans lesquels l’homme a la possibilite de demereur disponible ou de poursuivre a vive allure as marche dans le tracas e les fracas. Um tel programme bem modeste modifierait singulierement la physionomie de nos Villes e nous engagerait dans une politique tout a fait nouvelle”.

Pode haver uma correlação com a geograficidade da lentidão no momento em que se ultrapassa a concepção mecânica do deslocamento e da velocidade para se instalar a questão no âmbito político. Como se nota, a crítica do urbanismo retardatário chega a concentrar grande parte da discussão sobre a natureza dos deslocamentos pelas ruas da cidade, no entanto, essa crítica não se casa com a temática da acessibilidade, chave para quantas políticas urbanas. Essa distinção é enfatizada por Sansot:

A política do retardamento vai, ao que parece, de encontro a noção de acessibilidade que os urbanistas e os políticos são a favor, na expectativa que ela aumente a economia e os desempenhos. Ela possuiria um valor democrático dando possibilidade de qualquer um ir onde desejar, reduzindo assim os isolamentos, os guetos. Nós não compartilhamos desse otimismo, tal igualdade de todos perante o espaço permanece formalista. Tornando-se mais acessíveis, mais penetráveis e abertas, uma cidade e uma região não perderiam o mistério, a opacidade e portanto seu próprio ser? (Ibidem: idem, p.172-173)⁶⁶

Distanciado da ideologia da acessibilidade que atinge a experiência de percorrer a cidade, ora alisando o solo e excluindo suas trepidações, ora setorizando e estancando as diferentes modalidades de trajeto, o urbanista retardatário poderia suscitar a presença da lentidão no espaço urbano ao introduzir o desafio da reinvenção política nos termos da mobilidade corporal considerando a sua escala de apreensão. Portanto, é importante lembrar que a crítica do urbanismo retardatário se baseia num distanciamento das tendências automobilísticas privilegiando o modo dos pedestres circularem pela cidade.

Até então podemos situar que existe uma boa oportunidade para relacionarmos o elogio da lentidão lançado por Milton Santos ao bom uso da lentidão que propõe Pierre Sansot. A afinidade entre elas se encontra, sobremaneira, no olhar sobre a empiricização do tempo relacionado às práticas espaciais cotidianas e microbianas, a pulverização da experiência urbana é, ao que parece, um interesse de ambos. Mas o cuidado epistemológico nos ajuda a compreender que para Sansot há também um interesse na preservação dos espaços da cidade que são propícios aos gestos lentos e perambulantes.

⁶⁶ Une telle politique du retardement va, semble-t-il, a l'encontre de la notion de l'accessibilité qui a la faveur des urbanistes e des hommes politiques. Celle-ci aurait pour elle d'augmenter les échanges et les performances. Elle posséderait une valeur démocratique donant a chacun la possibilité d'aller ou il le desire, réduisant ainsi les isolats, les ghettos. Nous ne partageons pas cet optimisme. Une telle égalité de tous devant l'espace demeure formelle. (...)

Este alinhamento patrimonial, colocado *en passant* pelo autor francês, é uma diferença marcante entre estes dois elogios da lentidão. Há na França um caso que pode fazer essa característica do pensamento de Sansot melhor compreendida, então, menciono a pequena cidade de Segonzac na região de Charente, um lugar que tomou para si o título de cidade lenta instituindo uma política municipal para a preservação do modo de vida avesso à correria das grandes cidades⁶⁷. A dinâmica das grandes cidades, marcadas pelo mundo do trabalho e pela tensão dos compromissos, seria em Segonzac apartada com a adoção de um modo de vida lento para todos os cidadãos.

O exemplo desta pequenina cidade que instituiu a lentidão como seu cartão-postal nos leva a reconhecer que há um risco de se confundir o que incorporamos na forma de uma percepção lenta da cidade⁶⁸. No caso francês, o formalismo se evidencia na instauração de uma pequena cidade lenta apartada de outros ritmos coetâneos. Este exemplo perfaz uma ressalva à assimilação do urbanismo retardatário sem, contudo, ignorar sua contribuição. O mais importante seria trabalhar na perspectiva de uma complementação entre os diferentes elogios da lentidão, reconhecendo que seu contexto de formulação, ou seja, seu chão de origem vai implicar em múltiplos modos de se relacionar com as temporalidades e ritmos coetâneos.

⁶⁷ CF. a reportagem de um canal de TV francês sobre Segonzac: < <http://videos.tf1.fr/jt-20h/elogio-de-la-lenteur-6109600.html>> .

⁶⁸ Sobretudo, o modo como pensamos a lentidão se afasta das observações do trânsito nas grandes cidades, nesse caso, nas mãos dos especialistas em tráfego, a lentidão torna-se sinônimo de engarrafamento, congestionamento e inércia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As coisas cresciam com profunda tranqüilidade. S. Geraldo se mostrava. Ela de pé diante do mundo claro [...] Mesmo os ruídos do subúrbio vinham desmanchados em pálida a salva de palmas. A moça olhava de pé, constante, com sua paciente existência de falcão. Tudo estava incomparável. A cidade era uma manifestação. E no limiar claro da noite, eis que o mundo era a orbe. No limiar da noite, um instante de mudez era o silêncio, aparecer era uma aparição, a cidade uma fortaleza, vítimas eram hóstias. E o mundo era a orbe. Nesse novo universo, a uma distância do abismo, estava o parafuso no chão. Lucrecia Neves olhava da própria altura o horror do objeto. Coisas terríveis e delicadas jaziam no chão. O parafuso perfeito. A moça respirava o odor de chumbo da claridade. E virando-se – lá estava S. Geraldo: anunciando, inexplicável, pousado com a dureza de um pé. Cada objeto hiperfísico. Os sinais. A moça moveu suavemente as patas. Mais um tom decaiu. Agora, na cor escurecida do ar, cada torre, cada chaminé se apurou de súbito... Seria o momento de desembarcar e tocar afinal em todas as coisas. A cidade permitiria que se apalpassem arrepiada sua pedra? (LISPECTOR, 1949: 51)

Lucrecia Neves, personagem de Clarice Lispector, realiza passeios para as bordas de São Geraldo, em determinado momento de uma caminhada ela empreende uma paragem num lugar de onde veria a cidade à distância - de um lugar vago ela começa a descrever a intrusão dos afetos geológicos. A personagem se percebe acoplada a um meio e sua percepção, escorregando-se por um território intensivo ela vai despertando e erguendo-se para escutar algo exterior à sua experiência citadina banal. O ocaso veste seus olhos, “aos poucos ela não saberia se olhava a imagem ou a imagem a fitava porque assim sempre tinham sido as coisas e não saberia se uma cidade tinha sido feita para as pessoas ou as pessoas para a cidade – ela olhava” (LISPECTOR, 1949: 51).

Em S. Geraldo, a cidade que a autora projeta em *A cidade sitiada*, os cheiros dos estábulos soterrados pela “ideia de progredir” estremecem o corpo da habitante. Lucrecia, não repartindo o que vê, aspira “uma espécie de integridade espiritual de um cavalo” – uma subjetividade que não mantém a paisagem intacta. Um devir-animal atravessa a cognição espacial da moça e ela bate com as patas no solo, tentando aderir ao que existe. Mais adiante, ela “bate as pálpebras” e constrói a cidade por meio do olhar. Sua subjetividade é intensamente afetada pela corporeidade dos quadrúpedes que, pouco a pouco, vão se tornando rarefeitos nas ruas de S. Geraldo, que se torna lugar de uma arquitetura densa. À medida que S. Geraldo se urbaniza os cavalos são empurrados para as bordas, e lá onde as calçadas se diluem a moça que anda aprende que habitar uma cidade é experimentar sucessivamente a aderência do olhar sobre a realidade.

Essa obra de Clarice Lispector, que tem um estilo diferente de seu outro livro citado anteriormente, manifesta um território pela fricção entre S. Geraldo e os pastos habitados pela animalidade. Os passeios da protagonista conectam esses lugares repartidos e desaceleram a progressão radiante. Sitiar a cidade torna-se o argumento da geografia ficcional que Clarice expõe: ‘perceber-se percebendo’ um regime de signos urbanos a instalar-se; exercitar o poder do olhar para construir modos de acoplar-se aos lugares. De certo modo, a lição trazida pela construção fictícia de S. Geraldo é um jogo com as materialidades geológica e tectônica que contornam nossos limites perceptivos.

Com o movimento das deambulações, e todos os encontros e reflexões suscitados a partir dele, trouxemos a intenção de reiterar práticas espaciais que qualificam a dimensão sensorial dos espaços urbanos e nos permitem vislumbrar urbanidades mais afetivas. Através do rastreamento dos encontros que se dão nas bordas da cidade planejada buscamos fortalecer possibilidades de um olhar crítico sobre modo que o urbanismo opera em favelas, lugares labirínticos por natureza. Aceitamos a lentidão e a deambulação como elementos para uma transformação da percepção sobre a informalidade, com isso a proposição que refuta a tendência de homogeneização e espetacularização da cidade se mostra possível se reconhecemos o valor da alteridade e seus efeitos na ruptura do racionalismo funcionalista.

Em diversos instantes os gestos deambulantes foram atingidos pelos objetivos da reestruturação urbana, que se manifestaram em interdições do movimento corporal, expressando uma operação velada de confinamento dos espaços de deslocamento. A privação das experiências corpóreas em função de um modelo de cidade formal que está a ser implantado em Belo Horizonte é ainda mais preocupante à medida que desvendamos que o teor político da lentidão, um atributo que redimensionou a interpretação do processo urbano, é atingido pela obliteração de maneira direta.

Uma hipótese levantada na introdução – de se traduzir a urbanização da favela como uma forma de obliteração dos lugares informes que comprometendo também a lentidão e as corporeidades – apresentou-se como uma possível leitura sobre um processo prenhe de atualidade. A inserção de nossa crítica foi permeada pelo registro de um bloco de trilhas ambulantes que, mesmo preservando-se a natureza fragmentária destes encaminhamentos, exercem impacto no estado das coisas sugerindo uma leitura da gestualidade que vai é esfacelada subliminarmente à reestruturação estratégica da cidade. Essas trilhas partiram do pressuposto de que a favela, enquanto uma alteridade

no espaço hegemonicamente planejado de uma cidade na ânsia pela celeridade, requer a fabricação de uma epistemologia situada.

Cada uma dessas trilhas, as teóricas e as empíricas, quis exercitar o respeito pela alteridade e documentar como, dentro do pensamento urbanístico, encontra-se operante um comprometimento dos diversos corpos urbanos. Infelizmente, a compreensão da corporeidade que se instala no campo do urbanismo ainda se dá na contra-mão dos sentidos labirínticos, opacos e lentos que nossas deambulações comunicaram. Lançando mão das metáforas do Aglomerado, do embaralhamento da sua alteridade e do cuidado epistemológico sobre um local corporificado, quisemos expandir a apreensão da cidade e conseqüentemente o modo de trabalhar dentro dela. A singularidade que reside em favelas ganhou sua expressão mais contundente na percepção da co-existência entre o humano e o inumano, manifesto num lugar da animalidade no espaço público, subvertendo a temporalidade e instalando um instante anacrônico que nos reportou ao Curral d'El Rey.

A favela tornou-se um processo de territorialização, assim como de desterritorialização e reterritorialização. Um rizoma favela-desfavela-refavela-pósfavela que situou a aparição de um bando de cabras em suas ruas e disparou, entre outras considerações, uma visita ao paradigma do Urbanismo Moderno que nasceu apartado de uma natureza inumana e procede o extermínio urbano da animalidade. Aguçando nossa percepção constatamos o que Merleau-Ponty havia declarado: “o mundo se oferece também aos animais, às crianças, aos primitivos, aos loucos que o habitam à sua maneira, [...] tornamo-nos capazes de encontrar mais sentido e mais interesse nessas formas extremas ou aberrantes da vida ou da consciência” (MERLEAU-PONTY, 2004, p.30)⁶⁹.

Além disso, as deambulações convidam a uma percepção tátil oposta aos relatos incólumes que até então tínhamos acesso, e que mantinham a cidade numa condição intacta. Mas como situar a importância dos pés, quando não das patas, numa cidade que concentra toda sua energia no rosto? Se quisermos desdobrar essa questão nós teremos cada vez mais que buscar deconstruir a sobreposição entre a paisagem urbana e a

⁶⁹ No término de uma conferência transmitida pelo rádio cujo tema é “ Exploração do Mundo Percebido: a animalidade”, Merleau-Ponty ousa imaginar Descartes e Malebranche se confrontando com outras percepções da animalidade, bastante diferentes do modo como esses pensadores da filosofia clássica vinculavam os animais a máquinas “encarregados de sustentar os emblemas do humano e do sobre-humano”. Já para a fenomenologia há uma tarefa de estabelecer com os animais uma relação ambígua, que ultrapasse o convencimento de que existe um “*homem rematado*”, destinado a ser “senhor e possuidor” da natureza, como disse Descartes na parte IV do Discurso sobre o Método (MERLEAU-PONTY, 2004, P.32).

rostidade. Atribuindo aos gestos inumanos um adjetivo de vestígio nos lançamos nessa direção, que incorpora a escala de ‘temporalidades intempestivas’ dentro do urbano. O encontro atroz que foi apresentado no último bloco videográfico fornece uma chave para enxergarmos que a geografia informe das favelas que ocuparam as montanhas de Belo Horizonte torna-se um elemento ativo na composição de subjetividades. Se conseguirmos ultrapassar o paradigma da cidade-organismo então teríamos condições de pensar o território urbano através do conceito deleuziano do CSO.

A ocupação que as cabras efetivam nos entremeios das favelas pode ser considerada como signo de insubordinação do informe frente ao planejamento, um exemplo que subverte a instauração de uma imagem de cidade formal distanciando-se dos consensos que orbitam no processo de reestruturação espacial da capital mineira. O acesso à animalidade carrega o teor de crítica a um urbanismo espetacular: tática de profanação, ruído, fissura e paragem. Por meio da visão da corporeidade inumana transportamos uma sensação atroz até o relato, fornecendo um estranhamento que desloca a habitual definição da subjetividade e aspira sua reterritorialização em um lugar mais poroso.

A tentativa de tomar os registros videográficos como um veículo de leitura e entendimento do processo que envolvia a favela foi um método interessado justamente na experiência dos olhares externos, que não fossem condicionados pela prática do planejamento urbano e que executassem menos finalidades. Esbarrando em sujeitos criadores das táticas profanadoras, que ainda não sucumbiram à sacralização dos espaços públicos, que estão a perder cada vez mais seus usos espontâneos. Enquanto nuances de uma subjetividade subversiva, as crianças e as cabras se transmutam em uma potência corpórea e lenta que talvez só será mais facilmente decifrada na cidade porvir. Esse atravessamento que encontrou nossos caminhos desestabilizou os hábitos do andar e nos levou a não deixar de acreditar em experiências de encantamento e surpresas de jogos.

Finalmente, tivemos a intenção de propor uma percepção lenta, transformando algumas ideias que condicionam a lentidão a um lugar residual ou patrimonial. Incorporar a lentidão como um acúmulo de imagens que listam desvios sensoriais do corpo da cidade significa exercitar um pensamento aproximado, encontrando na paisagem os sintomas da obliteração urbana e do tempo geológico, o que também implica no ensejo de aderência à cidade, rastreando e sondando a multiplicidade dos caminhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

_____. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

ANSELMO, Carolina. *Estudo de tipologias de habitação para o Aglomerado da Serra*. Colóquio MOM de pesquisas em habitação. Escola de Arquitetura da UFMG, Belo Horizonte: 2004. disponível em:

<<http://www.mom.arq.ufmg.br/colouquiomom/expo/anselmo.pdf>>

ARANTES, Otilia; MARICATO, Ermínia; VAINER, Carlos. *A cidade do pensamento único*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ARGUELHES, Delmo de Oliveira ; COSTA, Ana Carolina S. *A higienização social através do planejamento urbano de Belo Horizonte nos primeiros anos do século XX*. *Universitas humanas*, v. 5, p. 109-137, 2009.

BACHELARD, Gastón. *A intuição do instante*. Campinas: Verus, 2007.

BARROS, Manoel. *Gramática expositiva do chão*. São Paulo: Leya, 2010.

BATAILLE, Georges. *Oeuvres Complètes I*. Paris: Gallimard, 1970.

BASBAUM, Ricardo. *Quem é que vê nossos trabalhos?* Seminário Internacional do Museu Vale 2009, Museu Vale, Vila Velha, ES, Brasil, Março 2009. Translated and published in English at Roland, nº1, ICA-London, May 2009. disponível em: <<http://www.b-open.no>>

BLANCHOT, Maurice. *Nietzsche y la escritura fragmentaria*. Buenos Aires: Ediciones Calden, 1973.

BRASIL. Ministério das Cidades. Secretaria Nacional de Habitação. *Urbanização de Favelas: a experiência do PAC*. Brasília, 2010. 88 p.

BRANDENBERGER, Francys. *Plano Global Específico: um instrumento de planejamento urbano em assentamentos subnormais*. Seminário de Avaliação de Projetos IPT, São Paulo, 2001. disponível em:

<<http://www.habitare.org.br/pdf/publicacoes/arquivos/54.pdf>>

- CAMPOS, Augusto de; PLAZA, Julio. *Reduchamp*. São Paulo: Annablume, 2009.
- CHENE, Aurélie. Percepções corporais do mundo urbano. em JEUDY, Henri P e JACQUES, Paola B. *Corpos e Cenários Urbanos*. Salvador: EDUFBA; PPG-AU/FAUFBA, 2006. p. 141-152.
- COELHO, Silvia. *Melancolia e coreografia*. Conferência “Melancolia e Coreografia”, inserida no Colóquio Arte e Melancolia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 26 de Março, 2007. disponível em: <<http://www.melancolia.eusou.com/TEXTOSHTML/silvia.html>>
- CONDE, Luiz P.; MAGALHÃES, Sergio F. *Favela-bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Vivereidades, 2004 .
- COSTA, Thiago de A. *Cidade percorrida + arquitetura presenciada*. Seminário Urbicentros. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.
- COSTA, Valeria. G. ; NASCIMENTO, José A. S. *O conceito de favelas e assemelhados sob o olhar da ONU, do IBGE e das prefeituras do Brasil*. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, São Paulo. Anais Por uma Geografia Latino-Americana: do labirinto da solidão ao espaço da solidariedade. São Paulo : Universidade de São Paulo, 2005.
- DAVIS, Mike. *Planeta-Favela*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- DAVIDOVICH, F. e LIMA, O.M. Buarque de (1975). Contribuição ao estudo de aglomerações urbanas no Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, ano 37, n. 1, jan/mar, 1975.
- DEL RIO, Vicente; GALLO, Haroldo. O legado do urbanismo moderno no Brasil. Paradigma realizado ou projeto inacabado?. *Arquitextos*, São Paulo, 01.006, Vitruvius, nov 2000 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.006/958>>.
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa - filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995
- DUARTE, André. M. . Hannah Arendt e a exemplaridade subversiva: por uma ética pós-metafísica. *Cadernos de Filosofia Alemã*, v. 09, p. 27-47, 2007.

- FARGUELL, Roger W. Muller. *Figuras da dança: sobre a constituição metafórica do movimento em textos*. Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- FERREIRA, João S. W. *O mito da cidade global: o papel da ideologia na produção do espaço urbano*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____. *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro, 2000.
- GIL, Gilberto. *Refavela*. São Paulo: Universal, 1977.
- GOMES, Glaucia. C. O projeto de "urbanização" Vila Viva e a valorização do valor na reprodução social do espaço de Belo Horizonte. Em: 12o *Encuentro de Geógrafos da América Latina*. Montevideo, 2009.
- GONDIM, Linda. Favela, Aglomerado, Subnormal, Comunidade, Ocupação, Assentamento Precário – “diga lá, o que é, o que é?”. Seminário *O que é a favela, afinal?* – Caderno de Textos. Rio de Janeiro: Observatório das Favelas, 2009. pag 23-28. disponível em:
<<http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/acervo/publicacoes.php>>
- GREINER, Chistine. *O corpo em crise*. São Paulo: Ed. Annablume, 2010.
- HISSA, Cássio E. V. WSTANE, Carla. Cidades Incapazes. *GEOgraphia*, Vol. 11, N 21, 2009.
- IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1997.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- JACQUES, Paola B. *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.
- _____. Elogio aos errantes. Breve histórico das errâncias urbanas. *Arquitextos*, São Paulo, 05.053, Vitruvius, out 2004. disponível em:
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.053/536>>.
- JACQUES, Paola Berenstein. Notas sobre espaço público e imagens da cidade. *Arquitextos*, São Paulo, 10.110, Vitruvius, jul 2009
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.110/41>>.

_____ Zonas de tensão: em busca de micro-resistências urbanas. em JACQUES, Paola B., BRITTO, Fabiana D. (orgs.). *Corporcidade* : debates, ações e articulações. Salvador: Edufba, 2010.

JACQUES, Paola B.; JEUDY, Henri-Pierre. *Corpos e Cenários Urbanos*: territórios urbanos e políticas culturais. Salvador, EDUFBA, 2006)

JEUDY, Henri-Pierre. *Petit traité de scissiparité*. Paris: Editions Al Dante, 2009.

LARA, Fernando. Arquitetura ainda que tardia. *Revista AU*, n.200, novembro de 2010.

LEMINSKI, Paulo. *La vie em close*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LEPECKI, André. O corpo colonizado. *Revista Gesto*, nº 2, junho de 2003.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____ *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1983.

MACHADO, Antonio. *Poesías completas*. Madri: Espasa-Calpe, 1973.

MAGNAVITA, Pascoalino R. A cidade exige, conclama, exorta: construa seu corpo sem órgãos. Em: JACQUES, Paola B., BRITTO, Fabiana D. (orgs.). *Corporcidade*: debates, ações e articulações. Salvador: EDUFBA, 2010.

MALINI, Fabio L. *A biopolítica e a inflação das liberdades*. Publicação eletrônica, 24 de janeiro de 2011. disponível em: <<http://fabiomalini.com/?p=8622>>

MARQUES, Eduardo (coord.) *Assentamentos precários no Brasil urbano*. Centro de Estudos da Metrópole/Secretaria Nacional de Habitação/Ministério das Cidades. Brasília, 2010.

MARQUEZ, Renata. M. Imagens da natureza. In: Cássio Eduardo Viana Hissa. (Org.). *Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar*. 1 ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008, v. , p. 33-45.

MASSEY, Doreen. O sentido global do lugar. em ARANTES, A. *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

MATOS, Ralfo E.S. Aglomerações urbanas, rede de cidades e desconcentração demográfica no brasil. XII *Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, Caxambu, 23 a 27 de outubro de 2000. Disponível em:

<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt4_3.pdf>

MELO, Izabel D.O. *O espaço da política as políticas do espaço: tensões entre o programa de urbanização de favelas "Vila Viva" e as práticas cotidianas no Aglomerado da Serra em Belo Horizonte*. Belo Horizonte - Universidade Federal de Minas Gerais, 2009 (Dissertação de Mestrado em Geografia).

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Conversações*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MOURA, Patrícia F. *Da favela ao residencial: reassentamentos populares e modos de vida*. Pontifícia Universidade Católica. Belo Horizonte, 2010 (Trabalho de conclusão de curso).

NIETZSCHE, Friedrich. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Trad. E prefacio: Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

_____ *Assim falava Zaratustra*. São Paulo: Hemus, 1979.

OLIVEIRA, Janaina. Legalização valoriza imóveis em favelas e aglomerados. *Jornal Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 02 de junho de 2010.

PAZ, Octavio. *Obra poética (1935-1988)*. Seix Barral. Primera edición, diciembre 1990.

PORTELA, Thais de B. A escuta às resistências. XIII *Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional*. Florianópolis, 2009.

RIBEIRO, Ana Clara T. Dança de sentidos: na busca de alguns gestos. em JACQUES, Paola B., BRITTO, Fabiana D. (orgs.). *Corporidade: debates, ações e articulações*. Salvador: EDUFBA, 2010.

RODRIGUES, Leo; LAGES, Luisa. A reinvenção da favela. *Diversa - Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*. Ano 8 - nº 17 - agosto de 2009. disponível em: <<http://www.ufmg.br/diversa/17/index.php/aglomerados/a-reinvencao-da-favela>>

SABINO, Fernando. *Lugares-comuns*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

SANSOT, Pierre. *Du bom usage de la lenteur*. Paris: Ed. Payot e Rivages, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2008.

_____ *Escrita INKZ*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira; VOGEL, Arno. Quando a rua vira casa: a apropriação dos espaços de uso coletivo em um centro de bairro. São Paulo: FINEP/IBAM, 1985.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Ed. Record, 2008.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2001.

_____. *O tempo nas cidades*. São Paulo: Ciência e cultura, 56, 2, abril-maio 2004, p. 21-22.

_____. *Elogio da lentidão*. São Paulo: Folha de São Paulo, 11 de março de 2001.

SASSEN, Saskia. *As Cidades na Economia Mundial*. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

SILVA, Marcio G. *Favela cidade jardim: Análise ambiental do Programa Vila Viva – Serra Urbanização de vilas e favelas em Belo Horizonte*. CIDEU – publicação eletrônica, 2010. disponível em: < www.cideu.org>

SMITH, Neil. *Gentrificação, a fronteira e reestruturação do espaço urbano*. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, N° 21, pp. 15 - 31, 2007. disponível em <http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp21/Artigo_Neil.pdf>

VIRILIO, Paul. *Velocidade e política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

Consulta a Sítios Eletrônicos

Centro Iberoamericano de Desarrollo Estratégico Urbano – CIDEU: <www.cideu.org>

Companhia Urbanizadora de Minas Gerais – URBEL:

<<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?app=urbel>>

Corpocidade – debates em estética urbana: <www.corpocidade.dan.ufba.br>

Fast/slow_scapes: <<http://desvirtual.com/scapes>>

Fotografias do bairro Cidade Jardim:

<<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=481069>>

Google Mapas: < <http://maps.google.com.br>>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE: <www.ibge.gov.br>

Marcher em Ville: <www.marcherenville.ufba.br>

Matéria jornalística sobre Segonzac - FR: <<http://videos.tf1.fr/jt-20h/elogue-de-la-lenteur-6109600.html>>

Ministério das Cidades: <www.cidades.gov.br>

MOM – Morar de Outras Maneiras: <www.mom.arq.ufmg>

O Rumo do Fumo – Vera Mantero: <www.orumodofumo.com>

Paisagem Ambulante: <www.paisagemambulante.blogspot.com>

Projeto Helio Oiticica: <<http://www.heliooiticica.org.br/home/home.php>>

Radical Art: <<http://radicalart.info>>

Tombo – registro de performance: <www.youtube.com/missgoodlife>

Uma misteriosa coisa disse o e.e. cummings – registro de performance: <http://www.youtube.com/watch?v=nVk_9M4SZkc>

Urbanismo.br: <<http://www.urbanismobr.org/novosite/index.php>>

Wikipédia: <www.wikipedia.org>